

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

Luciana Rothberg Vieira

NA SUPERFÍCIE TÊXTIL:

NARRATIVAS EM ESTAMPAS DE RONALDO FRAGA

Belo Horizonte

2012

Luciana Rothberg Vieira

NA SUPERFÍCIE TÊXTIL:

NARRATIVAS EM ESTAMPAS DE RONALDO FRAGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Arte e Tecnologia da Imagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Mabe Machado
Bethônico

Belo Horizonte

2012

Rothberg, Luciana, 1962-

Na superfície têxtil [manuscrito] : narrativas em estampas de
Ronaldo Fraga / Luciana Rothberg Vieira. – 2012.

136 f. : il.

Orientadora: Mabe Machado Bethônico.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Belas Artes.

1. Fraga, Ronaldo – Teses. 2. Estilistas (Moda) – Brasil – Teses.
3. Moda – Brasil – Teses. 4. Moda e arte – Teses. 5. Moda – Teses.
I. Bethônico, Mabe Machado. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 391.00924



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação da aluna **LUCIANA ROTHBERG VIEIRA** Número de Registro **2010721530**.

Título: **NA SUPERFÍCIE TÊXTIL: NARRATIVAS EM ESTAMPAS DE RONALDO FRAGA**

Profa. Dra. Mabe Machado Bethonico – Orientadora - EBA/UFMG

Prof. Dr. Augustin Maurice Marie Gondallier de Tugny – titular – EBA/UFMG

Profa. Dra. Vanessa Madrona Moreira Salles - titular - FUMEC /MG

Belo Horizonte, 05 de setembro de 2012

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa só foi possível graças ao auxílio de muitas mãos amigas que me foram estendidas como apoio intelectual, material, espiritual e afetivo.

A mais eterna gratidão aos meus amados Mestres que proporcionaram a possibilidade de desenvolver este trabalho.

Ao meu marido e companheiro Osório Junior, pela generosidade e cumplicidade em todos os momentos significativos desta pesquisa.

À minha querida família, pela compreensão e apoio de perto e de longe.

Aos meus bons amigos e amigas-irmãs, que compartilharam comigo esta trajetória, pela torcida positiva.

Agradeço à minha Orientadora e Amiga Prof^ª. Mabe Bethônico Machado, que teve a perseverança de acreditar em meu potencial de pesquisadora.

Ao Pesquisador e Professor Carlos Henrique Falci, pelas muitas conversas proveitosas que tivemos.

Aos professores da Escola de Belas Artes / EBA – UFMG, que de inúmeras formas contribuíram para esta realização: Maria Elisa Campos do Amaral, Maria do Carmo de Freitas Veneroso, Wanda de Paula Tofani, Evandro José Lemos da Cunha, Maurício Gino.

À Coordenadora da Pós-Graduação, Prof^ª. Dr^ª. Lucia Gouvea Pimentel pelo voto de confiança no sucesso desta pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, em especial à Zina Pawlowski de Souza, pela gentileza e competência em me ajudar quando necessário.

Agradeço a CAPES / REUNI, que me proporcionou um importante suporte material por dois anos.

À Coordenadora do Curso de Design de Moda - UFMG, Prof^a. Maria Goreti Boaventura, minha sincera gratidão pela maravilhosa oportunidade de fazer parte da equipe do curso.

Aos Professores do Curso de Design de Moda – UFMG, Adriana de Castro Dias Bicalho, Lucia Aparecida Felisberto Santiago, Tarcísio D’Almeida, Juliana Barbosa e Soraya Aparecida Álvares Coppola, pela boa vontade em compartilhar os seus conhecimentos.

Aos alunos e bolsistas do Curso de Design de Moda - UFMG, com quem compartilhei muitos conhecimentos que nortearam esta dissertação.

À Angélica Oliveira Adverse, Professora da Universidade FUMEC, pela graciosa participação na Banca de Exame de Qualificação e por indicar rumos relevantes para a presente pesquisa.

Agradeço atentamente ao Prof. Augustin Maurice Marie Gondallier de Tugny por sua participação valiosa nas Bancas de Exame de Qualificação e Final.

À Prof^a Vanessa Madrona Moreira Salles, Coordenadora do Curso de Especialização/ Design de Moda / FUMEC, por sua disponibilidade e interesse em participar na Banca Final desta pesquisa.

À Charles Daniel Tavares que, de forma solícita revisou este texto.

À Bya Medeiros, por seu interesse e amizade.

Por fim, agradeço cordialmente a Ronaldo Fraga e equipe, que me forneceram dados fundamentais para a realização desta dissertação.

RESUMO

O presente estudo investiga o universo de sentidos criados pelo *designer* de moda Ronaldo Fraga em sua produção, que concebe narrativas no campo da moda, utilizando a memória, o afeto e o humor como formas de expressão. O foco desta pesquisa se encontra na análise do significado imagético presente em algumas de suas coleções, pelo viés das estampas, consideradas como campo de expressão de um imaginário repleto de símbolos, que espelham dinamicamente o momento contemporâneo.

Palavras-chave: moda, narrativas, estampas, Ronaldo Fraga.

ABSTRACT

This dissertation looks into the universe of meanings created by fashion designer Ronaldo Fraga in his production, which conceives narratives in the field of fashion, utilizing memory, affection and humor as means of expression. This research focuses on the analysis of the meaning of the imagery contained in his collections in the printed surfaces, considered as field of expression of his imagination, filled with symbols that reflect dynamically the contemporary moment.

Keywords: fashion, narratives, printed surface, Ronaldo Fraga

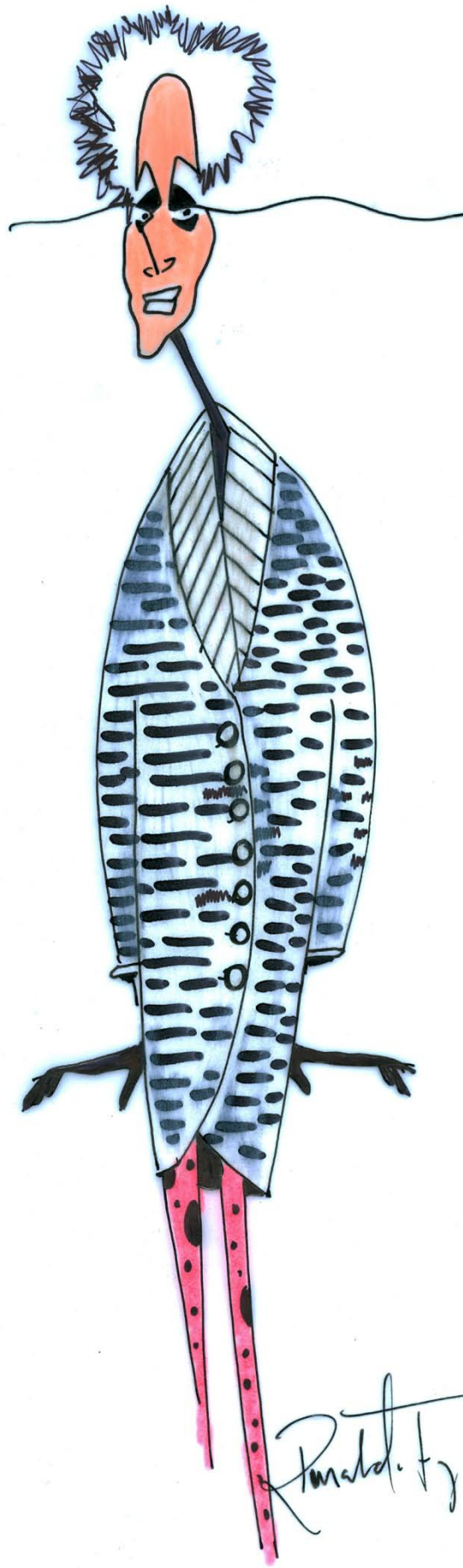
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ronaldo Fraga. Croquis. 2011.....	11
Figura 2 - Ronaldo Fraga. <i>Tags</i> . Coleção <i>Turista Aprendiz</i> . Verão 2010 / 2011.....	39
Figura 3 - Ronaldo Fraga. Logomarca. 2010.....	40
Figura 4 - Fotografias de Ronaldo Fraga	41
Figura 5 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>Costela de Adão</i>	42
Figura 6 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Eu amo coração de galinha</i> . Inverno 1996.....	43
Figura 7 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>O império do falso na bacia das almas</i> . Verão 1997	46
Figura 9 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>A roupa</i> . Inverno 1999.....	46
Figura 8 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Cordeiro de Deus</i> . Verão 2002/ 2003	46
Figura 10 - Ronaldo Fraga. Terno. Coleção Rute - Salomão. Inverno 2001.....	47
Figura 11 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>Corpo Cru</i> . Inverno 2002	47
Figura 13 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>Rio São</i> . Verão 2008 / 2009.....	47
Figura 12 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção São Zé. Verão 2004 / 2005	47
Figura 14 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>Nara Leão</i> . Verão 2007 / 2008.....	48
Figura 15 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>A Loja de Tecidos</i> . Inverno 2008.....	48
Figura 16 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>Disneylandia</i> . Verão 2009 / 2010.	49
Figura 17 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>As viagens de Gulliver</i> . Inverno 2003	49
Figura 18 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>A Cobra: Ri</i> . Verão 2006 / 2007	50
Figura 19 - Ronaldo Fraga. Estampas. Coleção <i>Roupas de croquis</i> . Inverno 2012.	50
Figura 21 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	59
Figura 21 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	63
Figura 22 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.....	63
Figura 23 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005	65
Figura 24 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	65
Figura 25 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	66
Figura 26 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005..	68
Figura 27 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	69
Figura 28 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	71
Figura 29 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	71
Figura 31 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.	72
Figura 30 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.....	72
Figura 32 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005	74
Figura 33 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.....	75

Figura 34 – Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.....	77
Figura 35 – Ronaldo Fraga. Coleção <i>Todo mundo e ninguém</i> . Inverno 2005.....	78
Figura 36 - Grupo Giramundo Teatro de Bonecos. Cena da peça GIZ. 2008.....	82
Figura 37 - Ronaldo Fraga. Cenário. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.	85
Figura 38 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	87
Figura 39 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009	88
Figura 40 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	88
Figura 41 - Álvaro Apocalypse. Esboços. Peça GIZ. 1988.	89
Figura 42 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	90
Figura 43 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	91
Figura 44 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	92
Figura 45 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	93
Figura 46 – Ronaldo Fraga. Coleção <i>Tudo é risco de giz</i> . Inverno 2009.....	94
Figura 48 - Ronaldo Fraga. Casaco infantil. 2003	95
Figura 47 - Ronaldo Fraga. Vestido infantil. 2001.....	95
Figura 49 - Zuzu Angel. Vestidos e saia de chita. [ca. 1960].....	103
Figura 50 - Zuzu Angel. Frase e assinatura. [ca. 1970].....	104
Figura 51 - Zuzu Angel em frente à sua loja no Rio de Janeiro. [ca. 1970].....	106
Figura 52 - Zuzu Angel usando blusa bordada com o anjo. [ca. 1970]	106
Figura 53 - Zuzu Angel. Detalhe de bordados. 1971.....	106
Figura 54 - Zuzu Angel. Vestido com bordados. 1971	106
Figura 55 - Zuzu Angel. Vestido preto e detalhes dos adereços. 1971..	108
Figura 56 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001 / 2002	111
Figura 57 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002	112
Figura 58 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002	113
Figura 59 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002.....	114
Figura 60 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002	114
Figura 61 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002.....	115
Figura 62 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002.....	115
Figura 63 - Zuzu Angel. Vestido com pássaros. 1972.....	116
Figura 64 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002.....	117
Figura 65 - Ronaldo Fraga. Coleção <i>Quem matou Zuzu Angel?</i> Verão 2001/2002	118
Figura 66 – Ronaldo Fraga. Páginas do livro Coleção Moda Brasileira. <i>Ronaldo Fraga</i>	119
Figura 67 - Ronaldo Fraga. Linha Chuva. Tok & Stok. 2010	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - ENTRE A ROUPA E A MODA.....	17
1.1 - EXPRESSANDO SUBJETIVIDADES.....	17
1.2 - PRODUZINDO VALOR.....	21
1.3 - OPERACIONALIZANDO A CRIAÇÃO	26
2 - OS SENTIDOS DE RONALDO FRAGA.....	30
2.1 - COSTURANDO MULTIPLICIDADES	32
2.2 - FIANDO AUTORALIDADES.....	33
2.3 - RENDILHANDO VALORES HUMANOS	36
2.4 - VESTINDO A MARCA COM HUMOR.....	40
2.5 - TECENDO PALAVRAS.....	45
3 - COLEÇÃO TODO MUNDO E NINGUÉM.....	52
3.1 - O POETA	54
3.2 - IMPREGNANDO-SE COM POESIA.....	58
3.3 - CORAÇÕES E DELICADEZAS	64
3.4 - NO FIO DA PALAVRA	66
3.5 - TEMPORALIDADES.....	74
4 - COLEÇÃO TUDO É RISCO DE GIZ	80
4.1 - O GIZ DO GIRAMUNDO.....	80
4.2 - A COLEÇÃO	84
4.3 - ESTAMPA: BOLACHAS MARIA.....	94
4.4 - REINVENTANDO LEMBRANÇAS.....	96
4.5 - <i>PUER AETERNUS</i>	99
5 - COLEÇÃO QUEM MATOU ZUZU ANGEL?	102
5.1 - ZUZU ANGEL.....	103
5.2 - O ANJO.....	105
5.3 - A COLEÇÃO	110
5.4 - ESTAMPA: LÁGRIMAS DE SANGUE.....	118
5.5 - INTERSUBJETIVIDADES	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	128



INTRODUÇÃO

Ronaldo Fraga, defensor confesso da produção cultural brasileira, é reconhecido internacionalmente como um dos nomes mais importantes do campo da moda no Brasil. O criador tem hoje um público cativo que responde calorosamente às suas criações, sobretudo por sua forma ímpar de contar histórias emocionantes, por meio da elaboração de roupas.

As estratégias do estilista, no que concerne ao seu processo produtivo, vão no sentido de aproveitar os espaços da moda como possibilidades de ‘aberturas’ que configuram tensões e intenções entre diferentes áreas. Utilizando a memória, o afeto e o humor, sua produção é marcada tanto por elementos visuais com forte carga imagética, quanto por um discurso que revela as motivações norteadoras de sua prática criativa e autoral. Dessa forma, o estilista oferece ao espectador um envolvente mundo simbólico de onde emerge a própria estória do seu fazer poético. Propondo uma moda que não é feita apenas para se vestir, mas também para instigar percepções além do comum. Inventando e renovando sensibilidades, em um mundo em crescente padronização.

A moda, abordada como um espaço de manifestação de múltiplas relações e processos culturais, ao moldar e ser moldada pelo mundo em que vivemos, permite vislumbres e percepções que revelam o momento contemporâneo, em toda a sua abrangente complexidade. Em sintonia com essa visão, o estilista afirma que “a moda, como um fenômeno que permite diálogo com todos os assuntos, é um fantástico instrumento de comunicação¹”. Analisando a trajetória do designer fica claro que, para ele, moda é antes de tudo linguagem, um instrumento de comunicação para documentar o humano, o social, o político e principalmente, o cultural.

A atenção inicial despertada pelo seu trabalho deve-se à expressividade colorida de seus desenhos, chamados por ele de croquis, mas que se configuram muito mais

¹ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

como ilustrações de moda do que como esboços, na medida em que, entremeadas às formas gráficas, expressam uma dose melancólica de humor, despertando uma reação sensitiva do olhar do observador.



FIGURA 1 - Ronaldo Fraga. Croquis. 2011.

O interesse em desenvolver a presente pesquisa dá-se também pelo histórico da pesquisadora que é permeado por experiências no campo da moda, tanto como empresária, quanto como *designer* gráfica. Além das experiências adquiridas como bolsista da CAPES/ REUNI do Curso de Design de Moda da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em que uma série de atividades didáticas a alunos da graduação foi desenvolvida e fez surgir o desejo de se pesquisar mais atentamente o conjunto das coleções do estilista, sensibilizada pela beleza e pertinência das fabulações que o artista imprime em suas roupas.

Em sua abordagem da moda, Ronaldo Fraga constrói narrativas cuja associação de desenhos e padrões gráficos com uma vertente ligada à expressão da palavra, resgata memórias afetivas, culturais, históricas, sociais. Impregnada de textos e subtextos, a superfície têxtil de suas criações expõe os modos como os sentidos são elaborados, materializando-se em estampas, cores e tecidos. Dentro desse entendimento, a dissertação reúne diferentes elementos visuais inseridos em suas coleções e, a partir das relações estabelecidas entre as peças do conjunto, investiga

como são manifestados esses circuitos poéticos, quais significados concentram e que diálogos suscitam com a contemporaneidade.

Em um mundo globalmente interligado, em que a informação circula muito rapidamente, escolher o trabalho de uma personalidade contemporânea como objeto de pesquisa significa defrontar-se com a imensa quantidade de dados disponibilizados por fontes alternativas, sendo a Internet a principal delas. Uma rápida consulta *online* em busca de imagens associadas ao nome 'Ronaldo Fraga' fornece uma relação de mais de trezentos mil resultados. Entre estes, matérias jornalísticas e entrevistas, bem como registros dos desfiles e declarações sobre o seu trabalho, tanto em *websites* especializados em assuntos do campo da moda, quanto em páginas de assuntos gerais associados a diversas instituições, além de inúmeros blogs. No entanto, uma leitura mais atenta desse conteúdo revela que a maior parte desse material se configura como simples repetição, sendo necessária a realização de uma atenta triagem para selecionar o material relevante.

Por outro lado, o *website* de Fraga apresenta uma linha de tempo que organiza as suas coleções cronologicamente. Cada coleção tem seu próprio menu em página personalizada que dá acesso ao *release* e a algumas fotos. Além disso, constam algumas informações sobre sua trajetória e sobre a loja da marca. Tudo, porém, de forma bastante resumida e incompleta. Para se aprofundar na pesquisa, utilizou-se um único livro publicado até o momento, que traz uma seleção das coleções de Fraga no período de 1996 a 2006, bem como a sua cronologia pessoal. Felizmente, o estilo de produção e apropriação cultural de Fraga tem atraído o interesse da área acadêmica brasileira, tanto no crescente setor da moda, com a multiplicação dos cursos universitários centrados nesse campo, como também, sendo foco de interesse para estudos nos campos do *design*, comunicação, sociologia, entre outros. Assim, a reflexão textual realizada ao longo desta dissertação estabelece interfaces com alguns desses estudos na busca de se desenvolver um conhecimento mais amplo sobre o assunto.

Feito o trabalho preliminar de compilação, seleção e estudo do material disponível e relevante para desenvolver os objetivos desta pesquisa, fez-se necessário

promover um encontro com o autor das obras, *corpus* deste estudo; que se concretizou no escritório de sua fábrica, em Belo Horizonte. Um ambiente amplo, cercado de caricaturas do próprio estilista, feitas por diversos artistas.

A entrevista transcorreu simultaneamente aos preparativos finais do seu livro *Caderno de roupas, memórias e croquis*, cujo lançamento teve que ser adiado devido ao extravio de alguns croquis, produzidos durante uma de suas viagens. Por isso, enquanto conversávamos o estilista, debruçado sobre um caderno, ia completando os desenhos já traçados em nanquim, colorindo-os rapidamente com diferentes lápis de cor aquarelados. Ao mesmo tempo, como um profissional que faz da palavra um íntimo aliado, Fraga esclareceu atenciosamente todas as perguntas relacionadas às suas estampas e à sua visão cultural da moda, conforme será abordado ao longo do texto. E indo além, o artista disponibilizou um vídeo², o qual preparava com a intenção de lançar junto com o livro, em que ele conta passagens sobre a sua ligação com o desenho e o lápis de cor. Em cena memorável, via-se o entrevistado simultaneamente colorindo seus desenhos no vídeo e ao vivo.

A ele foi solicitado o acesso ao acervo das coleções passadas, contudo, tal solicitação só pode ser atendida parcialmente, porque não existe a organização desse material e das primeiras coleções, quase nada foi guardado. O restante se encontrava encaixotado, à espera da reforma num espaço que será especialmente preparado para isso. Explicando a dupla situação, ou seja, o atraso na entrega do material para a publicação do caderno de croquis e a indisponibilidade do acervo, Fraga conta que:

Eu nunca dei muita importância à questão do registro, isso é uma coisa mais recente. Então, terminava uma coleção e jogava o caderno fora e ia fazer uma outra coisa, e agora me vejo obrigado a refazer. Até peças de coleções passadas eu tive que comprar de volta, para montar uma exposição retrospectiva³.

² Com o atraso na data de lançamento do livro, o vídeo foi disponibilizado na internet na mesma época em que a Coleção *Roupas, Memórias e Croquis* - Inverno 2012, que tem o mesmo tema relacionado, chegou à loja. Disponível em: <<http://vimeo.com/33032514>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

³ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

Uma questão que pode ser considerada contraditória, quando se observa na trajetória do estilista, a importância dada por ele mesmo à moda como 'registro de um tempo', conforme se pode perceber em suas próprias palavras, em entrevista concedida a jornalista Graziela Moreli, em 2006:

[...] um dos principais objetivos da moda é discutir, tentar refletir, repensar, é tentar marcar ou tentar registrar de forma eficiente o tempo que a gente está vivendo.⁴

Contudo, faz-se relevante salientar que, atendendo ao que lhe foi solicitado, as peças existentes das Coleções *Quem matou Zuzu Angel*, *Todo mundo e ninguém* e *Tudo é risco de giz* foram localizadas, desempacotadas e disponibilizadas para a pesquisa; assim como as fotografias dos desfiles. Além disso, ele abriu espaço para que, em companhia de sua diretora de criação Caroline Fagundes, fosse possível visitar a sua fábrica, conhecer e conversar com a sua equipe, o que resultou numa experiência positiva ao trazer para o campo do cotidiano, a percepção de como é feita, na prática, a produção de suas roupas.

Com o intuito de dimensionar o âmbito processual aonde se dá a atuação dos estilistas de moda em geral, o primeiro capítulo propõe a investigação das relações dinâmicas presentes entre a roupa e a moda, bem como as confluências entre a produção desses dois campos, no sentido de compor um painel revelador das múltiplas práticas e discursos estéticos existentes em potencial nessas áreas. Contexto impregnado de contradições simbólicas, que gesta e é gestado a partir da complexidade e diversidade do mundo atual.

O segundo capítulo apresenta um olhar panorâmico sobre as várias facetas presentes na trajetória de Ronaldo Fraga, visando ampliar a compreensão de seu processo criativo, considerando as contextualizações criadas a partir de suas escolhas temáticas. Inseridos nesse propósito, indicamos momentos significativos

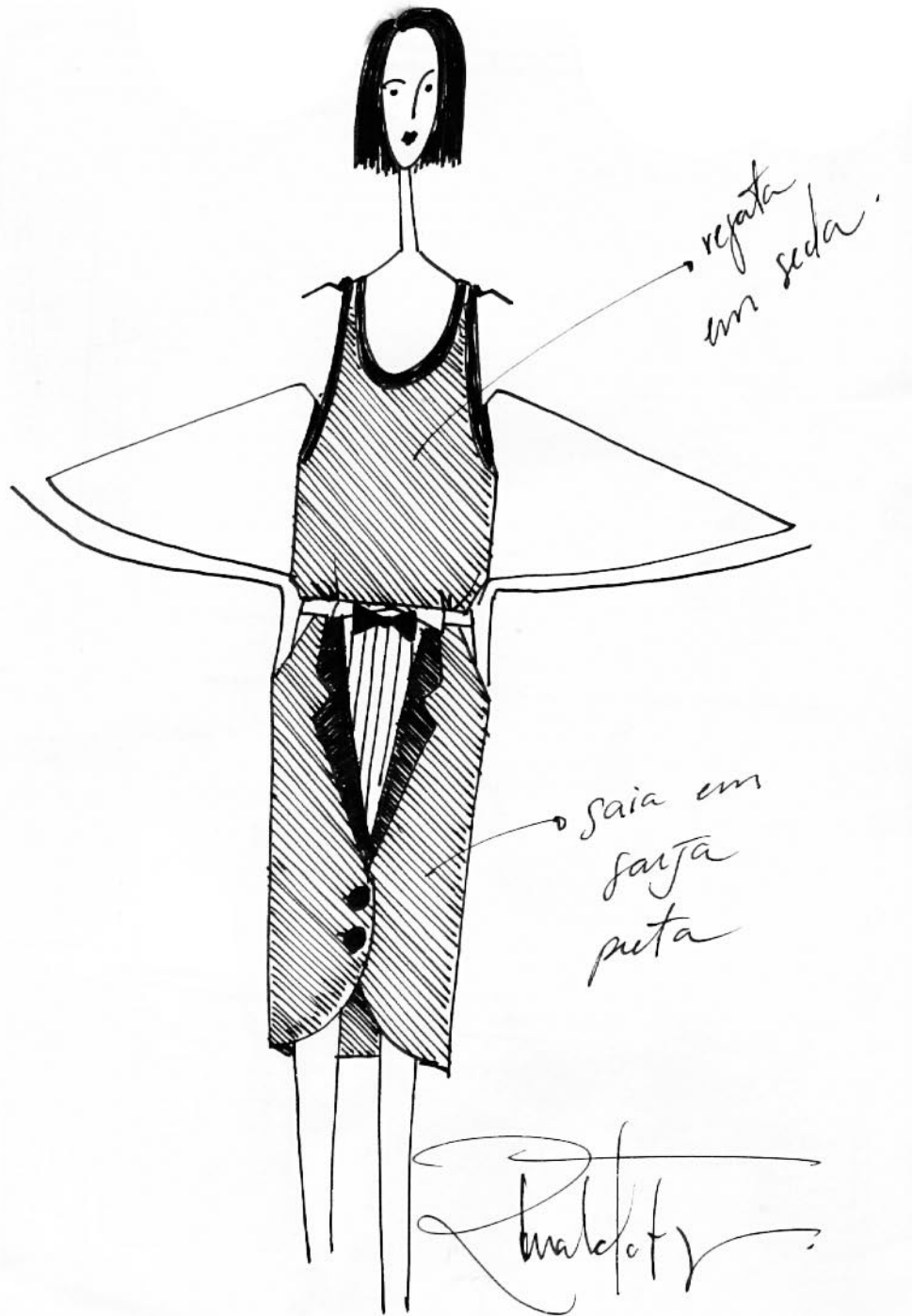
⁴ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Graziela Moreli, 2006. Disponível em: <<http://olharouvirescrever.blogspot.com/2006/04/olhar-moda-ronaldo-fraga.html>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

da sua trajetória em que investigamos como o estilista realiza as suas pesquisas e o que o motiva a escolher determinados assuntos. O texto propõe uma forma de escrita que permite a emergência da própria voz do criador, conduzindo os sentidos construídos em sua obra, como uma forma de compreender a sua visão e construção imagética. Vale ressaltar que não existe a intenção de traçar um inventário sequencial de sua história e sim, configurar alguns eixos de interpretação que nos possibilitem compreender a dimensão simbólica presente nas suas roupas.

Salientamos como a palavra recebe uma ênfase peculiar na proposta do estilista, ocupando diferentes espaços em seu trabalho, para expressar as suas percepções sensíveis sobre o humano, o social, o político e principalmente, o cultural. A palavra está impregnada em diferentes formas na sua obra, expandindo os contextos propostos, como é o caso das várias criações que se inspiram na literatura ou na constante presença visual da escrita impressa sobre a roupa.

No terceiro capítulo, a análise se volta para a realização de um aprofundamento nos meandros criativos da leitura e tradução poéticas oferecidas por Fraga. Para tanto, é trazido um olhar mais demorado sobre a Coleção *Todo mundo e ninguém*, inspirada na obra do poeta Carlos Drummond de Andrade, em busca das relações intertextuais aí existentes.

Nos capítulos quatro e cinco, contextualizando a pesquisa no âmbito da memória, imaginação, identidade e alteridade, busca-se o aporte teórico e filosófico de Paul Ricoeur e Gaston Bachelard para se debruçar sobre a questão do resgate de memórias afetivas, históricas e culturais através da análise das Coleções *Tudo é risco de giz* e *Quem matou Zuzu Angel* a fim de fazer uma leitura ampliada de seus conteúdos e mergulhar nos significados poéticos de uma estampa em particular, destacada de cada conjunto. Dessa forma, intenta-se compreender de que maneira cada peça gráfica selecionada contribui para a condução, desdobramento e extrapolação da narrativa relativa à sua coleção, revelando-se campo de expressão do imaginário coletivo.



CAPÍTULO 1

1 - ENTRE A ROUPA E A MODA

Acredito na roupa como um elemento vivo. Uma estrutura que numa relação amorosa com o corpo, constrói uma narrativa que ilustra e registra a face de um país e seu tempo.

Ronaldo Fraga

1.1 - EXPRESSANDO SUBJETIVIDADES

Cobrir, descobrir, recobrir e encobrir - assim como vestir, desvestir e revestir - são atos intrinsecamente relacionados ao vestuário, que assumem múltiplas funções de conexão entre o indivíduo, o seu ambiente e a coletividade. A roupa, como um espaço de projeção e intermediação do indivíduo com o mundo à sua volta ganha

assim, inúmeras leituras possíveis. Como em camadas, a pele-roupa entrelaçada às formas humanas de expressão se manifesta na cultura vigente de cada época, codificando o senso comum e o especial, o ordinário e o extraordinário, tanto no âmbito público, quanto no privado.

No contexto atual, o tema do vestuário encontra-se intimamente imbricado ao mundo da moda, fenômeno este ambíguo, que não apenas abrange os códigos coletivos do vestir, mas que participa ativamente do ambiente cultural contemporâneo, como um elemento estimulante em que as pessoas são instigadas a vivenciar diferentes formas de apresentação e representação de si. O universo da moda contém uma dimensão agregadora de significados abrangentes, em que as peças de vestuário atuam como formas de expressão da subjetividade e identidade do indivíduo, tornando possível a este assumir a aparência de diferentes personagens e personalidades; espaço no qual o homem “modela, recria e inventa imagens de si próprio”⁵.

Considerada por Giles Lipovetsky⁶ como uma “expressão da liberdade dos sujeitos” principalmente a partir da modernidade, a maneira de se vestir no contexto contemporâneo insere-se, portanto, numa conjuntura que amplia, de forma inédita até então, a margem de expressão do indivíduo diante da família, de seus pares e nas interações sociais. Assim, com o que ou como escolhemos nos vestir passa a representar um espaço de manifestação de nossos valores e visão de mundo.

A moda entendida como passagem perpassa, portanto, vários espaços que oscilam entre o funcional e o visual, entre a necessidade e o ideal, caracterizando-se pela sinalização da atualidade vivida por seus sujeitos. A roupa acompanha a trama dessa construção e expressa a sua relação com a própria imagem, ajudando a construir diversas narrativas e expressões sobre quem somos e – já que a busca pela individualidade flui paralela à necessidade de integração social – como queremos ser vistos.

Em seu livro sobre *Moda e linguagem*, Kathia Castilho ressalta que

⁵ GRAGNATO, 2008, p. 21.

⁶ LIPOVETSKY, 2009. p. 49.

Moda é a forma de escrever o seu texto visual, sua identidade, seu ser na contemporaneidade. Seu guarda-roupa é repleto de possibilidades de combinações e cada uma delas permitirá um determinado texto, uma determinada frase que fala de você.⁷

A superfície têxtil da roupa, acrescida de estampas, bordados e texturas, tem o poder de tornar visível outros conteúdos – além da milenar função decorativa, que traduzem um grande diferencial, na medida em que podem ser percebidos como um mural ambulante; sinais culturais que refletem inúmeras intenções. Submetendo as vestes a “uma gama de realidades que assumem a forma de discursos vestidos sobre a pele⁸”, conforme indica Valéria Brandini:

A moda hoje pode ser lida como uma ‘vitrine do mundo moderno’ a incorporar valores imateriais, visões de mundo, ideologias, conflitos e toda uma gama de realidades imateriais da vivência urbana contemporânea [...].⁹

Paralelamente, é importante considerar que o discurso imagético que impregna e circunda as vestimentas, ao mesmo tempo em que se dá pleno de conteúdo simbólico, é parte fundamental do atual fenômeno midiático que oferece as mais diversas imagens numa miríade de opções, em uma avalanche de informações. Nessa complexidade multiplicam-se os estilos e as modas, dando lugar a uma pluralidade de imagens e possibilidades.

Vivendo numa cultura inundada de imagens que nos envolvem e que se multiplicam com um enorme poder de direcionamento dos sentidos, ou seja, num contexto cultural em que impera a superexposição imagética, o corpo humano corre o risco de se desconectar de suas dimensões psíquicas mais abrangentes, reduzindo-se à sua fachada externa. É quando, no desafio contemporâneo de auto-expressão, o indivíduo só consegue se posicionar enquanto aparência. Só conseguindo se enxergar enquanto individualidade, ao olhar-se de fora de si mesmo.

⁷ CASTILHO, 2009, p. 15.

⁸ BRANDINI, 2007.

⁹ ibidem.

Por outro lado, a liberdade de escolher as formas que desejamos incorporar, a partir da multiplicidade de opções imagéticas disponíveis, instiga derivações em que a subjetividade pode encontrar outras significações, não apenas ou não necessariamente alienantes, mas proporcionando a integração de espaços internos. Dimensões outras que podem ser despertadas a partir da abertura concedida a essas vivências experimentais. Ocasionalmente *insights* que provocam, e até mesmo alavancam, o afloramento de aspectos sensíveis, éticos, existenciais, intersticiais.

Em suas formulações, no livro *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*, Rosane Preciosa¹⁰ ressalta que “no território específico da Moda, talvez fosse proveitoso a gente sintonizar os momentos em que ela escapole, vaza, dos campos mapeados e previsíveis e nos propõe outros diagramas para nossa vida”. Assim, ao pensar na volatilidade do corpo redesenhado, que interage através das roupas, em que o indivíduo destrói, cria e recria imagens de si, refletindo ou simulando as múltiplas identidades que ele assume no seu convívio com o outro, podemos estar assistindo a um processo fenomenal de descoberta deste mesmo ser, que se autoafirma inteiro em sua contínua transformação.

Num campo cuja complexidade é descrita assim por Lucia Santaella¹¹: “o retrato da moda é infixável, sua definição é incapturável, sua natureza pluriforme, multifacetada”, um trabalho de decifração desses vínculos – reveladores e incentivadores da complexa comunicação contemporânea – torna-se possível quando buscamos compreender algumas facetas potencialmente reveladoras de como são geradas essas novas camadas de significados.

Portanto, após vislumbrar a amplitude existencial que envolve o tema, interessamos examinar as relações que envolvem a produção desses elementos subjetivos, como formas de expressão de identidades que impregnam e são impregnadas pelas roupas, em busca de compreender como se configura o espaço de atuação dos *designers* de moda, ao concentrar em sua prática criativa um poder catalisador das sensibilidades e percepções contemporâneas.

¹⁰ PRECISOSA, 2005, p. 59.

¹¹ SANTAELLA, 2002, p.10.

1.2 - PRODUZINDO VALOR

Numa sociedade onde a indústria de produção de vestuário e a indústria cultural da moda se apresentam essencialmente misturadas, a roupa já nasce transmutada em moda, assim como a moda encontra no vestuário “a sua mais antiga matéria-prima¹²”. A roupa estabelece diálogos, como interface ativa entre o corpo e a cultura, que valorizam a materialidade e a imaterialidade como faces de uma mesma estrutura inter-relacional. Considerar esses dois campos como pólos opostos e complementares de uma conjuntura dinâmica possibilita fazer, para efeito deste estudo, uma distinção analítica interessante entre eles, ainda que simplificada. Desse ponto de vista, de um lado temos a roupa em sua materialidade que, embora não isenta de sua própria importância simbólica, se codifica como um suporte para outras linguagens. Na outra ponta, temos a moda enquanto valor imaterial, que vai agregar os elementos subjetivos que acrescentam dimensões outras, configurando significados simbólicos, comportamentais e conceituais. Nessa direção é que Yuniya Kawamura¹³ afirma que a moda não é a roupa visível em si, mas os elementos invisíveis que a peça carrega.

Já para Pierre Bourdieu¹⁴, no campo da moda “o trabalho de fabricação propriamente dito, não é nada sem o trabalho de produção do valor do produto e do interesse pelo produto”. Para ele, é fundamental que seja feita uma ‘transubstanciação alquímica’ da mercadoria em atraente e potente imagem. O que a transforma, por meio de uma espécie de pacto coletivo, em um bem altamente desejável. Assim, a criação de uma aura brilhante em torno de um produto específico envolve a combinação de diversos fatores singulares: agentes, instrumentos, circunstâncias.

Na produção de bens simbólicos, as instituições aparentemente encarregadas de sua circulação fazem parte integrante do aparelho de produção que deve produzir, não só o produto, mas também a crença no

¹² LIPOVETSKY, 2009.

¹³ KAWAMURA, 2005.

¹⁴ BOURDIEU, 2008, p. 163.

valor de seu próprio produto.¹⁵ (...) os circuitos de produção e circulação material são inseparavelmente ciclos de consagração que, além disso, produzem legitimidade, isto é, objetos sagrados.¹⁶

De maneira que não se pode ignorar a participação indispensável de uma infinidade de profissionais no sucesso de uma produção de moda. Ao articularem elementos de subjetividade dentro de um ambiente ideológico comunicacional, pretendem elevar à condição de ‘favorito’, um produto, uma ideia, uma imagem, prenhe de qualidades e promessas de satisfação dos mais variados anseios. Entre eles, em especial, o de garantir o exercício vitorioso da sedução. Sinais emblemáticos de uma cultura midiática que encontra na moda, essencialmente constituída pela “fantasia estética¹⁷”, o seu alimento vital.

A sedução é parte de uma estratégia que visa despertar o interesse do outro, conquistar a sua atenção através do envolvimento das emoções, seja como atração ou repulsão. O ato de seduzir pode ser exercido em diferentes dimensões - intelectual, artística, política e sexual. Imagens de rebeldia, contestação, transgressão, assim como de criatividade, auto-realização, romance e até mesmo de qualidade de vida podem se apresentar, por exemplo, como objetos de desejo e de consumo.

Os estilistas são, historicamente, figuras centrais de todo esse processo criativo de captar e traduzir as sutilezas de seu tempo, influenciando e sendo influenciado pelos sonhos, prazeres, humores e terrores de sua época. Em suas reflexões, Preciosa afirma que

Talvez eu espere mesmo demais de um *designer* de moda, porque, para mim, um criador é aquele capaz de devassar nossa vidinha, disponibilizando-nos novas formas de conexões com este mundo.¹⁸

Propor novas visões e percepções que revelam a cara do ‘agora’ é usualmente considerada uma habilidade muito valorizada, porquanto singular, na medida em

¹⁵ ibidem, p. 163.

¹⁶ ibidem, p. 169.

¹⁷ LIPOVETSKY, 2009, p. 10.

¹⁸ PRECISOSA, 2005, p.50.

que exige uma visão ampla o suficiente para perceber a formação, às vezes ainda em estado embrionário, de uma mentalidade, visão de mundo ou comportamento social. Segundo Dario Caldas¹⁹, em seu livro *Observatório de sinais*, o conceito de ‘espírito do tempo’ – *zeitgeist*, em alemão - identifica o clima geral intelectual, moral e cultural, predominante em uma determinada época, mas que, na maioria das vezes, só é percebido claramente depois que passou.

É usado como sinônimo de contemporaneidade, quando se está procurando definir algo que está no ‘ar’, mas que ainda não se apreendeu, ou que não se pôde apreender totalmente, devido, justamente à sua imaterialidade, ou porque esse ‘algo’ encontra-se em formação.²⁰

Num ângulo um pouco diferente, Giorgio Agambem²¹ aponta que é verdadeiramente contemporâneo, “aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual [...]”. Contudo, o autor considera que é “exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo²²”.

A moda é um fator característico desse processo de interpolação do tempo atual; daquilo que está e não está mais no momento, do jogo fugaz do ‘prestes a’, e do ‘não mais’. Por sua fluidez e por fazer do efêmero seu habitat cotidiano, a moda tem essa capacidade de expor os aspectos predominantes de cada momento cultural e, simultaneamente, antecipar a forma como essa atualidade está sendo projetada por seus participantes.

Por sua abrangência e relevância, essas questões tem se desdobrado em estudos e análises em diversos campos de conhecimento, cujo aprofundamento extrapola o escopo dessa pesquisa. Contudo, esse cenário é importante de ser levantado, quando se considera que é exatamente dessa relação particular do estilista como criador, ao ser reconhecido como capaz de decifrar os enigmas propostos por esse

¹⁹ CALDAS, 2004.

²⁰ *ibidem*, p. 71. (grifo do autor)

²¹ AGAMBEN, 2009, p. 58.

²² *ibidem*, p. 59.

turbilhão de possibilidades, que deriva uma parcela de sua autoridade e de sua sedução como artista: como ‘aquele’ que tem o poder de fazer a prefiguração do presente, a capacidade de ler esse elemento indefinível, efêmero e fragmentado, compreendê-lo e disponibilizá-lo de forma tangível e atraente.

Dessa forma, podemos entrever que o trabalho dos estilistas – em seu ambíguo papel de ativo fomentador do desejo pela novidade e, ao mesmo tempo, guia do seu público, no instável campo da sucessão das modas – produz e ganha valor enquanto um processo de tradução autoral de conceitos que são apropriados e reinventados criativamente, a partir da sua própria percepção das subjetividades contemporâneas. Nesta direção, ganha pertinência as escolhas temáticas de Ronaldo Fraga, conforme veremos nos próximos capítulos, quando ele levanta, através de suas coleções, questões culturais que envolvem o resgate de memórias pessoais e coletivas, através de releituras imagéticas.

Contudo, em continuidade à análise proposta, convém considerar também como parte importante da dinâmica dessa área, o fato de que o sucesso e a fama daquele que é reconhecido como ‘grande criador’, não pode ser explicado apenas pela sua sensibilidade de tradutor ou por seu talento inventivo. De acordo com Paulo Keller²³, o estilista torna-se reconhecidamente criativo ao ser aceito e legitimado pelo sistema, ou seja, pela sua entrada e permanência em certa posição de destaque na aprovação e aclamação da mídia e do público.

Segundo Bourdieu,

É produzindo a raridade do produtor que o campo de produção simbólico produz a raridade do produto: o poder mágico do criador é o capital de autoridade associado a uma posição que não poderá agir se não for mobilizado por uma pessoa autorizada ou, melhor ainda, se não for identificado por uma pessoa e seu carisma, além de ser garantido por sua assinatura.²⁴

Assim, não basta ser criativo, é necessário projetar uma *persona* enquanto tal, que conquiste a admiração coletiva. E para que isso possa acontecer, a energia

²³ KELLER, 2008.

²⁴ BOURDIEU, 2008, p. 154.

simbólica alavancada pelo seu potencial criativo precisa estar alinhada à sua figura pública: sua postura, comunicação, estilo de vida. E mais ainda, o sistema exige do criador a presença de um forte carisma diferencial para produzir e sustentar uma imagem com impacto suficiente nas mídias, para destacar a sua singularidade criativa, conforme teremos a oportunidade de verificar no próximo capítulo, ao abordar as estratégias utilizadas por Ronaldo Fraga.

Ao alcançar esse lugar privilegiado, o profissional se beneficia do *status* conferido aos que são celebrados como ‘artistas geniais’ e desfruta da aceitação e convivência de outras celebridades, não apenas no âmbito da moda. Para conseguir manter-se nesse lugar, entretanto, deve enfrentar e vencer a intensa pressão gerada pela própria estrutura paradoxal do sistema, com a sua voraz cobrança de ininterrupta renovação criativa, no desafio interminável de ser sempre inovador, sem perder de vista, porém, a reafirmação da própria identidade. E principalmente, sem nunca deixar de surpreender enquanto acontecimento extraordinário.

Lipovetsky²⁵ afirma que a arma-chave da publicidade é a surpresa e o inesperado. Nesse sentido, “no coração da publicidade trabalham os próprios princípios da moda: a originalidade a qualquer preço, a mudança permanente, o efêmero. Tudo menos dormir no ponto”. Nesse sentido, são os desfiles que conferem prestígio ao *designer* de moda. É este o momento ápice em que a criação é inaugurada, envolvida por um cenário, iluminação, música, coreografia, levando à passarela uma experiência de fluxo que valoriza o inédito, em um acontecimento performático que abrange todos os sentidos. Momento poético que transcende a roupa, no sentido de despertar no espectador o desejo de compartilhar proximidade não somente com os produtos oferecidos, mas também, com toda a ‘aura’ que se manifesta, repleta de ressonâncias estéticas e emocionais. Portanto, proposta como uma vivência de imersão, esse tipo de evento objetiva criar um contexto intenso de comunicação publicitária que, bem sucedida, garante a aclamação coletiva de seu idealizador.

²⁵ LIPOVETSKY, 2009, p. 214.

1.3 - OPERACIONALIZANDO A CRIAÇÃO

Seguindo a afirmação de Fraga²⁶ quando diz que “o momento de glamour, de desfilarmos com champagne (na passarela) é um décimo de toda a realidade da moda”, é fundamental não deixar de lado as áreas de produção que, vistas de uma perspectiva que valoriza a base do conjunto em seu âmbito operacional, revelam como todo esse sistema se estrutura na prática, diretamente apoiado nas relações dinâmicas entre diversos campos: industrial, econômico e empresarial, entre outros.

Isso deixa entrever inúmeras relações de trabalho, em que muitas vezes o fator decisivo do sucesso não é tanto a criatividade em si, e nem mesmo o impacto positivo alcançado na mídia, mas sim a existência de competências ligadas à “gestão da criatividade²⁷”, ou seja, quando a atuação do criador-*designer* pode ser comparada a de um bom articulador, direcionando e integrando as várias áreas de criação, produção, divulgação e distribuição, em ação compartilhada com diversos outros profissionais.

A interdependência entre a indústria da moda e a indústria do vestuário envolve a complexidade das relações entre a produção da cultura de moda e a indústria têxtil e de confecção, que, segundo Keller,

Implica uma ‘indústria criativa’ que articula formas de trabalho imaterial e material. Envolvendo desde as atividades dos profissionais do design e da comunicação até as atividades dos operários dos ateliês e das fábricas de confecção e dos trabalhadores terceirizados que atuam dando apoio a eventos como as semanas de moda.²⁸

²⁶ FRAGA, Ronaldo. *Moda é a leitura do tempo*. Entrevista concedida para Anna Ruth Dantas. 28 mar. 2010. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ronaldo-fraga-a-moda-e-a-leitura-do-tempo/144162>>. Acesso em: 25 mai. 2012.

²⁷ BARCARO In SORCINELLI, 2008, p. 144.

²⁸ KELLER, Paulo Fernandes. O trabalho imaterial do estilista. In: Revista Teoria & Sociedade - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais. Número: 15.2

De maneira que processo criativo do *designer* – universo de desenvolvimento de ideias e inspirações – coexiste com os processos e o tempo de materialização do produto, exigindo do criador saber lidar também com as diversas variáveis existentes. Aqui entra, por exemplo, o desafio de alcançar ou estabelecer o equilíbrio entre originalidade e orientação para o mercado, bem como a atuação dos profissionais especializados em análise de “tendências²⁹” e que trabalham a antecipação e interpretação dos sinais coletivos. Atividade metodológica que para ser bem sucedida, de acordo com Caldas³⁰, “exige formação específica [...] e uma acuidade de julgamento bem mais profunda que o simples *feeling*”.

A moda apresenta um movimento cíclico que se renova pelo menos duas vezes por ano. Nesse âmbito, uma peça de roupa nunca é pensada de forma avulsa, pois faz parte do planejamento de uma série que inclui, no mínimo, 20 diferentes peças, sendo que esse número pode se multiplicar exponencialmente, dependendo da marca. Considerando que, a cada nova coleção, são produzidos modelos distintos, que introduzem novas imagens, texturas, recortes e cores, podemos notar o desafio que envolve o seu planejamento, para integrar e garantir uma identidade visual coerente na produção como um todo.

As inúmeras possibilidades de organizar os diferentes elementos que compõem uma coleção conformam um espaço identitário, em que as escolhas feitas pelo criador revelam o seu estilo, ideologia e método de trabalho. Nesse sentido, de acordo com Fiorini³¹, “o estilista se converte em mensageiro, um transmissor de ideias, criadas em formas, materiais e usos determinados”.

Assim, através das diferentes abordagens reunidas ao longo desse capítulo, buscamos levantar alguns aspectos em que o trabalho do *designer* de moda ocupa uma importante dimensão entre a roupa e o ambiente – contextual, cultural, social

(julho-dezembro de 2008). Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~revistasociedade/edicoes/15_2.html>. Acesso em: 07 out. 2011. (grifo do autor)

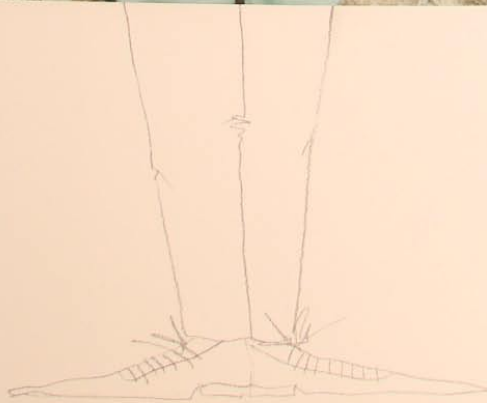
²⁹ Manifestação, na esfera do comportamento, do consumo ou do “espírito do t:po”, de uma sensibilidade anunciada por sinais. Fonte: CALDAS, 2004, p.216.

³⁰ CALDAS, 2004, p.98.

³¹ FIORINI *In* PIRES, 2008, p. 110.

e econômico – sendo que os produtos gerados são resultantes dessa multiplicidade e interdisciplinaridade.

Nos próximos capítulos, através da análise das estratégias temáticas de Ronaldo Fraga, teremos a possibilidade de verificar como são interligadas as peças dentro de uma coleção, passando pela escolha das cores e efeitos imagéticos, estabelecendo relações de semelhança, espelhamento e complementaridade. Além disso, ao nos debruçamos sobre a sua trajetória, buscamos assinalar de que forma se dá o seu papel como estilista – diagnosticador de seu tempo e de sua cultura – no sentido de materializar em suas roupas, um diálogo com a cultura, a memória, o tempo presente, a identidade, a subjetividade poética e a alteridade.



CAPÍTULO 2

2 - OS SENTIDOS DE RONALDO FRAGA

A roupa do Ronaldo é uma colcha/roupa de retalhos de poesias, delicadezas, histórias, tecidos, estampas. Ronaldo, a única certeza é a mudança. Por isso, continuemos caminhando!

Jum Nakao

Ronaldo Fraga atua em diversas áreas relacionadas ao campo da moda desde 1996, como estilista, empresário, criador. Apresentando narrativas através de estampas, recortes e costuras - em superfícies têxteis, gráficas e digitais - o *designer* é hoje festejado como um artista que materializa, através de suas coleções e desfiles, painéis expressivos da cultura brasileira. Em diálogo com o mundo contemporâneo, seu trabalho encontra ressonância em diferentes vertentes, transitando entre a arte, o design e a moda.

Como reconhecimento da importância de sua atuação cultural, Ronaldo Fraga se torna o primeiro representante da moda brasileira a receber a Comenda da Ordem

Cultural, prêmio do Ministério da Cultura³² concedido a 'personalidades que dão corpo à cultura brasileira', entregue pelo ministro da Cultura, Gilberto Gil.

Em 2010, a moda ganha representatividade no Ministério da Cultura, com a criação do Colegiado Setorial de Moda, e o estilista assume posição como delegado titular da área, no Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC)³³. A redatora do jornal *O Globo*, Karla Monteiro³⁴, afirma que “[...] a moda agora tem representação oficial no órgão máximo da cultura, o que a coloca no mesmo patamar da literatura, da música, do cinema ou das artes plásticas”.

No prefácio do livro de Cristiane Mesquita, Fraga se refere à expansão e popularização desse campo:

Durante muito tempo, a moda foi recebida por nós de forma cerimoniosa, com o espaço de trânsito fechado à sala de visitas. Nos últimos anos, ela invadiu o resto da casa, revirou as camas, rasgou registros de nascimento, álbuns de retrato, atestados de óbito. Queimou colchões recheados de dinheiro, debochou da decoração, deixou a porta da geladeira aberta, jogou fora a água das roupas que estavam de molho na área de serviço. Deixou para trás um tempo em que significava apenas roupa e ponto final. Hoje sob o estatuto de documento mais eficiente do nosso tempo, a moda pronuncia-se em relação a tudo. Assumiu o poder de tornar invisível o já tênue limite entre o real e o virtual e brinca de esconde-esconde nos dois lados. Neste universo de tantas esfinges, desvendar o enigma requer ir além dos manuais de certo/errado, das listas de in/out ou dos cenários de luxo e glamour. Acredito que a troca dos termos "última tendência" e "no que está usando" por "no que estamos pensando" possa ser um dos caminhos de encontro a um lugar confortável e mais interessante.³⁵

³² Ministério da Cultura. Ronaldo Fraga é o primeiro representante da moda a receber prêmio cultural do governo. 07 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/07/ronaldo-fraga-e-o-primeiro-representante-da-moda-a-receber-premio-cultural-do-governo/>>. Acesso em: 05 jul. 2011.

³³ Portal da Cultura. Reunião dos Colegiados de Moda e Cultura Popular. 24 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/cnpc/2010/11/24/setores-de-moda-e-cultura-popular-se-encontram-em-mais-um-dia-de-reunioes-dos-colegiados-do-cnpc/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

³⁴ MONTEIRO, 2011, apud VELLOSO, 2011, p. 14.

³⁵ FRAGA *In* MESQUITA, 2004.

2.1 - COSTURANDO MULTIPLICIDADES

As criações de Fraga baseiam-se em temas variados, fazendo referências a figuras conhecidas no campo artístico e cultural - não apenas do Brasil, enquanto outras destacam especificamente questões pertinentes à produção nacional. Em várias ocasiões, ele já disse que as roupas são apenas meio para a sua mensagem e que “o importante mesmo é o significado³⁶”. O estilista afirma que

A moda é só suporte. Sempre foi isso para mim. As pessoas que mais admiro na moda têm essa mesma relação com ela, de que a roupa é detalhe, o que importa é a arte, a cultura e as relações que ela faz.³⁷

Para o *designer*, a moda pode ser abordada a partir de múltiplas áreas, como um enigma de muitas faces: econômica, antropológica, antropofágica, histórica, registro de memória e do tempo³⁸. A moda, para ele, ganha grande interesse, motivação e emoção até, quando atua como vetor de transformação cultural: “algo que me emociona muito: a moda pode ser um canal de transformação e comunicação do mundo moderno. Ela está pronta a estabelecer diálogos com qualquer frente, com qualquer corrente³⁹”.

Definida por Geerts⁴⁰ em seus estudos antropológicos, como “as redes de significação nas quais está suspensa a humanidade”, a cultura forma um rico material que tem sido revalorizado, não só pela moda, em inúmeras interpretações, relações, leituras e releituras. Valer-se de signos e ícones de expressão popular, interagindo com um presente cada vez mais globalizado, permite novas formas de expressão e alternativas estéticas, em que proliferam

³⁶ Ronaldo Fraga. Ronaldo Fraga e o artesanato na moda. Escrito por Monica Lucas, 2011. Disponível em: <http://www.primeirafila.net/2011_05_01_archive.html>. Acesso: 25 mar. 2012.

³⁷ FRAGA apud RAMALHO, 2010.

³⁸ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

³⁹ Ronaldo Fraga. *Entrevista*. ALMANAQUE BRASIL, 2006 Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7575:ronaldo-fraga&catid=12960:arte&Itemid=33>. Acesso em: 21 set. 2011.

⁴⁰ GEERTZ, 1975, p.57.

também novas linguagens. Segundo Moraes⁴¹, “é assim que a cultura múltipla pós-moderna se origina e se desenvolve”.

Fraga, por sua vez, fomenta que:

Vivemos hoje num país com tantos países dentro, com uma cultura que é extremamente mista, heterogênea. Muitas são as cores desse país, muitas são as caras desse país. E eu acho que deveria ser um compromisso civil do design brasileiro de saber o que fazer com isso.⁴²

Assim, considerando que a indústria da roupa só vira indústria da moda quando dialoga com a cultura, Fraga ensina nas oficinas que ministra em cursos e eventos da área, que é importante ampliar o olhar além das tendências imediatas ditadas pela moda e buscar outras fontes, como a literatura, o cinema, a música e a arte contemporânea, em busca de se perceber vestígios do nosso tempo.

2.2 - FIANDO AUTORALIDADES

Falando da importância do *designer* desejar e inspirar mais - por meio de algo que lhe tire do chão e emocione, Fraga cita uma frase da carreira de Pina Bausch em que afirmava: “Quero mais pessoas que criam do que pessoas que simplesmente dancem⁴³”. Portanto, essas leituras e pesquisas associadas ao fazer, são importantes não somente como repertório para a decodificação do que já existe, mas como oportunidade de exercer uma autoria. Assim, ele salienta que nesse mundo globalizado que perdeu as fronteiras e que foi dominado pelas mesmas

⁴¹ MORAES, 2009, p.149.

⁴² FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a *Graziela Morelli*, 2006. Disponível em: <<http://olharouvirescrever.blogspot.com/2006/04/olhar-moda-ronaldo-fraga.html>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

⁴³ BAUSH, Pina apud FRAGA. *Entrevista*. Portais da Moda. 17 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~23015~n~ronaldo+fraga+ministra+oficina+d+criacao+no+5+parana+business+collection+e+da+entrevista+ao+portais+da+moda.htm>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

coisas, pelas mesmas cores, pelo mesmo gosto, é da maior relevância o exercício do olhar criativo, autêntico e autoral. Fraga ressalta que:

Se você tem a pretensão de que o seu trabalho seja reconhecido e tenha o mínimo de autoria, de criação, não tem como ele não ser autobiográfico. Não tem como você deixar de registrar no seu trabalho algo do seu olhar pessoal e da sua visão de mundo.⁴⁴

Para ele, o *designer* tem que trazer a sua visão de mundo, partindo de uma sensação pessoal. Dessa forma, seu trabalho muitas vezes toca as pessoas por fazer surgir memórias que são heranças compartilhadas de um tempo que não existe mais, mas que, revigoradas pelo seu olhar, essas memórias imagéticas, culturais, históricas, pessoais, afetivas, possibilitam uma mistura inovadora, colorida de elementos únicos que remetem a seu idealizador.

Glória Kalil analisa que:

Ronaldo Fraga não cria roupas para pessoas sem cenário, sem lembranças, sem humor e sem história. Sua força criativa é movida por imagens que vão se transformar em profissões de fé, protestos, festas, celebrações, sons, coreografias e...roupas.⁴⁵

Inseridas dentro desse contexto, as produções autorais de Fraga são alicerçadas em pesquisas temáticas, que se desdobram impregnadas de sentidos poéticos. Suas coleções recebem nomes sugestivos como: *O Império do falso na bacia das almas* (Verão 1997/1998), *Cordeiro de Deus* (Verão 2002/2003), *Costela de Adão* (Verão 2003/2004), *Festa no céu* (Inverno 2006), *Quantas noites eu não durmo* (Inverno 2004).

Em reportagem publicada na Revista Cláudia, a jornalista Déborah de Paula Souza afirma que:

Ninguém ousou misturar moda com temas tão diversos como a ditadura militar (coleção dedicada a Zuzu Angel) e a arte e a loucura (temporada em que abordou o artista plástico e doente mental Arthur

⁴⁴ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

⁴⁵ KALIL *In* FRAGA, 2007, p. 7.

Bispo do Rosário) ou focar as contradições da indústria (a última linha de inverno, inspirada na China).⁴⁶

Seu processo de criação passa por fazer uma imersão no universo do tema escolhido e a partir daí, relacionar elementos variados, desde informações históricas até lembranças, vestígios, pistas que ativem em primeiro lugar a transformação de seu próprio olhar.

Homenageado com o Prêmio *Trip Transformadores 2011*, Fraga concedeu uma entrevista em que explica a sua vivência e posicionamento nesse processo:

Eu sou transformado o tempo inteiro por aquilo que eu faço, antes de qualquer coisa, eu preciso ser transformado. Transformado pelo objeto pesquisado e por todas essas experiências. Eu saio transformado de cada uma delas, e se o meu trabalho traz algo de transformador, é justamente por isso, por ser transformado por elas o tempo inteiro.⁴⁷

Falando sobre o que significa para ele essa transformação, o mesmo cita uma artista por quem tem grande admiração e inclusive, inspiração para uma de suas coleções - *As Células de Louise* (2000):

A artista plástica Louise Bourgeois dizia que a arte é um respiro num universo de insanidade. Então são esses momentos de respiro – uma imagem, uma música, uma roupa – que, por uma fração de segundo, te tiram do chão e te colocam no eixo. Muita gente acha que é o inverso, que eles te tiram do eixo. De jeito nenhum. É um momento em que a arte te coloca no eixo. Isso dura um segundo. Mas esse segundo pode ser transformador.⁴⁸

⁴⁶ SOUZA, Déborah de Paula. *Roupa com história*. Revista Claudia – jun. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_238643.shtml?func=2>. Acesso em: 20 mai. 2012.

⁴⁷ Ronaldo Fraga. O que é ser um Transformador? Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4RlB5xAy6rI&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

⁴⁸ Ronaldo Fraga. Rio de arte. Entrevista concedida para Lia Hama. REVISTA TRIP, n. 194, 17 nov. 2010. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/194/reportagens/rio-de-arte.html#15>>. Acesso em: 10 set. 2011.

Nesse processo, o artista acrescenta algo de suas próprias lembranças, coloridas por uma poética que não recusa a presença da fina ironia. Antes de qualquer coisa, ele considera que é a sua própria história que está sendo contada:

[...] Eu não perco de vista que eu não estou criando uma coleção, eu estou construindo e escrevendo a minha história pessoal e eu escolhi escrevê-la através da roupa, através da moda.⁴⁹

Ao enxergar que “a moda é uma crônica diária, na qual é proposta uma visão individual e pessoal para o outro⁵⁰”, o *designer* propõe suas histórias e personagens e convida as pessoas - mulher, homem ou criança, a ir além do seu próprio universo, trazendo esses elementos sensíveis e imaginativos para a sua vida.

Eu quero que as pessoas entendam que a relação com a moda pode ser uma coisa divertida que ultrapasse a questão do vestir, que fale de apropriação cultural, apropriação sentimental e é um auxílio na construção do personagem diário, que a moda é isso.⁵¹

2.3 - RENDILHANDO VALORES HUMANOS

Por ocasião da entrevista à Revista *Trip*, Ronaldo Fraga⁵² disse que se ele fosse escolher uma palavra para definir o seu trabalho, seria: ‘afetuoso’. “Eu queria uma roupa que as pessoas tivessem o tempo todo vontade de abraçar, ou chegar próximo de alguém que estivesse vestido com ela”. Isso porque Fraga compreende a roupa como um elemento vivo. Uma estrutura que numa relação amorosa com o

⁴⁹ Ronaldo Fraga. Programa Catarina. Matéria exibida na Parte 2. 09 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zsmXQbWTBr0&feature=related>>. Acesso em: 01 set. 2011.

⁵⁰ Ronaldo Fraga. Entrevista. ALMANAQUE BRASIL, 2006. Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7575:ronaldo-fraga&catid=12960:arte&Itemid=33>. Acesso em: 21 set. 2011.

⁵¹ Ronaldo Fraga. *Além do traço*. Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Q1MqoLHfQz8&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

⁵² Ronaldo Fraga. *Premio Trip Transformadores*. Revista Trip. Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5AtI2Yj8qJM&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

corpo, constrói uma narrativa. Então, considera ele que “contar uma história através da roupa não deixa de ser um tipo de afago, não deixa de ser um tipo de carinho⁵³”.

Em palestra realizada durante o evento de moda *Dragão Fashion-2011*, como que aprofundando essa compreensão, Fraga⁵⁴ destaca ainda que “por trás de cada criação, há uma escolha de amor, por outra pessoa, pelo grupo, por si mesmo”. Em coerência com esse valor, que enfatiza a qualidade das relações humanas, o criador fala da necessidade de humanizar os processos, seja da produção, das abordagens temáticas, da sustentabilidade. Em outro momento, Fraga⁵⁵ pontua que humanizar quer dizer ter espaço para a expressão do valor humano, ter espaço para coisas simples. E ter tempo, o tempo para a produção das coisas acontecerem num ritmo menos frenético, num estilo de vida mais divertido, confortável, “em que trabalhar com moda não seja motivo para se envergonhar perante os seus filhos”.

Em suas roupas, encontramos etiquetas que anunciam sua proposta criativa, bucólica, política, poética, na forma intitulada por Velloso⁵⁶ de *textos-avisos, textos-convites*: “Lavar com água fresca e secar à sombra dos laranjais”, “Feito orgulhosamente no Brasil”, “Na elaboração e confecção desta peça não foi utilizada mão de obra escrava chinesa”.

Direcionando o seu olhar para “os valores que estão por um fio, valores que correm o risco de serem perdidos⁵⁷”, ele afirma que há uma grande riqueza a ser investigada e mapeada no que o país tem de melhor, que é “o Brasil feito a mão⁵⁸”.

⁵³ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

⁵⁴ Ronaldo Fraga. *Ronaldo Fraga e o artesanato de moda*. Blog Primeira Fila. Escrito por Monica Lucas. 05 mai. 2011. Disponível em: <http://www.primeirafila.net/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 25 mar. 2012.

⁵⁵ Ronaldo Fraga. Programa Roda Viva. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Bloco 3. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QsLedk5FfjU&feature=relmfu>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

⁵⁶ VELLOSO, 2011, p. 43.

⁵⁷ Ronaldo Fraga. *Premio Trip Transformadores*. Revista Trip. Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5AtI2Yj8qJM&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

A consultora de moda Mariana Rocha analisa que

Ronaldo sempre teve essa característica de valorizar o trabalho que é da mão humana, a peculiaridade do irregular, típico do que é humano, que não é aquela coisa de máquina, que faz tudo igual.⁵⁹

Nessa direção, a Coleção *Turista Aprendiz* (2010), baseada na obra de Mario de Andrade, apresenta peças bordadas a mão que são o resultado do envolvimento do *designer* no Projeto *Talentos do Brasil*, promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, que pretende resgatar técnicas artesanais quase perdidas. Sobre a Coleção, apresentamos o seguinte registro publicado no Jornal *Hoje em dia*:

Rendas de bilro, pontos-cheio, bordados em crivo, matames, ponto-sombra, renda renascença foram retomados com maestria, sem, no entanto, deixar de instigar desejo. Na cidade onde há seis anos o estilista visitou e encontrou bordadeiras trabalhando nas calçadas e vendendo seus produtos na sala de suas casas, Fraga fez questão de retomar o precioso *handmade* ameaçado de extinção pela avassaladora entrada de produtos chineses. Dessa feita, nasceu o projeto *Pernambuco com Design*, promovendo reintegração social e resgate da identidade do trabalho artesanal local. Mestre em costurar histórias de vida, Fraga utilizou o livro 'Turista Aprendiz', com imagens e anotação de Mario de Andrade como ponto de partida para o desenvolvimento da coleção.⁶⁰

Na etiqueta de cada roupa, valorizando o trabalho, Fraga inclui a informação da procedência, nome e contato da bordadeira.

Para homenagear as artesãs do bordado, o estilista cravou Marilene, Edna, Jane, Elaine, Adriana e outros nomes na roupa, em delicado carimbo de bordado.⁶¹

⁵⁸ FRAGA, Ronaldo. *Release da coleção Turista Aprendiz*, 2010. *Website*. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

⁵⁹TV UOL. *Entrevista com a consultora de moda Mariana Rocha*. 19 jan. 2005. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/bfc3becnpbdr/18-sao-paulo-fashion-week--ronaldo-fraga-040272D4A91327?types=A&>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

⁶⁰ Lady Campos. *Jornal Hoje em Dia - Colunas - Clipping: Ronaldo Fraga*. Edição de: 14 jun. 2010. Disponível em: <http://www.modaminas.com/site/materias_det.asp?id=1363&c=1>. Acesso em: 21 mai. 2012.

⁶¹ idem, 20 jun. 2010.

Em formato de mão, as etiquetas apresentam também um desenho bordado e um texto: “O Brasil terno, criativo, emocionante, amoroso, carinhoso, é feito à mão! É nesse lugar que costuramos nossa estória⁶²”.



FIGURA 2 - Ronaldo Fraga. *Tags*. Coleção *Turista Aprendiz*. Verão 2010 / 2011. Fonte: MARTINS, 2011, p. 90.

A preferência pelos trabalhos manuais que demandam uma atenção e cuidados especiais na feitura da peça, de acordo com ele, é também uma característica marcante da moda feita em Minas Gerais. Numa entrevista dada por ocasião da estréia de sua exposição *Rio São Francisco* no Palácio das Artes de Belo Horizonte (2011), ele afirma que “a moda feita por um mineiro tem sempre um bordado, tem sempre um acabamento feito a mão, tem sempre a força de ofícios manuais⁶³” que agrega um valor único à peça. Falando sobre a sua Coleção *Rio São* – em que as estórias ligadas ao ‘Velho Chico’ encontram-se impregnadas nos bordados, Fraga⁶⁴ ressalta que “o povo de lá borda a alma do rio”.

⁶² MARTINS, 2011, p. 91.

⁶³ FRAGA, Ronaldo. A Spicy BH conversa com Ronaldo Fraga. Entrevista gravada em vídeo. 11 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&NR=1&v=TtVpqFjEIXI>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

⁶⁴FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

Paralelo a essa pesquisa que valoriza o manual, o estilista mantém um forte interesse pelos desenvolvimentos tecnológicos de ponta, em especial, na área têxtil. Consciente que a integração das novidades mais avançadas soma um valor poderoso que domina a dinâmica do consumo contemporâneo, suas coleções sempre indicam o uso de novos tecidos e técnicas de estamparia digital, conforme descrito nas informações fornecidas por ele:

Coleção Zuzu Angel – Tecidos: Todos têm cara de 100% algodão, mesmo os sintéticos. Os aspectos autênticos e às vezes quase rústicos escondem verdadeiros processos tecnológicos. [...] Destaque para os *nylons* tecnológicos e a microfibrá Winner, cuja estrutura de poliéster peletizado traz acabamentos *easy care*.⁶⁵

2.4 - VESTINDO A MARCA COM HUMOR



FIGURA 3 - Ronaldo Fraga. Logomarca. 2010. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Ronaldo Fraga é uma personalidade - e também uma marca⁶⁶. Embora essas duas instâncias em seu caso se sobreponham, possuem existências diferenciadas. Tanto que em 1999, ao se separar do sócio, ele teve de brigar na justiça pelo direito de

⁶⁵ FRAGA, Ronaldo. *Release da Coleção Quem matou Zuzu Angel?* 2001. *Website*. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

⁶⁶ A marca Ronaldo Fraga já estabeleceu parcerias com grandes marcas como a Brastemp, Usiminas, Pfizer, Nestlé e foi o primeiro estilista a desenvolver parcerias com um banco estatal, o Banco do Brasil. Além disso, produziu figurinos para a moça do Leite Condensado Nestlé, criou estampas para as latas de papel higiênico Neve, os rótulos de vinho Miolo e as *eco-bags* do supermercado Verdemar (Belo Horizonte).

usar o seu nome⁶⁷. Em sua trajetória, ele não apenas consegue fazer uma junção bem sucedida desses dois âmbitos, como também acrescenta aspectos pessoais que enriquecem o seu trabalho.

Não é por acaso que o logotipo da sua grife é um par de óculos, pois promove um sentido relacionado ao olhar. Segundo Fraga, a escolha desse símbolo explicita a intenção de estimular, como um convite, um lembrete bem humorado para enxergar a moda e a roupa além do lugar-comum. Por outro lado, os óculos coloridos e grandes são considerados como 'marca registrada' do estilista, que usa e abusa desse acessório em sua própria produção visual.



FIGURA 4 – Fotografias de Ronaldo Fraga. Fonte: Acervo do artista.

⁶⁷ Coleção Moda Brasileira: Ronaldo Fraga, 2007, p. 145.

A figura pública de Fraga se assume como personagem e se diverte com isso. Irreverente e lúdico são adjetivos comumente usados para se referir a ele na mídia em geral. Suas imagens amplamente veiculadas em sites e blogs na internet, corroboram isso (FIG. 4).

Um dos resultados da associação de sua figura a um jeito de menino *arteiro* se encontra na entrada bem sucedida da sua marca *Ronaldo Fraga para filhotes* no universo infantil, em que mescla criações paralelas às coleções desfiladas nos eventos oficiais de moda. Voltada para crianças de 0 a 10 anos, a entrada das crianças desfilando as peças na versão 'filhote', durante o desfile da *Coleção Costela de Adão* (Verão 2003 / 2004) surpreende a platéia que aplaude calorosamente o lançamento da linha (FIG. 5).

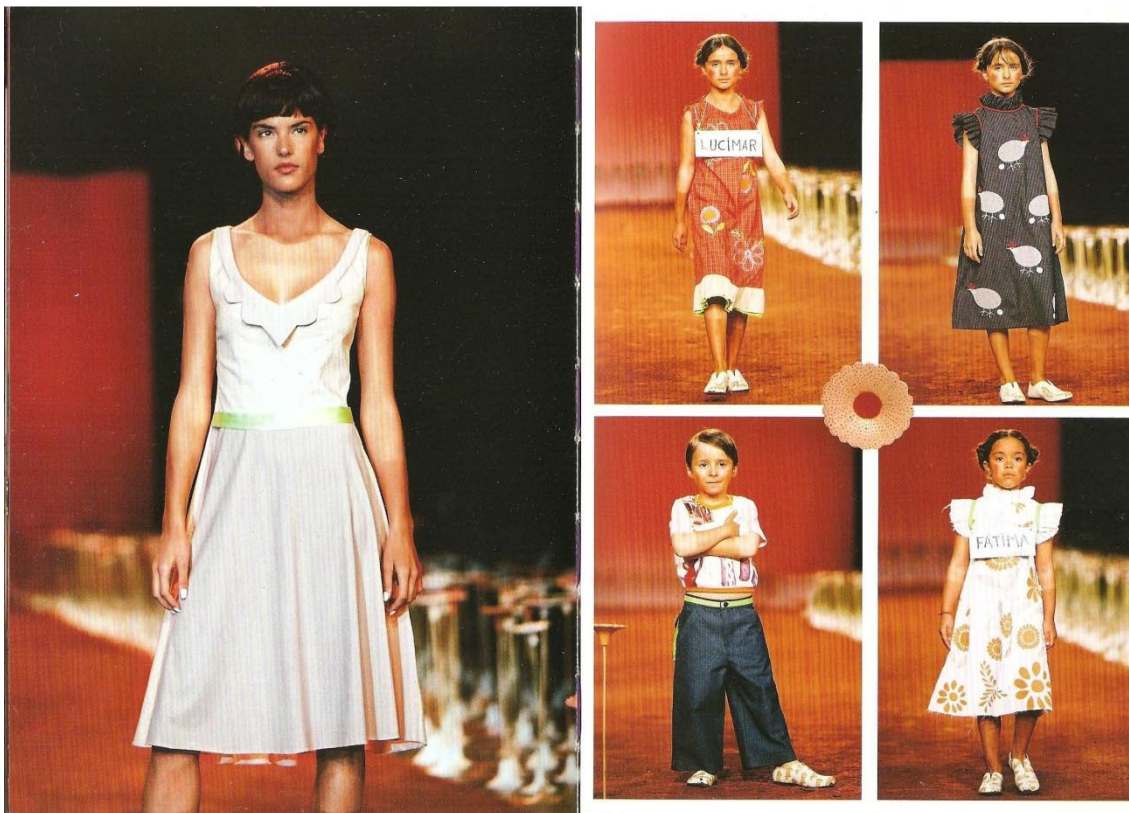


FIGURA 5 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Costela de Adão*. Fonte: *Coleção Moda Brasileira*. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 56 -57.

O humor é utilizado como ferramenta de ousadia por Fraga, desde a sua primeira coleção, quando recém-chegado ao Brasil de sua estada em Londres, onde vivera por alguns anos, ele apresenta: *Eu amo coração de galinha* (Inverno 1996). O desfile conta a história de uma galinha que muda de vida, deixa o galinheiro no interior para virar 'descolada' na cidade grande (FIG. 6). Em meio a uma profusão de cores alegres e perucas feitas de palha de aço, a presença insólita de uma galinha viva 'desfilando' na passarela, dividindo espaço com a bolsa ovo-frito e a bolsa galinha-morta. O *designer* explica a metáfora nos seguintes termos:

Quem é da roça sabe disso muito bem, que se você fizer um círculo na terra em volta da galinha ela não pula, ela acredita nesse limite. Eu conheço tanta gente assim, que vive contida por esse risco no chão, que tem medo de arriscar, tem medo de errar no corte de cabelo, tem medo de errar na roupa.⁶⁸

O espetáculo repercutiu de forma intensa e bem sucedida na moda nacional que segundo Carol Garcia⁶⁹, "andava meio distraída". Com isso, Fraga ganha o prêmio de estilista-revelação do ano, conferido pelo evento. Garcia⁷⁰ considera que "graças à galinha e a uma legião de outros personagens impagáveis, o criador colocou o humor na cesta básica da moda nacional, apesar de levá-la muito a sério".



FIGURA 6 - Ronaldo Fraga. Imagens da coleção *Eu amo coração de galinha*. Inverno 1996. Fonte: *Coleção Moda Brasileira*. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 11-13.

⁶⁸ FRAGA, Ronaldo. Programa Roda Viva. Bloco 1. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2RHZ-FvGhMI&feature=related>>. Acesso em: 25 fev. 2012

⁶⁹ GARCIA, 2007, p. 70.

⁷⁰ GARCIA, 2007, p. 70.

À aparência teatral, Fraga agrega alguns componentes, tais como, uma postura de quem não se leva muito a sério, simpatia, receptividade e facilidade de comunicação. A somatória passa uma impressão de espontaneidade e autenticidade, como pode ser observado na entrevista dada à apresentadora Marília Gabriela e equipe convidada, no programa *Roda Viva*, da TV *Cultura*⁷¹. Em clima formal no começo do programa, os participantes encontram-se munidos de trechos de entrevistas dadas anteriormente pelo estilista, de onde eles tiram perguntas objetivas para sabatar o *designer* sobre os mais diversos assuntos ligados ao seu trabalho e a temas relacionados a estilos, criações, políticas públicas destinadas ao setor e a relação da presidente Dilma Rousseff com a moda brasileira. Conforme as perguntas eram respondidas ao longo do programa, numa duração aproximada de uma hora e meia, novas questões com um cunho mais pessoal eram formuladas, ainda com a intenção de colocar o entrevistado na *roda viva*. O ambiente foi aos poucos ficando mais descontraído.

A consultora de Moda Chiara Gadaleta pergunta se ele fica nervoso antes dos desfiles e Fraga explica que tem uma grande ajuda, que é o fato de começar a rir quando isso acontece e que tem um lema que usa de apoio: “Tudo pode dar errado, inclusive nada...”. Ele então conta a história do desfile da coleção *Corpo Cru* (Inverno / 2002), quando a engrenagem que seria usada para apresentar as roupas quebrou fazendo os entrevistadores gargalharem junto com ele. Quando perguntado sobre o seu próprio estilo de se vestir, por que, por exemplo, ele escolhera aquela roupa para usar naquele dia – camiseta estampada, jaqueta branca, óculos de aro grosso azul claro - Fraga confessa divertido, que só usa as peças com defeito da confecção. Na despedida, após ser elogiado pelos participantes da mesa, ele, que já expôs seu trabalho no Japão, México, Colômbia, Espanha, considerado um criador de moda *cult* por uma parcela significativa da imprensa, se expressa assim:

A gente finge ser normal estar aqui diante dessas pessoas (e acena respeitosamente para todos); eu estou fingindo ser normal estar aqui na presença

⁷¹ FRAGA, Ronaldo. Programa Roda Viva. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2RHZ-FvGhMI&feature=related>>. Acesso em: 25 fev. 2012

desse mestre, que eu amo (o cartunista Paulo Caruso, que desenhava as pessoas e os temas do programa); eu estou fingindo que é normal estar aqui no centro do Roda Viva, falando de moda; eu estou fingindo que é normal e que todos entendem a moda como um vetor cultural; eu finjo que a moda é entendida para além da roupa, da celebridade. Mas eu espero que no futuro isso aconteça; eu espero que *designers*, no futuro, possam ter uma relação mais tranqüila e que possam vivenciar todas as possibilidades de interdisciplinaridade da moda com o tempo que a gente está vivendo.⁷²

2.5 - TECENDO PALAVRAS

Utilizando-se do campo da moda como um meio de invenção e reflexão de um mundo em constante mutação, Ronaldo Fraga não poupa as oportunidades de diálogo, em debates e entrevistas nas quais ele declara claramente suas leituras e trajetórias precedentes, ou ainda promovendo palestras e workshops para estudantes de moda e profissionais da área, disponibilizando um relevante material para embasar a pesquisa em cultura de moda. Entre outras ações, ele mesmo redige os *releases* de suas coleções, revelando suas ideias e explicando sobre a sua trajetória de referências. Nessas oportunidades, ele afirma sempre que, mais do que fazer moda, ele se interessa por contar histórias, produzir narrativas. O criador considera que várias são as formas possíveis de 'escrita': pelo gráfico, pela estampa, pela forma. Contudo, sua atração pela palavra, pelo texto, pela letra é visível no conjunto de sua criação, seja envolvendo graficamente as suas coleções ou estruturando estas a partir de elementos textuais.

Com o intuito de conceber uma visão panorâmica desse aspecto imagético se reproduzindo significativamente nas coleções de Fraga, apresentamos nas próximas páginas, uma compilação de imagens de diversas coleções suas, que trazem a presença da escrita inscrita sobre a superfície têxtil das roupas.

⁷² FRAGA, Ronaldo. Programa Roda Viva. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2RHZ-FvGhMI&feature=related>>. Acesso em: 25 fev. 2012



FIGURA 7 - Ronaldo Fraga. Capa do website. Coleção *O império do falso na bacia das almas*. Verão 1997/1998. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em 12 jul. 2012.

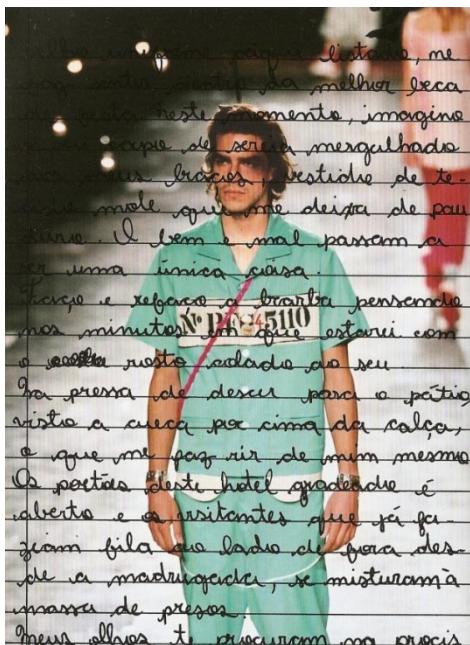


FIGURA 9 - Ronaldo Fraga. Montagem. Coleção *Cordeiro de Deus*. Verão 2002/2003. Fonte: Coleção Moda Brasileira. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007.p. 46.



FIGURA 8 - - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *A roupa*. Inverno 1999. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 10 - Ronaldo Fraga. Terno. Coleção Rute - Salomão. Inverno 2001. Fonte: Coleção Moda Brasileira. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007.p. 28.



FIGURA 11 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Corpo Cru*. Inverno 2002. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

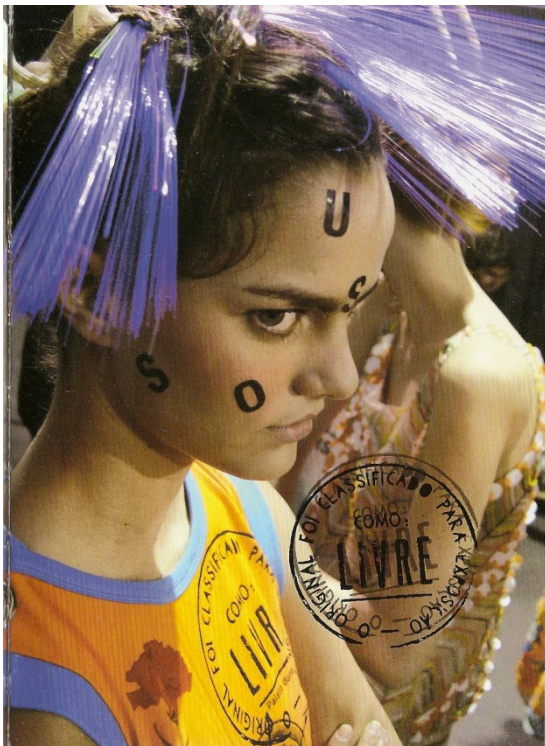


FIGURA 13 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção São Zé. Verão 2004 / 2005. Fonte: Coleção Moda Brasileira. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007.p. 65.



FIGURA 12 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Rio São*. Verão 2008 / 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 14 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Nara Leão*. Verão 2007 / 2008. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 15 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *A Loja de Tecidos*. Inverno 2008. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 16 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Disneylandia*. Verão 2009 / 2010. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 17 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *As viagens de Guliver*. Inverno 2003. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

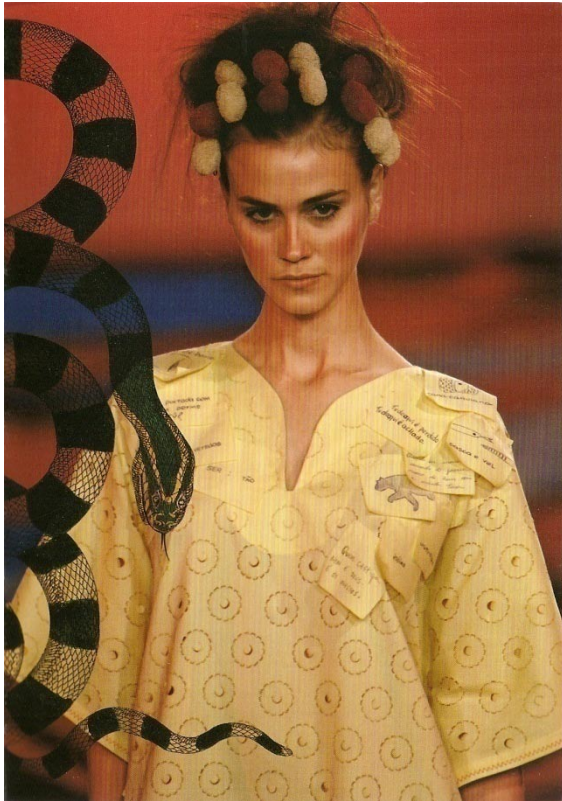


FIGURA 18 - Ronaldo Fraga. Coleção *A Cobra: Ri*. Verão 2006 / 2007. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 19 - Ronaldo Fraga. Estampas. Coleção *Roupas de croquis*. Inverno 2012. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



CAPÍTULO 3

3 - COLEÇÃO TODO MUNDO E NINGUÉM

Dependendo da forma que se lê, qualquer texto pode ser configurado numa narrativa de moda

Ronaldo Fraga

Se as coleções de Ronaldo Fraga são sempre permeadas por uma espécie de interpretação de textos, mesmo que de forma implícita, na Coleção *Todo mundo e ninguém* (Inverno/ 2005), inspirada em Carlos Drummond de Andrade, o elemento intertextual encontra-se explicitado de diversas formas, desde a aparição de poemas e textos na letra do poeta, passando por leituras simbólicas do seu universo poético, até a desconstrução semântica da escrita, transformando a palavra em puro elemento gráfico.

Um dos significados que circula por essa coleção é o entendimento proposto por Fraga⁷³ quando diz que roupa é a “escrita do tempo”. A roupa enquanto suporte de ideias atua como um campo aberto a inúmeras interferências. Acrescida de

⁷³ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida para Leandro Borges. *A moda e suas correlações com a literatura nas criações de Ronaldo Fraga*, 04 set. 2011. Disponível em: <<http://fashionview.wordpress.com/2011/09/04/moda-e-suas-correlacoes-com-a-literatura-nas-criacoes-de-ronaldo-fraga/>>. Acesso em: 20 set. 2011.

recursos visuais e táteis- tais como estampas, cortes e bordados - se configura como receptáculo para as mais diversas linguagens. A aparição da palavra, letra ou texto dentro desse espaço, estabelece um código visual que dialoga com os sentidos criados por essa intersecção, contaminação e troca de influências mútuas.

A intertextualidade é um conceito proposto por Kristeva⁷⁴ quando considera que todo “texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos”, compondo um “mosaico de citações” em constante diálogo, incorporando e atualizando outros textos da cultura em suas próprias textualizações. Frente a essa ideia, qualquer texto pode ser lido como uma espécie de teia de linguagem, verbal ou não. Inclusive a moda, reconhecida não só como uma forma de comunicação que interliga os mais diversos sentidos culturais e simbólicos, mas também sendo ela mesma um tipo de discurso.

A própria superfície do tecido possui uma carga de significação inerente, já que o termo ‘intertexto’ se refere ao entrelaçamento dos fios no ato de tecer. ‘Texto’ e ‘têxtil’ são palavras nascidas do mesmo radical e se referem a um fazer cultural que o ser humano exerce pela palavra e pelo fio. Expressões como ‘tecer comentário’, ‘costurar os sentidos de um texto’ e ‘arrematar ideias’ revelam a matriz simbólica comum da literatura e da tecelagem, além das possíveis associações entre trama e enredo, novelo e novela, o fio da meada, tanto no ato de escrever quanto no de bordar.

A literatura tem sido referência constante na vida e obra do *designer*. Considerando que “moda e literatura são dois instrumentos para escrever, contar a história⁷⁵”, Fraga afirma que suas coleções sempre têm um livro como referência, sendo o tema principal ou não. O seu entendimento é que a literatura permite a criação de um universo imagético e que “em toda escrita existe inspiração para se escrever roupas⁷⁶”.

⁷⁴ KRISTEVA, 1974, p. 64.

⁷⁵ FRAGA, Ronaldo. Chic News: SPFW já: moda + literatura com Ronaldo Fraga, 10 jul. 2006. Disponível em: <http://chic.ig.com.br/materias/377501-378000/377732/377732_1.html>. Acesso em: 25 abr. 2011.

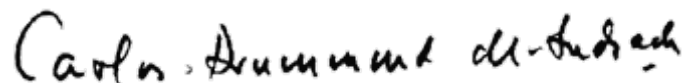
⁷⁶ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

Ao expressar sua forma de leitura, é importante considerar que o criador sempre tem à sua disposição todo o seu próprio repertório cultural particular, ao qual recorre para referenciar as escolhas mais significativas para a manifestação do elemento criativo, sendo que o resultado se encontra na somatória daquilo que se revela tanto no texto, quanto em seu contexto narrativo.

Segundo Laurent Jenny⁷⁷, é “o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizado, que detém o comando do sentido [...] da intertextualidade”. Nesse sentido, ao confrontar as escolhas temáticas feitas por Fraga, com toda a grandeza e complexidade da obra de Carlos Drummond de Andrade, é possível ter alguns vislumbres do seu ponto de vista e perceber como se dá a criação dessa ambientação poética que traduz a literatura ‘drummondiana’ em roupas.

3.1 - O POETA

Aprendi certas palavras e tornei outras mais belas.

A handwritten signature in black ink that reads "Carlos Drummond de Andrade". The script is cursive and somewhat stylized, with the first letters of each word being capitalized and prominent.

Carlos Drummond de Andrade, considerado um dos maiores expoentes brasileiros da produção literária do século XX, publicou centenas de poemas e crônicas em mais de 30 livros ao longo de sua vida. Por sua relevância, seus livros foram e continuam sendo traduzidos para diferentes idiomas e difundidos em diversos países. Sua extensa produção pode ser lida e compreendida de muitas formas: modernista, envolvida com as circunstâncias políticas e existenciais de seu tempo, voltada à memória pessoal, familiar e social.

⁷⁷ JENNY, 1979, p.14.

O seu caminho de sucesso começa em 1928, com a publicação do poema *No Meio do Caminho* na primeira página da recém-lançada *Revista de Antropofagia*. Tornando-se um marco na consolidação do movimento modernista brasileiro, o poema provoca uma grande polêmica na imprensa da época, sendo o autor criticado tanto pela sua construção lingüística coloquial, que afirma a fala popular ‘tinha uma pedra’ em lugar da forma culta ‘havia uma pedra’, quanto por sua concepção inovadora que, ao criar uma repetição circular no texto, instiga inúmeras leituras metafóricas:

No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma
pedra no meio do caminho / tinha uma pedra / no
meio do caminho tinha uma pedra. / Nunca me
esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas
retinas tão fatigadas. / Nunca me esquecerei que no
meio do caminho / tinha uma pedra / tinha uma
pedra no meio do caminho / no meio do caminho
tinha uma pedra.⁷⁸

O poema ganha valor histórico e se torna cada vez mais popular com o passar do tempo. Para marcar os 40 anos dessa poesia, Drummond publica em 1967 uma coletânea intitulada *Uma pedra no meio do caminho - Biografia de um poema*⁷⁹, no qual reúne uma ampla seleção do que foi dito sobre os famosos versos, desde a dura crítica recebida pelo “poeminha da pedra⁸⁰” até resenhas, comentários e estudos resultantes da potência simbólica do poema ao longo dos anos.

Em seu fazer poético, o jogo infinito das palavras é tema de vários poemas seus, como manifestado em *Procura da poesia*:

Chega mais perto e contempla as palavras. / Cada
uma / tem mil faces secretas sob a face neutra / e te
pergunta, sem interesse pela resposta, / pobre ou
terrível, que lhe deres: / Trouxeste a chave?⁸¹

Para ampliar o entendimento da importância central que o próprio poeta dava a esse assunto, citamos outra poesia de Drummond que reflete o seu embate com o

⁷⁸ DRUMMOND de Andrade, 2010, p. 133.

⁷⁹ idem, 2010a.

⁸⁰ FERRAZ (Apres.) In: DRUMMOND de Andrade, 2010a.

⁸¹ DRUMMOND de Andrade, 1978, p. 76 - 77.

verbo e expressa a sua percepção de que o mundo se constrói no sentido mesmo em que seus versos são engendrados. E, por outro lado, como as palavras têm ‘mil faces’ carregam em si uma infinidade de significados e possibilidades de combinação. Assim, em *Consideração do poema* ele afirma a liberdade criativa da palavra. Compreensão esta, que vai acompanhá-lo ao longo de todo o seu exercício literário.

[...] As palavras não nascem amarradas, / elas saltam,
se beijam, se dissolvem, / no céu livre por vezes um
desenho, / são puras, largas, autênticas,
indeavassáveis.⁸²

Marcada pelo lirismo, a poesia de Drummond revela o seu processo de reflexão sobre os problemas humanos perante o desconcerto do mundo. No encontro do ser com a linguagem, habita o poeta experimentador que não se vê apenas diante da linguagem enquanto exercício da palavra, mas a lhe conferir sentido de vida. Expressando inquietude, questiona o mundo e a si mesmo, sem abrir mão de um tom levemente coloquial. Tudo combinado a uma personalidade melancólica, à margem do sistema, *gauche*, desajeitado, mas cujo coração transborda mais vasto que o mundo, conforme ele mesmo se define no *Poema de sete faces*, na abertura de seu primeiro livro:

Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na
sombra / disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida. [...]
Mundo mundo vasto mundo, / se eu chamasse
Raimundo / seria uma rima, não seria uma solução. /
Mundo mundo vasto mundo, / Mais vasto é meu
coração [...] ⁸³

Outro poema bastante conhecido do poeta, *Sentimento do mundo*, ilumina esse tema da presença do sujeito sensível perante o mundo, percepções de um sujeito que é simultaneamente, participante comprometido e impotente, perante o seu tempo.

Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, /
mas estou cheio de escravos, / minhas lembranças
escorrem e o corpo transige / na confluência do

⁸² DRUMMOND de Andrade, 1978, p. 75–76.

⁸³ idem, 2010, p. 83.

amor. [...] Sinto-me disperso, anterior a fronteiras,
[...]⁸⁴

Por meio de uma pesquisa sentimental da condição do passado, Drummond reconstrói elementos de sua memória, dando novo sentido às pessoas e aos espaços, ampliando e atualizando o seu significado. Sua raiz fincada na tradição mineira de uma pequena cidade do interior é recorrente em sua poesia, seja no sentido da saudade, seja no humor, na ironia, na crítica aos costumes, conforme aparece no conhecido poema *Cidadezinha qualquer*:

Casas entre bananeiras / mulheres entre laranjeiras
/ pomar amor cantar. / Um homem vai devagar. / Um
cachorro vai devagar. / Um burro vai devagar. /
Devagar... as janelas olham. / Eta vida besta, meu
Deus.⁸⁵

Antônio Houaiss⁸⁶ afirma num ensaio escrito sobre Drummond que ele é o poeta de um tempo “que está na confluência do pretérito, na medida em que este perdura como resíduo, real, imaginário ou fantástico; o que contribui para fazer do seu presente uma realidade, uma imaginação ou fantasia que se projeta no futuro”. Atemporal, não há livro do autor em que não se possa observar o lastro deixado pela sua intensa relação com o tempo, em suas inúmeras vertentes, que longe de ser apenas um dos temas enfatizados no conjunto de seus escritos, é considerado pelo próprio autor, a matéria de sua poesia.

[...] O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
homens presentes, / a vida presente.⁸⁷

Corroborando essa visão aguda da atualidade em Drummond, apresentamos a seguir, trechos da poesia *Eu-etiqueta*, escrita na década de 1980, que retrata com pertinência irônica a propaganda imposta pelas grandes marcas através da moda, como uma forma de apresentação individual alienada, que resulta na perda da própria identidade e transforma a pessoa em ‘coisa’, vitrine que se oferece como

⁸⁴ DRUMMOND de Andrade, 2007, p. 67.

⁸⁵ *ibidem*, p. 23.

⁸⁶ HOUAISS (Apres.) *In* DRUMMOND de Andrade, 1978.

⁸⁷ DRUMMOND de Andrade, 1940, p. 79.

signo alheio. Um alerta ainda bem atual à propagação da cultura do 'ter' em detrimento do 'ser'.

Em minha calça está grudado um nome / que não é meu de batismo ou de cartório, / um nome... estranho. [...] são mensagens, / letras falantes, / gritos visuais, / ordens de uso, abuso, reincidência, [...] e fazem de mim homem-anúncio itinerante, / escravo da matéria anunciada. / Estou, estou na moda. / É doce estar na moda, ainda que a moda / seja negar minha identidade, [...] Agora sou anúncio, / ora vulgar ora bizarro, / em língua nacional ou em qualquer língua / (qualquer, principalmente). / E nisto me comprazo, tiro glória / de minha anulação. [...] Onde terei jogado fora / meu gosto e capacidade de escolher, / minhas idiossincrasias tão pessoais, / tão minhas que no rosto se espelhavam, / e cada gesto, cada olhar, / cada vinco da roupa / resumia uma estética? / Hoje sou costurado, sou tecido, / sou gravado de forma universal, / saio da estamparia, não de casa, / da vitrina me tiram, recolocam, / objeto pulsante mas objeto / que se oferece como signo de outros / objetos estáticos, tarifados. / Por me ostentar assim, tão orgulhoso / de ser não eu, mas artigo industrial, / peço que meu nome retifiquem. / Já não me convém o título de homem. / Meu nome novo é coisa. / Eu sou a coisa, coisamente.⁸⁸

3.2 - IMPREGNANDO-SE COM POESIA

Segundo Fraga, embora fosse um grande admirador do poeta desde a sua juventude, foi pesquisando mais a fundo a obra de Drummond que descobriu que o poeta citava assuntos relacionados à moda, roupas e costumes para falar do seu próprio tempo.

(...) descobri poesias e crônicas que eu não conhecia. E nessas poesias ele deixava muito claro o registro da moda daquele momento. Pensei então que ninguém já havia feito uma seleção de Drummond pelo viés da moda. Há o Drummond amoroso, político, dono da

⁸⁸ DRUMMOND de Andrade, 1984, p. 85-87.

palavra, que sempre brincou e construiu como ninguém. Mas nunca se pensou em associar Drummond, olhar Drummond pelo olhar que ele sempre teve sobre essa questão da moda.⁸⁹

Durante suas pesquisas, ele teve contato com uma crônica de 1922, publicada no jornal *O Diário de Minas*, de Belo Horizonte, em que Drummond observava as pessoas na rua e seu comportamento:

Nesta estação, a moda nos traz péssimas notícias, os comprimentos estarão mais longos, estaremos privados das lindas pernas das moças no bonde ao fim da tarde. Mas não se preocupe: toda vez que se mexe no comprimento dos vestidos, também desce a altura dos decotes.⁹⁰

Assim cativado, Fraga decide traduzir em roupas o universo do poeta. “Quis que as pessoas conhecessem um Drummond tão ‘pop’ quanto a moda” explica o criador falando sobre a sua motivação, “mas o que me interessa mesmo em Drummond, é entendê-lo como um grande observador do seu tempo⁹¹”.

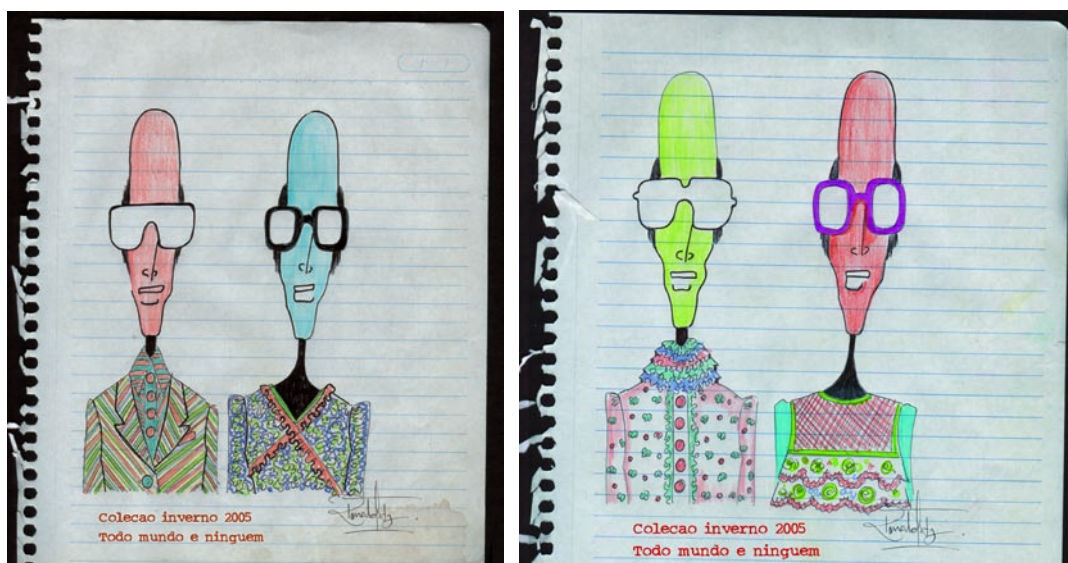


Figura 20 - Ronaldo Fraga. Croquis. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

⁸⁹ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a *Graziela Morelli*, 2006. Disponível em: <<http://olharouvirescrever.blogspot.com/2006/04/olhar-moda-ronaldo-fraga.html>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

⁹⁰ DRUMMOND de Andrade, 1922 apud FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg para a elaboração da dissertação, em 20 mar. 2012.

⁹¹ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg para a elaboração da dissertação, em: 20 mar. 2012.

Os croquis da coleção (Fig. 20) brincam com a ideia de um Drummond repaginado, conforme explica Fraga na entrevista concedida a Marília Gabriela, em 2011, quando diz, em tom bem humorado, “que considera Drummond um dos maiores estilista do país⁹²”.

Para a realização da pesquisa sobre o poeta, Fraga faz uma imersão nos arquivos do escritor - com a autorização de sua família. Dali, o estilista faz nascer “ternos de funcionário público [...] e delicados bordados com as pedras do caminho⁹³”. Em seu *release*, aponta o tom e os temas selecionados: delicadeza, cordialidade, preciosidade; memória, atemporalidade, histórias de amor. As cores propostas: rosa memória, verde folha, bege tempo. Camadas que se sobrepõem nas peças de roupa, nas mangas das camisas, nas golas dos vestidos. Nessa direção, o texto no *website* indica algumas sugestões: “[...] postais do tempo, [...] memórias do amor, [...] toque de tecido em extinção⁹⁴”.

Ao olhar as peças, o expectador é remetido há um tempo antigo, bucólico, como se estivesse conhecendo diversas damas antigas saídas das poesias de Drummond, mas muito estilosas.⁹⁵

A maquiagem de ‘fantasma’ usada nos modelos e as linhas soltas dos penteados em desalinho, contudo, criam um efeito de fragilidade que faz ressaltar, por contraste, a densidade do conjunto e lembram o poema *Declaração em juízo*, do livro *Impurezas do Branco*:

Tudo foram ensaios. / testes, ilustrações. A verdadeira vida / sorria longe, indecifrável. [...] sou sobrevivente / Sobrevivente incomoda / mais que

⁹²FRAGA, Ronaldo. Programa Roda Viva. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Bloco 2. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DCRhsYPGSgg&feature=relmfu>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

⁹³ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

⁹⁴ idem nota 94.

⁹⁵ DULTRA, Paula. *Moda e Literatura*: Paralela Moda e Arte traz exposição de moda inspirada em Drummond. 2011. Disponível em: <<http://subindonotelhado.com.br/moda-e-literatura.html>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

fantasma. Sei: a mim mesmo / incomodo-me. O reflexo é uma prova feroz.⁹⁶

Além disso, no *release* há também uma citação sobre o “lugar-algum e lugar-comum⁹⁷”, espaços onde circulam ‘todo mundo’ e ‘ninguém’, o que permite outros níveis de entendimento, que se refletem nas relações sociais e existenciais tão arduamente investigadas pelo poeta.

Aprofundando a complexidade do tema na imersão proposta pelo performático evento, como parte da trilha sonora do desfile podia-se ouvir o poema *E agora, José* declamado na própria voz do poeta⁹⁸:

E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José? / e agora, você? [...] Com a chave na mão / quer abrir a porta, / não existe porta; / quer morrer no mar, / mas o mar secou; / quer ir para Minas, / Minas não há mais. / José, e agora?⁹⁹

Na extensa obra produzida por Drummond encontramos crônicas, contos, parcerias e diversas adaptações. Entre elas, a adaptação da peça *Todo Mundo e Ninguém*, do *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente. No texto de 1531, Belzebu, por meio dos personagens alegóricos *Todo Mundo* e *Ninguém*, critica as mazelas humanas com fina ironia:

Belzebu assistia a tudo atentamente. Entra Todo Mundo, rico mercador, fazendo que anda buscando alguma cousa que perdeu; e logo após, entra um homem, vestido como pobre. Este se chama Ninguém e diz:

[...] E o que mais procuras, hem?

Todo Mundo: Procuo poder e glória.

Ninguém: Eu cá não vou nessa história. / Só quero virtude. Amém.

⁹⁶ DRUMMOND de Andrade, 2007, p. 723.

⁹⁷ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

⁹⁸ Trilha sonora. Coleção *Todo mundo e ninguém*, Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.sibila.com.br/index.php/poemas/282-e-agora-jose-remix->>. Acesso em: 13 jul. 2012.

⁹⁹ DRUMMOND de Andrade, 2001, p. 109.

Belzebu: Mas o pai não se ilude / e traça: [...] Busca o poder Todo Mundo / e Ninguém busca virtude. [...] ¹⁰⁰

O título da coleção de Fraga resgata essa crítica, cuja adaptação feita por Drummond dialoga com temas contidos em seus próprios questionamentos. Crítica social que continua, inclusive, ainda bastante relevante e que, por isso, vai se atualizando de forma cada vez mais contemporânea em suas releituras. Ao mesmo tempo, o título brinca com outros pontos de encontro entre ‘todo mundo’ e ‘ninguém’, contidos na obra de Drummond. Sentido que podemos encontrar, por exemplo, no cruzamento de dois dos poemas mais conhecidos do poeta, o *Poema de sete faces*: “mundo, mundo, vasto mundo/ mais vasto é o meu coração¹⁰¹”, e *Quadrilha*: “João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém¹⁰²”.

Nomeada *Todo mundo e ninguém*, os temas que perpassam essa coleção acontecem, na verdade, no intervalo desses pólos dialéticos, como aspectos que compõem o escopo das vivências humanas: os encontros e desencontros românticos, a melancolia persistente que revela ao solitário a amplitude do seu mundo interior, o amor de mãe, a amizade, o comprometimento com os ideais. A quantidade e variedade de cortes e sobreposição de diferentes tecidos coloridos (FIG. 21), assim como as transparências e os muitos detalhes dos acabamentos das roupas, reforçam o potencial dessas inúmeras leituras simbólicas propostas por Fraga.

¹⁰⁰ VICENTE, Gil. 1532; DRUMMOND de Andrade, Carlos (Adaptação). Auto da Lusitânia. *Todo mundo e ninguém*. Disponível em: <<http://autodalusitania.blogspot.com.br/2011/10/auto-da-lusitania.html>>. Acesso em: 19 jul. 2012.

¹⁰¹ DRUMMOND de Andrade, 2010, p. 83.

¹⁰² ibidem, p. 177.



FIGURA 20 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 21 - Ronaldo Fraga. Modelos desfilam de mãos dadas. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

3.3 - CORAÇÕES E DELICADEZAS

Em alusão clara ao poema do livro *Sentimento do mundo* as mãos das modelos se unem e elas desfilam juntas (FIG. 22). Preenchendo um espaço de encontro humano, insistentemente buscado pelo poeta em sua obra.

O presente é tão grande, não nos afastemos. / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.¹⁰³

As camadas de sentidos, densas e delicadas, sugeridas pelos “bordados com as pedras do caminho¹⁰⁴” iluminam um olhar sutil que se multiplica em flores (FIG. 23), refletindo características sensíveis que constantemente se repetem nos escritos do poeta.

"Amor" - eu disse - e floriu uma rosa /
embalsamando a tarde melodiosa / no canto mais
oculto do jardim.¹⁰⁵

Sensibilidade que faz brotar do duro asfalto, uma flor de frágil esperança, em *A Flor e a Náusea*:

Preso à minha classe e a algumas roupas, / Vou de
branco pela rua cinzenta. / Melancolias, mercadorias
espreitam-me. [...] Uma flor nasceu na rua! / Passem
de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. /
Uma flor ainda desbotada [...] rompe o asfalto. /
Façam completo silêncio, paralitem os negócios, /
garanto que uma flor nasceu.¹⁰⁶

Mais camadas aparecem na sobreposição de corações, cuja “aplicação e pespointos em muitas, muitas páginas”, nas palavras de Fraga¹⁰⁷, costuram fragmentos de

¹⁰³DRUMMOND de Andrade, 1940, p. 79.

¹⁰⁴ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

¹⁰⁵ DRUMMOND de Andrade, 1989, p. 44.

¹⁰⁶ idem, 2007, p. 119

¹⁰⁷ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

informação que traduzem a visão amorosa do conjunto dos escritos de Drummond (FIG. 24).



FIGURA 22 - Ronaldo Fraga. Peças bordadas. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

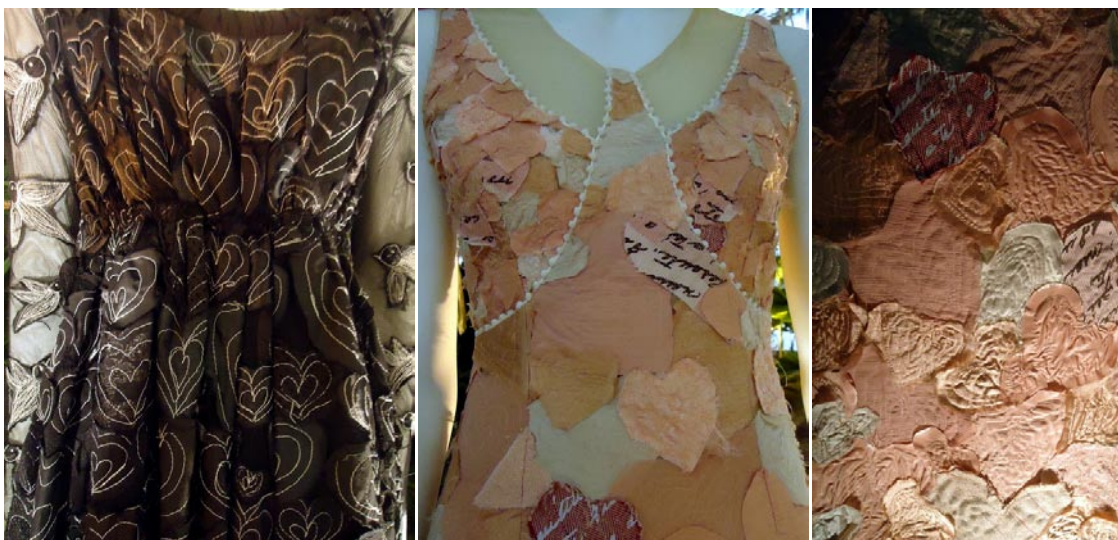


FIGURA 23 - Ronaldo Fraga. Peças com pespontos e aplicações. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

3.4 - NO FIO DA PALAVRA



FIGURA 24 - Ronaldo Fraga. Detalhes com corte a laser que simulam folha de caderno. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

A relação entre moda e literatura ganha uma versão têxtil que simula uma página de papel pautada arrancada de um caderno de anotações, para criar golas e até mesmo partes da saia de algumas de suas criações (FIG. 25). Cortado a laser, o efeito se assemelha a uma renda, cumprindo tanto a função de suporte, associada ao papel onde se escreve, quanto de função ativa e decorativa, de ser o próprio elemento que comunica. “Preciosidades¹⁰⁸”, diz o criador.

Adicionando às relações existentes entre imagem e texto nesta coleção, a cenografia do desfile apresenta tecidos semitransparentes, esticados do teto ao chão da passarela, em que aparecem textos manuscritos que remetem à ideia de um ‘caderno gigante’ (FIG. 27). Um deles é a reprodução de uma carta de Mário de Andrade endereçada a Carlos Drummond de Andrade, que Fraga inclui por

¹⁰⁸ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

considerá-la “determinante para transformar Drummond no poeta que conhecemos. A influência do Mário é uma coisa maravilhosa na vida do Drummond¹⁰⁹”.

Os dois poetas mantiveram uma correspondência iniciada em 1924, após se conhecerem em Belo Horizonte, até a morte do mestre paulista, em 1945. Cria-se aí uma troca intelectual que contém um ensinamento extraordinário, considerado pelos olhos da poesia, da criação e da amizade. “Estabeleceu-se um vínculo afetivo que marcaria em profundidade a minha vida intelectual e moral¹¹⁰”, escreveu Drummond, muitos anos mais tarde, quando reuniu no livro *A Lição do amigo* a correspondência completa trocada entre eles.

A carta em questão, que aparece estampada não apenas no cenário do desfile, mas também em blusas, saias, vestidos e paletós - traz como questão central, “a busca modernista de uma brasilidade sem recalques¹¹¹”. Datada em 10 de novembro de 1924, Mário de Andrade diz assim:

Meu caro Carlos Drummond, [...] Li seu artigo. Está muito bom. Mas nele ressalta bem o que falta a você — espírito de mocidade brasileira. Está bom demais pra você. Quero dizer: está muito bem pensante, refletido, sereno, acomodado, justo, principalmente isso, escrito com grande espírito de justiça. Pois eu preferia que você dissesse asneiras, injustiças, maldades moças que nunca fizeram mal a quem sofre delas. Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa. Com toda a abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo [...].¹¹²

¹⁰⁹ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da dissertação, em 20 mar. 2012.

¹¹⁰ DRUMMOND de Andrade apud MELLO. *Drummond, o antibusto*. Revista Cult. Ed. 62. mar. 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03 /drummond-o-antibusto/>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

¹¹¹ FERRAZ, Eucanaã. Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade - correspondência. 2003. Disponível em: <http://www.eucanaaferraz.com.br/sec_textos.php>. Acesso em: 01 jul. 2012.

¹¹² DRUMMOND de Andrade, Carlos; ANDRADE, Mario, 2002. (grifo nosso)

Revelando a íntima interligação entre escrita e imagem, o texto impresso na materialidade do tecido se encontra no limiar entre legibilidade e textura gráfica (FIG. 26). Enquanto elemento semântico, alguns fragmentos são às vezes reconhecíveis. Em outras áreas, o aspecto caligráfico se limita a um gesto e submete as palavras ao discurso plástico, transformando-se dessa forma, em ‘coisa desenhada’. Cumpre assim, uma função simbólica de representar o conjunto genérico dos escritos não apenas de um poeta, mas da criação poética e da poesia universal como um todo. Por expansão, açambarca o potencial expressivo da escrita como um dom pertencente a toda a humanidade, sendo, portanto, de todo mundo e de ninguém em particular.

Há uma referência poética também ao tempo em que o manuscrito concentrava em si o gesto inerente de sua criação, e com isso, a força concentrada da identidade, contida na assinatura individual. Memória sensorial que se desvanece gradativamente diante dos encantos dos novos tempos tecnológicos, em que quase não se escreve mais sem o auxílio de uma máquina. Imagem que corresponde ao descrito no *release*: “tecidos com cara de extintos¹¹³”.



FIGURA 25 - Ronaldo Fraga. Peças com estampas de manuscrito. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

¹¹³ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

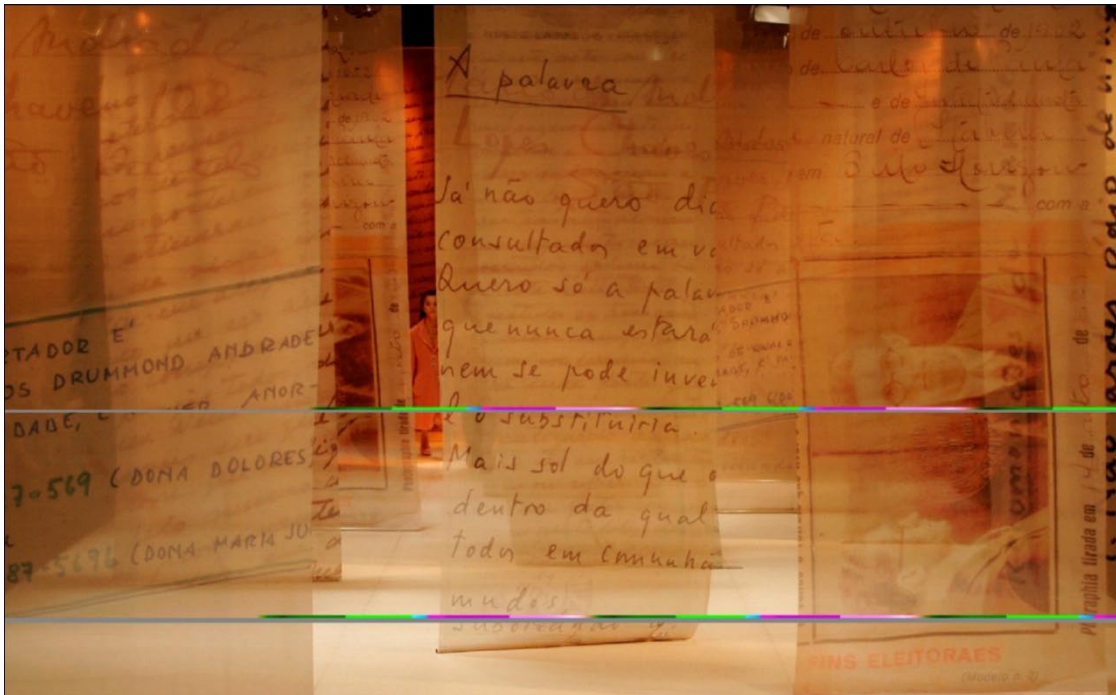


FIGURA 26 - Ronaldo Fraga. Cenário. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Outros elementos gráficos incluídos nos panos que integram as camadas intertextuais do cenário são compostos por poemas, documentos e bilhetes relativos à vida do poeta.

O poema *A palavra* é apresentado no painel central do espaço cenográfico (Fig. 27), compondo uma homenagem ao poeta que tanto lutou, buscou e contemplou as palavras em seu viver artístico e existencial.

Já não quero dicionários / consultados em vão. /
 Quero só a palavra / que nunca estará neles / nem se
 pode inventar. / Que resumiria o mundo / e o
 substituiria. / Mais sol do que o sol, / dentro da qual
 vivêssemos / todos em comunhão, / mudos, /
 saboreando-a.¹¹⁴

De certa forma, esta é a única utilização direta de um poema na superfície têxtil, que Fraga vai fazer em sua apropriação da obra do poeta. Demonstrando com isso,

¹¹⁴ DRUMMOND de Andrade, 2002, p. 140.

tanto o seu reconhecimento do poder da palavra do autor, quanto a sua afinidade com esse aspecto metalingüístico presente de forma central também em sua obra.

Segundo Antonio Candido¹¹⁵ no ensaio *Inquietudes na poesia de Drummond*, a palavra se confunde com o próprio poeta e buscá-la é sua razão de viver. Em consonância com essa trajetória, Drummond reconhece em *Poesia*, que sua vida é tecida de sentidos entremeados às palavras, e indica a consciência de um embate:

Gastei uma hora pensando um verso, / que a pena
não quer escrever. / No entanto, ele está cá dentro /
inquieto, vivo. / Ele está cá dentro / e não quer sair. /
Mas a poesia deste momento / inunda minha vida
inteira.¹¹⁶

Apropriando-se dessa característica, Fraga resgata imagens e temas não só ligados diretamente à obra, mas que refletem aspectos da vida cotidiana de Drummond. E associa junto a esse conteúdo, diálogos com a palavra e o texto de uma forma ampla.

A fotografia do poeta que aparece estampada nos painéis do cenário do desfile, pertence a um documento antigo (FIG. 27), onde podemos ver o carimbo com a data de 1929. Ano que remete a um período importante na vida de Carlos Drummond, que se dá no intervalo entre a publicação do poema *No meio do caminho*, em 1928 e o seu primeiro livro *Alguma Poesia*, no ano de 1930, momento em que ele está se afirmando como poeta modernista. É bastante significativo, entre outros aspectos, enquanto indicador do seu exercício de ousadia e espírito revolucionário. No entanto, é também o ano em que, paradoxalmente, ele se torna funcionário público, indo trabalhar no jornal *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado. Esse lado da sua história pode ser entrevisto na coleção em elegantes peças listradas, que sofrem a interferência de diferentes elementos, agregando novas informações ao conjunto (FIG. 28).

¹¹⁵ CANDIDO, 2004, p. 67-97.

¹¹⁶ DRUMMOND de Andrade, 2010, p. 157.



FIGURA 27 - Ronaldo Fraga. Peças listradas e bordadas. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

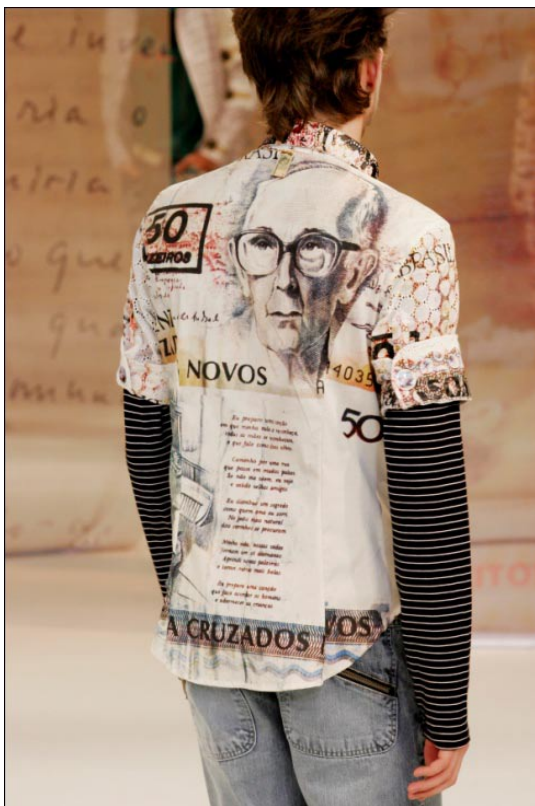


FIGURA 28 - Ronaldo Fraga. Camisa estampada com a imagem de Carlos Drummond de Andrade na nota de cinquenta cruzados novos. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

A nota de cinquenta cruzados novos, que estampa a figura de Carlos Drummond de Andrade (FIG. 29) é resgatada através da renovação de seu valor gráfico. Figura da vida cultural brasileira, Drummond é ‘re-conhecido’ em seu valor de ícone imaterial, personagem de si mesmo, materializado em sucessivas repetições, ritmos e impressões de textura visual. Nas “cédulas que tem valor e não tem preço¹¹⁷”, a intertextualidade expõe cruzamentos na direção de uma revalorização da memória coletiva e cultural.



FIGURA 30 - Ronaldo Fraga. Bilhete *Ao Portador*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 29 - Ronaldo Fraga. Bilhete *Recomendações de Mamãe*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Da mesma maneira, é fora da poesia de Drummond como tal, que vai aparecer a própria letra do poeta, num bilhete usado para identificação - *Ao portador*. É interessante observar que, repetindo-se depois como bordado em peças da coleção

¹¹⁷ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

(FIG. 30), o relevo criado pela letra do poeta, resultante da sobreposição dos fios em contato com o tecido, vai configurar-se, literalmente, como um texto-textura. Na medida em que o texto do poeta manifesta-se como a expressão de elementos de sua própria vida, é criado um entrelaçamento circular de figura e fundo. O texto ao se transformar em textura revela a raiz comum existente entre palavra e imagem. E cravada na superfície têxtil, a mensagem confunde-se com o gesto.

Um bilhete (FIG. 31) intitulado *Recomendações da mamãe* que, segundo o estilista, Carlos Drummond guardou até a sua morte, também aparece impresso num painel cenográfico e bordado em peças de roupas da coleção. No texto aparece escrito assim:

Recomendações da mamãe:

1 – Não guardes ódio de ninguém.

2 – Compadece-te sempre dos pobres.

3 – Cala os defeitos dos outros.

Em associação ao poema *Canção amiga*, que se tornou famoso na voz de Milton Nascimento, vislumbramos valores que convergem numa postura ética, humanista, e até mesmo utópica, que permeiam tanto o trabalho do poeta quanto o do *designer*.

Eu preparo uma canção / em que minha mãe se reconheça, / todas as mães se reconheçam, / e que fale como dois olhos. / Caminho por uma rua / que passa em muitos países. / Se não me vêem, eu vejo / E saúdo velhos amigos. / Eu distribuo um segredo / como quem ama ou sorri. / No jeito mais natural / dois carinhos se procuram. / Minha vida, nossas vidas / formam um só diamante. / Aprendi novas palavras / e tornei outras mais belas.¹¹⁸

¹¹⁸ DRUMMOND de Andrade, 2007, p. 231.

3.5 - TEMPORALIDADES

Sem a intenção de esgotar todas as possibilidades de leitura contidas tanto na obra do poeta maior, quanto nas “enigmáticas e enternecedoras coleções¹¹⁹” de Ronaldo Fraga, há ainda um relevante aspecto abordado nessa coleção que não pode deixar de ser mencionado, pois que se refere à presença dos elementos visuais relacionados ao tempo. Tanto o tempo que vai aparecer claramente representado em imagens de relógios de pulso e de bolso (FIG. 32), quanto o tempo da natureza, que é entrevisto nas muitas árvores bordadas e estampadas, frondosas, floridas, secas ou carregadas de frutos (FIG. 33). Conforme explicado nas palavras do estilista: “Marcação de tempo, perseguição ao tempo, atemporalidade¹²⁰”.



FIGURA 31 - Ronaldo Fraga. Relógios. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

¹¹⁹ GARCIA, 2007, p. 80.

¹²⁰ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.



FIGURA 32 – Ronaldo Fraga. Vestidos com árvores. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

A árvore em suas várias fases traz correspondência com diversas culturas e rituais, como símbolo de representação do tempo – e da vida, da morte e da renovação, desde a tradicional e mística árvore de natal até o fundamento contido na cabalística árvore da vida. Especificamente em Drummond, além do aspecto profundamente investigado em sua obra, da árvore genealógica e a força da sua raiz, podemos ver o tema ecológico ganhar corpo já na década de 1960, com a presença expressiva do elemento árvore a partir do livro *Lição das coisas*¹²¹.

¹²¹ DRUMMOND de Andrade, 1964.

"Sou um velho Jequitibá", disse o poeta na década de 1980, à escritora Rosa Nepomuceno¹²². "Sou um homem dissolvido na natureza", declara no poema *Tempo de Ipê*:

[...] Sou um homem dissolvido na natureza. / Estou florescendo em todos os ipês. / Estou bêbado de cores de ipês, estou alcançando / a mais alta copa do mais alto ipê do Corcovado. / Não me façam voltar ao chão, / não me chamem, não me telefonem não me dêem dinheiro, [...] Este é tempo de ipê. Tempo de glória¹²³.

Em *Discurso de Primavera e Algumas Sombras*, livro publicado em 1977, destaca-se a poesia *Águas e Mágoas* em que, através de sua percepção privilegiada, o poeta já alertava sobre os riscos ambientais que incidiam sobre o Rio São Francisco.

Está secando o velho Chico. / Está mirrando, / Está morrendo. [...] na negra ausência de verde, / no sacrifício das árvores / cortadas, carbonizadas [...]¹²⁴

Poema emblemático, que vai depois ser incluído em outro trabalho de Fraga¹²⁵. Ainda dentro dos símbolos que referenciam o tema da temporalidade, apontamos um detalhe significativo: os botões das roupas, que mostram uma imagem de bebê em batismo. O mesmo bebê aparece também nas estampas, se multiplicando num padrão delicado, onde, assim como o botão, só pode ser plenamente visualizado bem de perto (FIG. 34). O contraste com a figura de Drummond acontece pela proximidade com a estampa da nota de dinheiro, tanto por sua escala ampliada, simbolizando a grandeza e unicidade do poeta, quanto pela imagem em si da pessoa dele, que tem o aspecto mais avançado em idade. Diálogo que vai aparecer tanto na costura desses tecidos numa mesma peça, como também na estampas das saias usadas pelas duas moças que desfilam de mãos dadas (FIG. 22). Ato que revela outras dimensões, quando entrevisto pela circularidade do tempo e do espaço.

¹²² NEPOMUCENO, 2007 apud ANDRADE; ANJOS; RÔÇAS, 2009.

¹²³ DRUMMOND de Andrade, 2007, p. 1358.

¹²⁴ idem, 2006, p. 19.

¹²⁵ Na voz de Maria Bethânia declamando, o poema ecoa nos vestidos musicais que integram umas das salas da exposição *Rio São Francisco*, - Palácio das Artes – Belo Horizonte, 2011.



FIGURA 33 – Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

No *website* do estilista, a imagem do bebê aparece em tamanho ampliado (FIG. 35), lado a lado com a foto esmaecida de Carlos Drummond, sentado ao fundo e olhando para algo além, demonstrando a intenção do *designer* de compor um quadro com elementos simbólicos relacionados ao ciclo da vida - com tudo o que já foi e o que será. “Preciosidades de vida e de morte¹²⁶”, conforme explica o criador.



FIGURA 34 – Ronaldo Fraga. Imagem do *website*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Fraga passou várias tardes na biblioteca de Carlos Drummond de Andrade, em Copacabana. Além da coleção de roupas, a pesquisa traz como resultado um livro *Moda, Roupas e Tempo - Drummond selecionado e ilustrado por Ronaldo Fraga*. No prefácio, o jornalista Humberto Werneck cita uma significativa frase de Drummond: "A moda é passageira, como as pessoas, mas ressuscita, e elas não¹²⁷".

¹²⁶ FRAGA, Ronaldo. *Release*. Coleção *Todo mundo e ninguém*. Inverno 2005. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 10 jul.2012.

¹²⁷DRUMMOND de Andrade, 1987, p.105.



CAPÍTULO 4

4 - COLEÇÃO TUDO É RISCO DE GIZ

Nunca escondi de ninguém que a memória é o meu prato predileto.

Ronaldo Fraga

4.1 - O GIZ DO GIRAMUNDO

A coleção *Tudo é risco de giz*, criada por Ronaldo Fraga para o inverno de 2009 teve como ponto de partida, o espetáculo do Grupo *Giramundo* Teatro de Bonecos, *GIZ*.

Álvaro Apocalypse, artista plástico mineiro, é considerado um dos principais responsáveis pela renovação do teatro de bonecos no Brasil. Em 1970 cria o *Giramundo* Teatro de Bonecos em parceria com Terezinha Veloso e Maria do Carmo Vivacqua Martins, ambas também artistas plásticas e professoras da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Começa aí uma intensa e múltipla atividade artística que ao longo dos anos seria premiada no

Brasil e no exterior - entre eles um *Molière* em 1980 e o *Prêmio Multicultural Estadão* em 1998¹²⁸.

Ao falecer em 2003, o artista deixa um histórico de 27 espetáculos montados, com a criação de mais de 700 bonecos. Dando continuidade à obra de seu inventor, o Grupo mantém desde 2004, em Belo Horizonte, uma escola de formação de marionetistas, além de um museu que abriga todo o seu acervo.

Marcos Malafaia, um dos diretores conta que

A história do grupo está e sempre estará ligado ao trabalho e pensamento de Álvaro Apocalypse. Artista plástico, professor, inventor e mestre bonequeiro [...] que retirou o Giramundo do nada, cavalgou-o com papel e lápis, inflou-o com mil bonecos e soltou-o no ar ao partir.¹²⁹

Com uma forte ênfase na cultura popular como fonte temática, plástica e dramática de seus espetáculos, o Grupo de Bonecos apresenta como característica marcante em sua trajetória, a produção e adaptação de textos literários. Segundo Malafaia “é um grupo contador de histórias. [...] São raros os momentos em que o *Giramundo* desvia dessa tentativa imediata de ilustrar uma história ou um texto¹³⁰”.

Invertendo esse padrão criativo, a dramaturgia de *GIZ*, criada na década de 1980, tem seu início marcado pela antecipação do desenho às outras fases de construção do espetáculo. Assim, é a partir de esboços feitos por Apocalypse que nascem os bonecos, instigando experimentações que vão resultar no texto-roteiro do espetáculo.

Apresentado sem uma narrativa linear, o texto é composto por uma sucessão de situações isoladas que ocorrem em torno de uma família, onde as pessoas nascem e morrem incessantemente, em um processo perturbador e simultaneamente cômico. Conforme descrição do espetáculo fornecido pelo Grupo, “um tênue fio

¹²⁸ Fonte: Jornal Estadão. Morre Álvaro Apocalypse, fundador do Giramundo – Caderno 2 - 9 Set. 2003. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2003/not20030909p2304.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

¹²⁹ MALAFAIA, 2006, p. 182.

¹³⁰ *ibidem*, p. 184.

condutor liga as cenas: o abandono¹³¹”. A peça se desenvolve em 12 quadros fragmentados onde os bonecos se movimentam em parceria com os sons, ruídos ou palavras soltas.

Espetáculo experimental voltado tanto para crianças como adultos, o cenário é todo branco, composto por biombos vazados, onde os bonecos em tamanho descomunal entram e saem dependurados em cabides, projetados contra um fundo preto que ressalta as formas brancas. Os atores-manipuladores vestidos igualmente de branco, atuam aparecendo ou sendo ocultos através dos efeitos de luz, que jogam com a ambiguidade de estar e não estar na cena (Fig. 36).

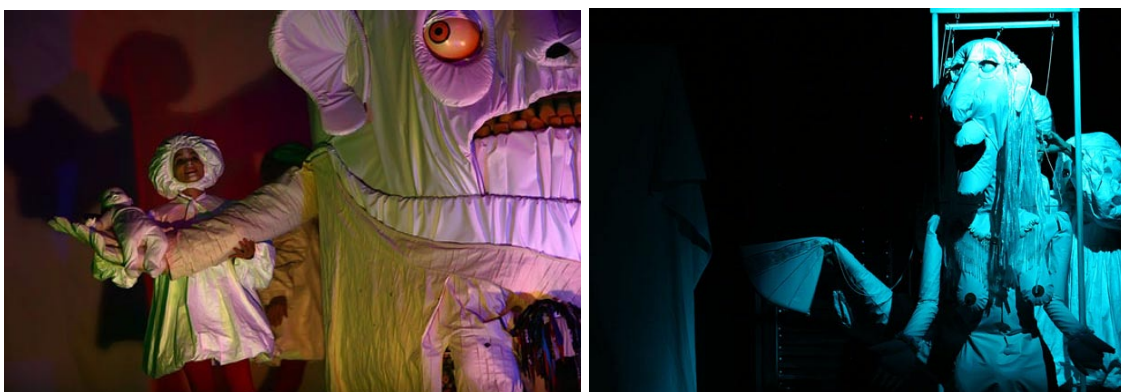


FIGURA 35 - Grupo Giramundo Teatro de Bonecos. Cena da peça GIZ. 2008. Fonte: <<http://www.flickr.com/photos/lilianep/2764016965/>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

Numa entrevista concedida, quando perguntado se *Giz* é uma espécie de *performance* escultórica, Álvaro responde: “Exato, é quase uma exposição de Artes Plásticas onde os objetos se movem e levam o espectador a várias leituras, pois é impossível não relacionar uma coisa a todas as outras¹³².”

¹³¹ Grupo Giramundo Teatro de Bonecos. GIZ. Disponível em: <<http://www.giramundo.org/teatro/giz.html>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

¹³² APOCALYPSE, 1997 apud MEDEIROS, 2009. p. 67.

O título do espetáculo, *GIZ*, sugere a ideia de um grão frágil, superfície porosa branca que sob pressão vira poeira e se acumula, cobrindo não só os objetos esquecidos pelo tempo, mas se assemelhando a eles. No cartaz do espetáculo, a intenção se revela “Uma bela e frágil história que com um sopro, espirro ou trapo pode deixar de existir¹³³”.

O branco pode ser relacionado ao empalidecer da consciência e à frieza da morte, segundo Pedrosa. De outro lado, o branco também representa a alvorada e o despertar da vida. “Em vários rituais místicos é a cor indicativa das mutações e transições do ser. Segundo o esquema tradicional de toda indicação, ele representa morte e nascimento ou ressurreição¹³⁴”.

Estabelecendo complexidades, o espetáculo é repleto de metáforas, como pode se confirmar nas próprias palavras do grupo:

É como quando se viaja por muito tempo e para bem longe: se fecha a casa e se cobrem os móveis com lençóis. O tempo escorre e tudo se cobre de poeira. A vida dorme. Ah, o tempo... O tempo passa e tanto passa que até as sereias envelhecem. Mas não abandonam o velho charme. Afinal, o amor não é exclusividade de belos e lindos. Na casa vazia, os fantasmas da família cultivam zelosamente tédio e neurose. Ora, a humanidade eterniza erros enquanto ratos roem um passado de glórias.¹³⁵

Medeiros, em sua dissertação de mestrado, investiga as criações de *Apocalypse* e analisa esse espetáculo pontuando que “[...] o que até então era sombra é desvelado; onde era preto ficou branco; os temas sociais poucos tocados, como os direitos às diferenças, vieram à tona e foram vistos como um espelho para a alma¹³⁶”.

¹³³ Grupo Giramundo Teatro de Bonecos. *GIZ*. Disponível em: <<http://www.giramundo.org/teatro/giz.html>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

¹³⁴ PEDROSA, 1989, p. 117.

¹³⁵ CD-Rom: *Giramundo* Teatro de Bonecos, 2001.

¹³⁶ MEDEIROS, 2009, p. 86.

GIZ teve sua estréia em 1988 e foi remontado após 20 anos, para a comemoração dos 80 anos da Universidade Federal de Minas Gerais, que abrigou o grupo por quase duas décadas, em um espaço anexo à Escola de Belas Artes. Durante o processo de readaptação em 2008, o *Giramundo* utilizou os desenhos e a concepção originais, mas acrescentou atualizações técnicas e estruturais ao projeto, integrando assim as inovações e soluções encontradas pelo Grupo nos anos subsequentes¹³⁷.

Para esta nova montagem, o figurino dos marionetistas foi especialmente desenhado por Fraga que, segundo ele, “sempre teve uma grande admiração por essa obra, que imediatamente virou coleção¹³⁸”.

4.2 - A COLEÇÃO

Acompanhando os temas narrados nas coleções do estilista, que expressam os contrastes da natureza humana, não é difícil vislumbrar o motivo de seu vivo interesse, na medida em que a peça aborda “expressões que vão do lúdico ao demoníaco, do singelo ao monstruoso [...] conceitos de feio e bonito, eterno e efêmero, improvável e irônico¹³⁹”.

Fraga montou um cenário lírico, com móveis de antiquário entre os bonecos grandiosos, manipulados por marionetistas que repetiam o mesmo figurino de *GIZ*. Tudo confirmando o tom branco e reproduzindo o clima da peça, ao criar efeitos de fantasmagoria sob uma iluminação especial (FIG. 37).

¹³⁷Grupo Giramundo Teatro de Bonecos. *GIZ*. Disponível em: <<http://www.giramundo.org/teatro/giz.html>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

¹³⁸ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

¹³⁹ Ronaldo Fraga. *Release*. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?cat=60>>. Acesso em: 03 mai. 2012.



FIGURA 36 - Ronaldo Fraga. Cenário. Coleção Tudo é risco de giz. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Em seu *website*, Fraga apresenta a sua leitura sobre o imaginário criado, que expande o sentido de *GIZ* intitulado a sua coleção como *Tudo é risco de giz*:

Atemporal, fala do novo e do velho como início e fim do traço [...] Neste branco onipotente, um pequeno traço sugere uma estória inteira. Uma estória frágil que não resiste ao ser apagada por um pedaço de pano.¹⁴⁰

Em sua tradução poética da fragilidade e o do desamparo, Fraga apresenta no desfile uma surpresa que desperta a emoção dos presentes pelo inesperado: em vez dos usuais modelos jovens, aparece um time de modelos da terceira idade: senhoras e senhores de cabeça grisalha, vestindo as criações de Fraga. Intercalados a eles, crianças correm pela passarela apresentando a versão infantil. Segundo o relato da jornalista Julia Wahmann¹⁴¹ que assistiu ao desfile, os idosos

¹⁴⁰ Ronaldo Fraga. *Release*. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?cat=60>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

¹⁴¹ Ronaldo Fraga. SPFW - *Modalogia*. Blog de Julia Whalmann, 19 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.modalogia.com/2009/01/19/spfw-ronaldo-fraga/>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

elegantemente “faziam pose em frente ao *pit* de fotógrafos e eram fortemente aplaudidos pelos expectadores pegos de surpresa”.

Com o intuito de falar sobre a “efêmera existência do risco ‘da vida’¹⁴²” e em cruzamento com elementos presentes na obra do *Giramundo*, quando diz que “afinal, o amor não é exclusividade de belos e lindos¹⁴³”, o *designer* alavanca questões pertinentes que dizem respeito ao modelo contemporâneo de beleza. Ao exhibir na passarela, pessoas de uma faixa etária acima do padrão usualmente apresentado nesse tipo de evento, com as marcas de sua própria história no olhar, o desfile propõe a reflexão sobre a marginalização sofrida por quem tem mais de 60 anos, numa sociedade cuja estética tende a desvalorizar quem não tem mais o corpo jovem. Fraga¹⁴⁴ revela suas intenções dizendo que “nessa coleção não caberia uma *top* trotando de um lado para o outro”.

As pessoas vão pra ver o bonito na passarela, a modelo perfeita, a modelo da capa. No entanto quando você coloca a pele enrugada, aquele jeito de andar que já tem um outro ritmo, as artrites, as artroses [...] isso gera o desafio muito grande, onde o público pode amar ou odiar [...]¹⁴⁵

A relação com o tempo é um fator muito presente no conjunto da obra de Fraga, sendo um parâmetro que guia as suas escolhas temáticas, tanto afetivamente quanto criticamente, conforme suas palavras: “O mundo hoje virou um museu de grandes novidades - pensamos que é tudo novo porque não conhecemos o

¹⁴² Ronaldo Fraga. *Release*. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?cat=60>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

¹⁴³ CD-Rom: *Giramundo* Teatro de Bonecos, 2001.

¹⁴⁴ Ronaldo Fraga. Entrevista concedida a Dolores OROSCO. *Ronaldo Fraga faz história e leva “vovôs” à passarela da SPFW*. G1. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL962583-7084,00-RONALDO+FRAGA+FAZ+HISTORIA+E+LEVA+VOVOS+A+PASSARELA+DA+SPFW.html>>. Acesso em: 15 mai 2012.

¹⁴⁵ Ronaldo Fraga. Matéria exibida no Programa Catarina. Parte 2. 09 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zsmXQbWTBr0&feature=related>>. Acesso em: 01 set. 2011.

velho¹⁴⁶". E então, ele completa: "E tudo o que eu quero é afagar o meu tempo. Isso não é romantismo, é memória afetiva¹⁴⁷".

Reverberando essa percepção, estampas com elementos gráficos de coleções passadas se misturam às novas peças criadas, expondo a tensão efêmera inerente à moda, onde tudo perde o frescor da novidade rapidamente. E Relógios aparecem, preenchendo a superfície das roupas, se sobrepondo uns aos outros como se o espaço fosse pequeno pra tantas horas (FIG. 38).



FIGURA 37 - Ronaldo Fraga. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

O branco do giz é uma das principais cores que caracteriza o espetáculo, rebatendo a cor dos cabelos. Estabelecendo contraste, o negro do quadro, suporte da escrita, vai aparecer invertido em diversas peças, se transformando em figura. Escalas de cinza e bege também comparecem, indicando simbolicamente, o espaço ocupado pelo tom que esmaece, desgasta, desbota ou suja (FIG. 39). Detalhes em cores mais vibrantes, como o vermelho e o rosa, quando aparecem, criam pontos de atenção que alegam o conjunto.

¹⁴⁶ Ronaldo Fraga. Roupas com história. Entrevista concedida a Déborah de Paula Souza. Revista Claudia – jun. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_238643.shtml?func=2>. Acesso em: 20 mai. 2012.

¹⁴⁷ idem nota 147.



FIGURA 38 - Ronaldo Fraga. Desfile. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Em concordância gráfica com o título, Fraga desenvolve estampas listradas que lembram riscos de giz. Em proporção aumentada, a sua espessura se engrossa e a linearidade do traço se altera, como se feita por uma mão levemente trêmula, portando um imenso giz (FIG. 40).



FIGURA 39 - Ronaldo Fraga. Peças com estampa 'risco de giz'. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

A predominância de linhas desenhadas nessa coleção indica a relação especial de *Giz* com o desenho, mas vai além, homenageando o seu criador, Álvaro Apocalypse, que segundo Malafaia, era um “exímio e experiente desenhista, amante da linha pura [...] se expressou com maestria compondo uma obra gráfica sem paralelo dedicada ao Teatro de Bonecos¹⁴⁸”.

Diversas estampas da coleção foram baseadas nos estudos realizados pelo diretor para a primeira montagem do espetáculo, em 1988 (FIG. 41), enquanto que outras foram desenvolvidas e incorporadas a partir dos croquis feitos pelo próprio estilista (FIG. 42) que se diz também um apaixonado por desenhos desde criança, creditando a esse interesse, inclusive, o seu ingresso na moda. Informação fornecida por ele na página de abertura de seu blog:

Ronaldo Fraga, nascido em Belo Horizonte quarenta e uns anos atrás, tornou-se estilista no susto. Nunca desejou sua carreira, não teve mãe costureira ou irmãs provando vestidos em casa e nunca brincou de boneca. Começou pelo simples fato de saber desenhar. Trezentos anos depois, continua ilustrando personagens para suas estórias: o que muitos chamam de moda.¹⁴⁹

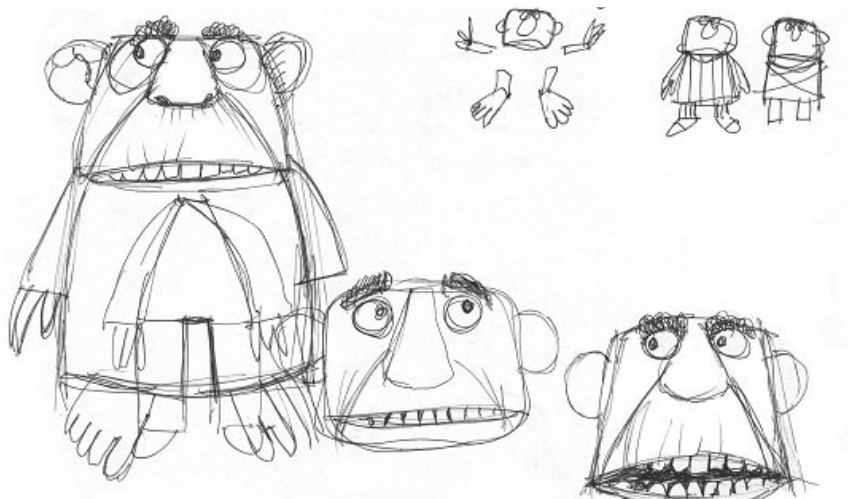


FIGURA 40 - Álvaro Apocalypse. Esboços .Peça *GIZ*. 1988. Fonte: Arquivo Giramundo.

¹⁴⁸ MALAFAIA, 2006, p. 197.

¹⁴⁹ FRAGA, Ronaldo. *Blog*. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/blog/>>. Acesso em: 21 jul. 2012.



FIGURA 41 - Ronaldo Fraga. Peças estampadas. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Graficamente desenhados de forma lúdica, os acessórios para composição dos figurinos surgem sobre pequenas lousas de escola, verde e preta simulando bolsas ou colares feitos com plaquinhas de lousa com dizeres escritos a giz: 'bem me quer', 'amada', 'linda', 'formosa'... Os anéis, também desenhados sobre superfícies de lousa verde e preta, representam solitários de diamantes. Outros colares, compostos por grandes circunferências, representam pérolas proporcionais formando conjunto com os diamantes (FIG. 43).

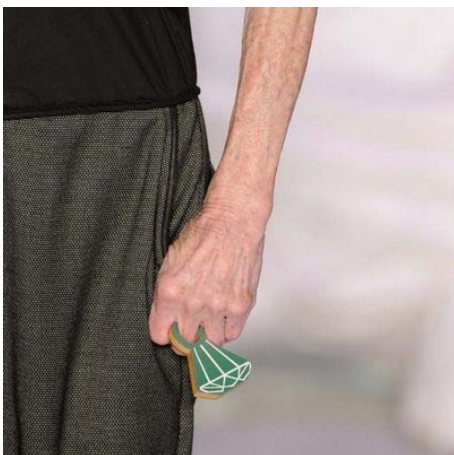


FIGURA 42 - Ronaldo Fraga. Acessórios. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

O humor em suas várias facetas é um formato constantemente utilizado por Ronaldo Fraga. “O universo lúdico faz parte do DNA de todos os meus trabalhos¹⁵⁰”, diz ele. Para Fraga, seu desejo é que o seu público consumidor tenha ao menos um mínimo de desejo de liberdade.

Tem que ter um mínimo de desejo de voar, de brincar e ver que além da escolha da roupa, da escolha da máscara, pode ser algo muito mais divertido de como as pessoas costumam fazer.¹⁵¹

Dentro dessa linha, a coleção apresenta vários bordados e estampas digitais, que remetem aos bonecos inspirados na obra de Apocalypse (FIG. 44).



FIGURA 43 - Ronaldo Fraga. Peças com aplique e estampa digital. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

¹⁵⁰ FRAGA, Ronaldo. *Plaza na Moda entrevista*. Gravação, s/d. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gj5214huHZo&feature=related>>. Acesso em: 10 set. 2011.

¹⁵¹ FRAGA, 2006 apud JESUS, 2007, p. 95-96.

Uma peça de roupa significativa presente na coleção foi desfilada por uma elegante e decidida senhora (FIG. 45). O grafismo da estampa digital, cheia de detalhes, apresenta o desenho das pernas de uma bailarina, ocupando quase toda a roupa e criando um contraste com a delicada figura da idosa. A calça *leg* vermelha cheia de furinhos complementa o visual, provocando um efeito dinâmico com a parte de cima, como se simulasse as pernas de uma menina, no corpo de uma jovem bailarina, com o rosto e os cabelos de uma senhora.



FIGURA 44 - Ronaldo Fraga. Vestido com estampa de bailarina. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

4.3 - ESTAMPA: BOLACHAS MARIA

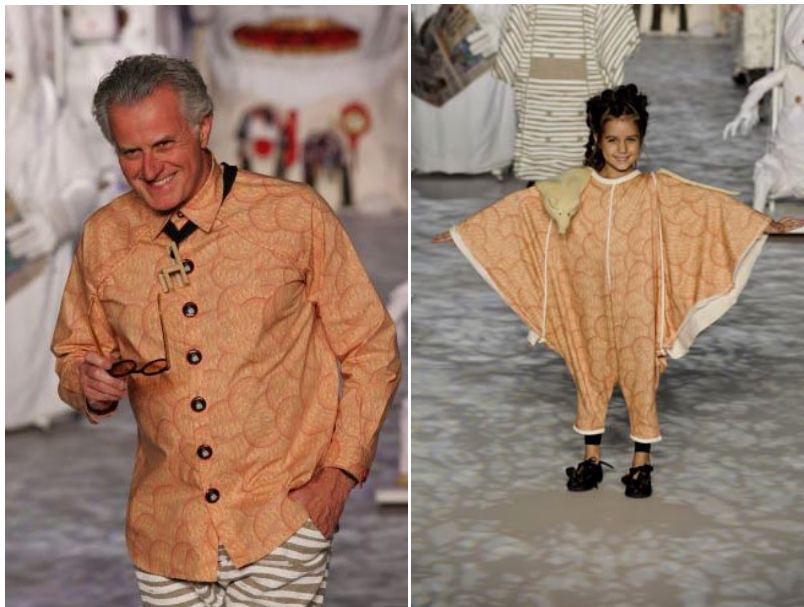


FIGURA 45 – Ronaldo Fraga. Estampas da Bolacha *Maria*. Coleção *Tudo é risco de giz*. Inverno 2009. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Uma estampa em particular, formada pela imagem das bolachas *Maria*, chama a atenção nesse conjunto, na medida em que são as lembranças da infância de Fraga que se tornam o ponto de partida para a criação dessa imagem, que vai aparecer em muitos momentos de sua produção, tornando-se um padrão bastante conhecido por aqueles que acompanham o desenvolvimento do seu trabalho (FIG. 46-48).

Com várias explicações dadas pelo artista e publicadas na mídia em diversas ocasiões, um aspecto interessante de intertextualidade acontece quando o criador começa a mudar o nome no centro do biscoito. Numa coleção, ele salpica inicialmente o nome 'João' misturando-se às 'Marias', criando uma associação com a tradicional estória. Na vez seguinte, aparecem os nomes dos filhos, Ludovico e Graciliano, e outros como: Severino, Sebastiana, Madalena e Osório.

Em 2009, a estampa é escolhida para representar o trabalho do *designer*, na exposição *Design Brasileiro Hoje: Fronteiras*, organizada pelo Museu de Arte de São Paulo, conforme o texto de apresentação do evento:

Ícones do consumo popular, as bolachas Maria servem de base para uma série de estampas sobre base de algodão, criadas em 2001 e utilizadas em roupas para meninos e meninas. A cada ano, Ronaldo Fraga traz novos modelos, novas composições de cores e variações de estampas, alterando o espaço entre os biscoitos e tornando-as por vezes quase um padrão abstrato.¹⁵²



FIGURA 46 – Ronaldo Fraga. Vestido infantil. 2001. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 47 – Ronaldo Fraga. Casaco infantil. 2003. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

Segundo Fraga¹⁵³ a estampa veio da convivência com a bisavó, uma carinhosa senhora que viveu até 111 anos e não dispensava um biscoito *Maria* no bolso. “Assim que eu chegava perto da sua cama”, conta ele, “mesmo cega, ela percebia e perguntava se eu queria um e então, apresentava aquele biscoito já meio molinho para me dar”.

Perguntado se era a sua bolacha predileta, ele respondeu:

Quando eu trouxe ela pra coleção não foi nem porque era a bolacha mais gostosa que eu comia. Ela está ali para significar aquele lugar da memória afetiva que eternamente pra mim vai ser harmonioso, vai ser

¹⁵² Museu de Arte de São Paulo: *Design Brasileiro Hoje: Fronteiras*. Participantes: Ronaldo Fraga. 2009. Disponível em: <<http://www.mam.org.br/fronteiras/swf/>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

¹⁵³ FRAGA, Ronaldo. *Ronaldo Fraga em casa*. Entrevista gravada. Entrevistadora: Heloisa Marra, 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=5Tq-yENGjRA>. Acesso em: 03 out. 2011.

tranquilo, vai ser quente e vai ser porto-seguro sempre que eu voltar pra lá.¹⁵⁴

Enquanto processo criativo, o ato de apropriação de memórias de infância tem um elemento altamente simbólico na medida em que o arquétipo da criança é o da descoberta de si mesmo no mundo; convite para lembrar e recontar a própria história de vida, conforme Fraga indica em várias de suas falas, quando diz: “a memória é meu playground, o lugar onde amarro o meu picadeiro¹⁵⁵”.

Elementos resgatados da infância também se incrustam profundamente no trabalho do Grupo *Giramundo*, conforme depoimento de Weracy Trindade, bonequeiro que conviveu muitos anos em contato com Álvaro Apocalypse:

[...] ele era verdadeiramente um contador de histórias.[...] Ele começou a buscar naquele momento da infância o gosto pelo boneco, pelo teatro, pela representação, pela forma, pela estética. Então ele já nasceu com isso muito forte. Brincante.¹⁵⁶

4.4 - REINVENTANDO LEMBRANÇAS

Paul Ricoeur¹⁵⁷ ao tratar do tema da memória, afirma que esta é essencialmente maleável, não sendo um lugar onde as lembranças se fixam e se acumulam, mas um constante fluxo, cujas imagens, apenas em parte advindas de sensações passadas, são ressignificadas à luz do momento em que são despertadas. Cada nova vivência acrescida de diferentes sensações atua como interferência, o que modifica constantemente as antigas imagens, gerando, ao final, novas formas de conhecimento. Além disso, considerando que, ao lembrar-se de algo, lembra-se de

¹⁵⁴ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida para o blog Petit-Pavé, 2008. Disponível em: <<http://www.petitpave.com.br/blog/?p=3>>. Acesso em: 10 mai 2011.

¹⁵⁵ FRAGA, Ronaldo. Roupas com história. Entrevista concedida a Déborah de Paula Souza. Revista Claudia - jun. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_238643.shtml?func=2>. Acesso em: 20 mai. 2012.

¹⁵⁶ TRINDADE, 2008 *In* MEDEIROS, 2009, p. 159.

¹⁵⁷ RICOEUR, 2007.

si mesmo, o filósofo indica que “uma vida não pára de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas¹⁵⁸”. Desse ponto de vista, no exercício da reinvenção criativa cuja experiência de narração transforma o vivido no contado, o artista simultaneamente ao ato de lembrar, usa a imaginação como elemento de revelação da própria identidade.

Por isso, uma vez imbricadas entre si, memória e imaginação se contaminam mutuamente, ampliando os horizontes internos e configurando um espaço de criação poética. Alia-se a isso o fato de que essas dimensões agem entrelaçadas também aos símbolos do imaginário coletivo, desdobrando-se em inúmeras vivências e processos poéticos.

Segundo Gaston Bachelard, a poesia é o fio condutor das imagens e da imaginação, canalizando a memória e filtrando a imaginação na essência das imagens poéticas. Assim, a poesia passa a ser “uma força de síntese para a existência humana¹⁵⁹”. O autor afirma que compete ao poeta “o dever de ensinar-nos a incorporar as impressões de leveza em nossa vida, a dar corpo a impressões quase sempre desprezadas¹⁶⁰”, pois qualquer imagem, por mais simples que seja, é capaz de revelar o mundo. Dessa forma, “o poeta dá à imagem um destino de grandeza¹⁶¹”, pois a união da imaginação com a memória revela estados da alma. Ao mesmo tempo em que atua como um convite, uma abertura ao devaneio poético - portal de acesso a outros mundos possíveis. “Tece memórias no sentido de construí-las, e não de resgatá-las¹⁶²”.

No dizer de Bachelard, é no plano do devaneio poético, e não no plano dos fatos objetivos, que a infância permanece viva e ativa criativamente em nós. Ao sonhar com a infância, regressamos às experiências que nos abriram o mundo, pois que “a

¹⁵⁸ RICOEUR, 1997, p. 425.

¹⁵⁹ BACHELARD, 1988, p. 119.

¹⁶⁰ *ibidem*, p.199.

¹⁶¹ *ibidem*, p. 168.

¹⁶² FRÖHLICH; RICKES, 2010.

criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras”.

É preciso viver, por vezes é muito bom viver com a criança que fomos. Isso nos dá uma consciência de raiz. Toda a árvore do ser se reconforta. Os poetas nos ajudarão a reencontrar em nós essa infância viva, essa infância permanente, durável, móvel.¹⁶³

Trazendo essa compreensão para iluminar algumas questões presentes no desfile de Fraga, percebemos quão profundo pode ser o significado de uma imagem da infância, que se reinventa criativamente e, ao ser impressa numa roupa, é vestida não apenas por um adulto, mas por um ancião.

No caso do biscoito intitulado *Maria*, como este é um produto popular existente no país há muitas décadas, torna-se importante reconhecer que ele pode trazer, potencialmente, os mais diversos significados associados, em função das vivências de cada um. Todavia, é enquanto um símbolo gráfico escolhido pelo *designer*, para representar a memória afetiva da sua própria infância, que reside o nosso interesse. Em especial, quanto se dá o seu aparecimento além do universo especificamente infantil. De maneira que a sua entrada na coleção *Tudo é risco de Giz*, vestindo um senhor idoso, permite a emergência de novas camadas de complexidade e de leituras possíveis.

Do ponto de vista da pessoa mais velha, que tem também as suas próprias histórias, é como se, ao vestir-se com as memórias afetivas que evocam a infância de outra pessoa, acontecesse uma apropriação simbólica e ela se tornasse investida dessas mesmas características de juventude. Dimensão típica do reino da moda, que é a mística conferida à aparência, onde as roupas são impregnadas com um poder de renovação. Dessa maneira, nesse jogo de assimilação, um aspecto que se ressalta é manifestado na possibilidade do resgate de um encantamento, próprio não apenas da infância, mas da juventude como um todo. Assim, o ato de vestir-se de elementos juvenis iguala-se à esperança de conseguir uma nova pele.

¹⁶³ BACHELARD, 1988, p.21.

4.5 - *PUER AETERNUS*

O surgimento do conceito de juventude, da forma que conhecemos hoje, é relativamente recente. Apareceu somente na primeira metade do século XX e, mais especificamente, a partir da década de 1950, quando começa a se distanciar cada vez de um conceito etário ou geracional. A ideia de que a juventude possa ser uma escolha, como uma autoimagem construída por cada um, transforma a aparência do que representa ser 'jovem', em uma das questões mais centrais ligadas à expressão da identidade de nossa época.

Identificado como um arquétipo da 'eterna juventude', a aspiração de manter viva em si a chama juvenil nos remete ao tema do *puer aeternus*, ora revelando-se como um desejo de ser jovem para sempre, ora através da percepção da juventude como um estado de espírito permanente. Tema em alta rotação nas últimas décadas, conforme um estilo de vida 'jovem' passa a ser assumido por pessoas de todas as faixas etárias. Assim, a juventude passa a ser um valor, ao qual se associam as imagens de moderno, inovador, dinâmico e outros adjetivos que fazem com que o mundo adulto, em contraponto, se torne um lugar de monotonia e acomodação.

A hipervalorização do arquétipo do *puer*, e seu conseqüente desequilíbrio, darão origem aos eternos 'meninões' e 'garotinhas', pessoas que permanecem emocionalmente presas na recusa em aceitar a maturidade, uma vez que virar adulto virou sinônimo de envelhecer, e envelhecer virou um aborrecimento maçante. Todavia, conforme explica James Hillman¹⁶⁴, o *puer* é um dos lados de uma polaridade que é a do arquétipo *senex-puer*, sendo que cada uma dessas figuras define e complementa a outra: na polaridade positiva, o *puer* é a criança divina, fonte de alegria e espontaneidade, enquanto o *senex* ocupa a posição de mentor, sábio e experiente. Já na polaridade sombria, o *puer* se manifesta como imaturidade, narcisismo e egoísmo, enquanto que ao *senex*, cabe o papel de velho ultrapassado e fechado para as possibilidades de renovação, repetição vazia de padrões previamente definidos.

¹⁶⁴ HILLMAN, 1998, p.112.

É dentro dessa tensão dialética, que o psicanalista Karl G. Jung considera que

A vida é louca e significativa, ao mesmo tempo. E quando não rimos de uma coisa e especulamos sobre a outra, viver se torna excessivamente monótono e tudo se reduz à menor escala possível. Nesse nível, há pouquíssimo sentido e também pouquíssima falta de sentido.¹⁶⁵

Fazendo um percurso que tangencia essas questões, Fraga¹⁶⁶ aborda o tema de um ângulo positivo quando diz que não considera que a juventude esteja se estendendo, mas sim que existe uma apropriação da idade, onde se tira o melhor de cada fase de vida. “As pessoas estão envelhecendo melhor, com o corpo melhor, a cabeça melhor; estão envelhecendo mais bonitas.” E que hoje em dia não existe mais a roupa para a mulher de 30 anos diferente da roupa para a mulher de 40, 50 ou 60 anos. “Que o melhor é tirar o melhor do seu tempo, do seu corpo, da sua época, e que tudo é uma questão de apropriação.”

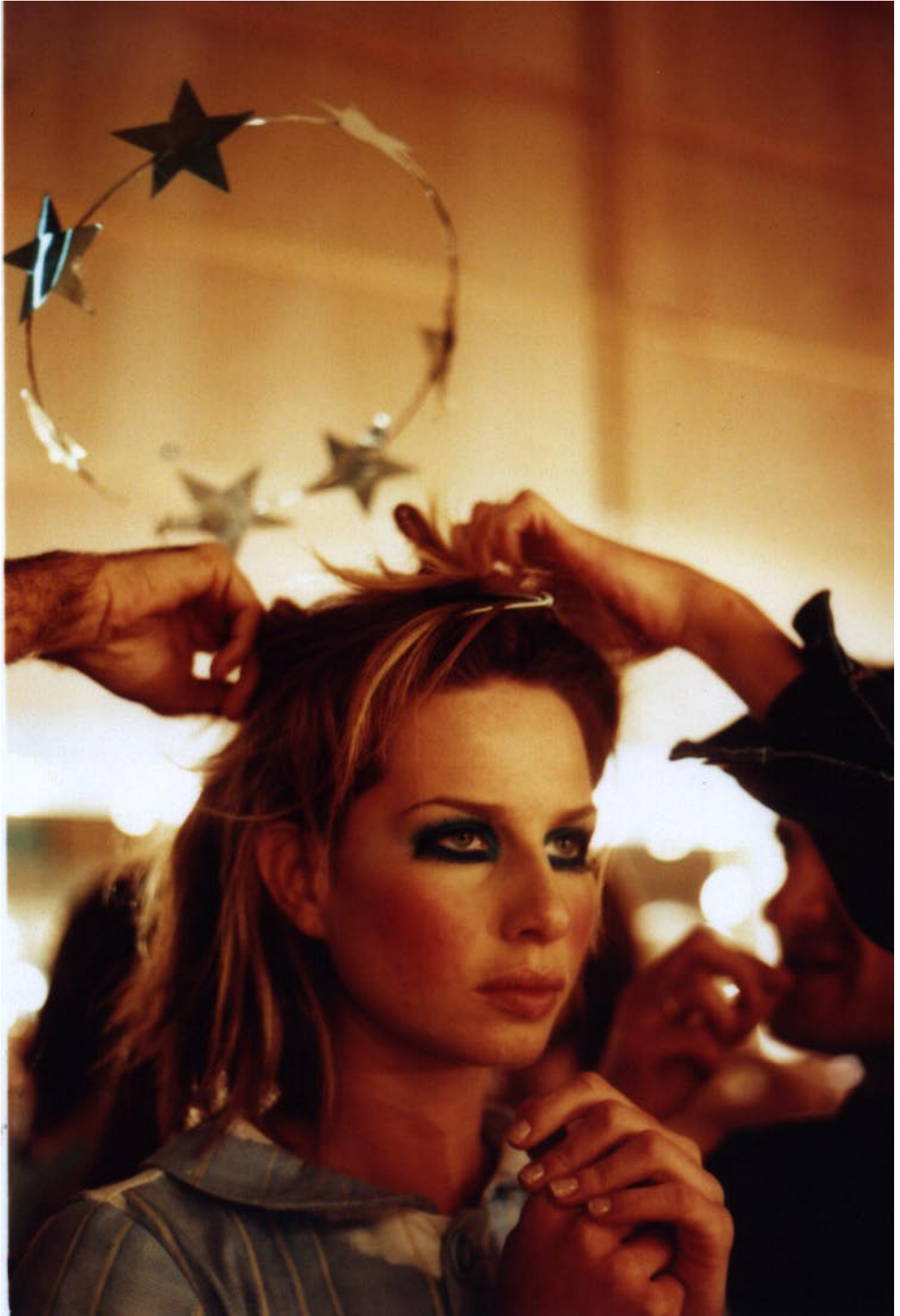
Eu quero que as pessoas entendam que a relação com a moda pode ser uma coisa divertida que ultrapasse a questão do vestir, que fale de apropriação cultural, apropriação sentimental e é um auxílio na construção do personagem diário, que a moda é isso.¹⁶⁷

Outras vozes presentes que contaminam os possíveis desdobramentos dessa leitura encontram-se contidas na afirmação do estilista, fornecida em seu *release*, onde é indicado que para a criação dessa coleção, ele se direcionou também, pela obra de José Saramago, Pablo Neruda e *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Gerando assim um amplo campo de pesquisa, a se desdobrar em múltiplas dimensões num contexto futuro.

¹⁶⁵ JUNG, [1959?] apud *DOWNING*, 1998, p. 12.

¹⁶⁶ FRAGA, Ronaldo. *Plaza na Moda entrevista*. Gravação, s/d. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gj5214huHZo&feature=related>>. Acesso em: 10 set. 2011.

¹⁶⁷ Ronaldo Fraga. *Além do traço*. Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Q1MqoLHfQz8&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.



CAPÍTULO 5

5 - COLEÇÃO QUEM MATOU ZUZU ANGEL?

A moda é um instrumento poderosíssimo, pois atinge todas as classes, todos os sexos. É um instrumento eficiente como bandeira política. Este é o lado da moda que acho mais interessante e procuro usar isto no meu trabalho

Ronaldo Fraga

Na coleção *Quem matou Zuzu Angel?* (Inverno 2001) Ronaldo Fraga reconta a história da estilista Zuzu Angel, recriando elementos que marcaram o seu trabalho e relembrando o contexto histórico no qual ela viveu e morreu. A valorização do trabalho da estilista, uma significativa profissional no campo da moda brasileira foi uma homenagem à pioneira, conforme reconhece Fraga: “ela foi a primeira em buscar a identidade da moda brasileira, a falar de Brasil sem trajes típicos, a acreditar no poder panfletário da moda¹⁶⁸”.

Alguns aspectos que permeiam a coleção são o de resgate de uma memória coletiva, relativa ao período do Regime Militar no Brasil e a questão do engajamento político da estilista quando em 1971 seu filho desapareceu e depois

¹⁶⁸ FRAGA, Ronaldo. *Zuzu Angel*. Por Natália Pesciotta: Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9291:que-m-e-essa-mulher&catid=12960:arte&Itemid=33>. Acesso em: 25 out. 2011.

de muitas buscas, ela descobre que ele foi torturado e morto pelas forças de repressão do governo.

Fraga afirma que foi na adolescência, no começo da década de 1980, ainda em plena ditadura, que ficou sabendo da história da estilista, com a leitura do livro *Brasil Nunca Mais*, organizado por Dom Paulo Evaristo Arns. Conforme ele explica:

No livro, tinha um capítulo sobre a luta da estilista Zuzu Angel. Fiquei impressionado com aquilo. Era a primeira vez que via e entendia a moda como um instrumento que fosse além do vestir.¹⁶⁹

5.1 - ZUZU ANGEL



FIGURA 48 – Zuzu Angel. Vestidos e saia de chita. [ca. 1960]. Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel.

No início dos anos 1960, Zuzu Angel começara a se tornar conhecida por suas criações feitas com matérias primas e temáticas nacionais (FIG. 49). Em suas coleções misturava a renda de algodão com seda pura, bordados nordestinos e misturas de chita com renda de casimira, com uma interpretação pessoal de cores

¹⁶⁹ FRAGA, Ronaldo. *Letras sobem à passarela para contar a história de um tempo*. Entrevista concedida para Marcia Lima. Portal da cultura paraense. Secretaria de Estado de Cultura, 03 set. 2011. Disponível em: <http://www.secult.pa.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=114:letras-sobem-a-passarela-para-contar-a-historia-de-umtempo&catid=41:noticias>. Acesso em: 25 mar. 2012.

e temas tropicais de pássaros, borboletas e papagaios. Trouxe também para a moda as pedras brasileiras, fragmentos de bambu, madeira e conchas, entre outros materiais, ainda incomuns para a época.

Sua roupa, como poesia pra se vestir, tinha características baseadas no tropicalismo brasileiro com estampas de chita, vestidos inspirados em Maria Bonita e Lampião, estampas de anjinhos sobrevoando as nuvens, xadrezes com padrões singelos de cores e formas, pássaros e florais com releituras naif.¹⁷⁰

Incorporando a brasilidade em suas coleções, Zuzu Angel torna-se a precursora de um pensar nacional da moda, conquistando as passarelas não só do Brasil, sendo aplaudida também em eventos internacionais. Em pesquisa sobre a moda no século XX, Moutinho e Valença¹⁷¹ indicam que coube à estilista o mérito de ser a primeira mulher a levar a moda brasileira para o exterior, onde realizou desfiles com grande repercussão positiva, abrindo espaço para vender suas roupas em lojas de departamentos, principalmente no mercado norte-americano.

Consciente de sua vitória, tendo conseguido combater o preconceito contra a mulher, que na época era reconhecida, no máximo, como uma simples costureira, mas principalmente, tendo vencido o estereótipo existente de que estilista bom era aquele que copiava bem, em frase polêmica, Zuzu se expressa afirmando:

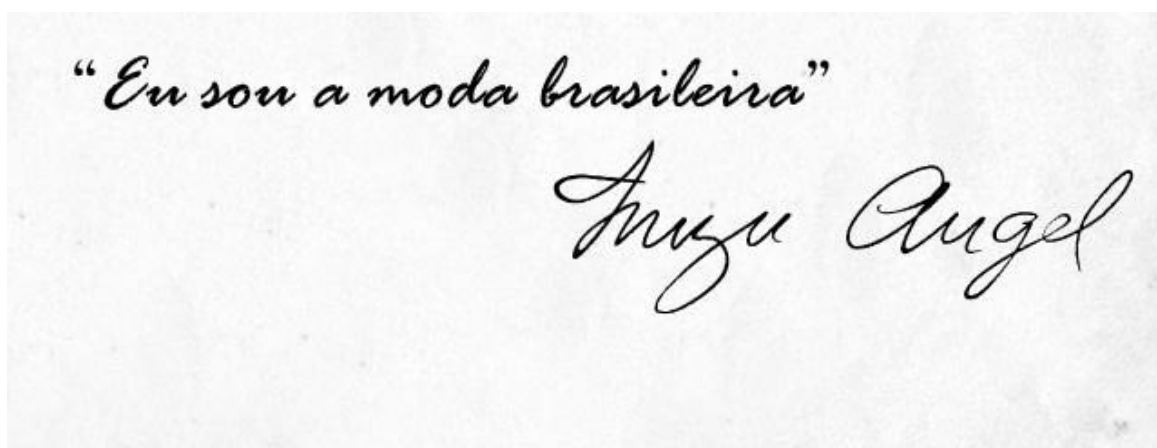


FIGURA 49 - Zuzu Angel. Frase e assinatura. [ca. 1970]. Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel.

¹⁷⁰ INSTITUTO ZUZU ANGEL. *Zuzu Angel Inspira Identidade e Poesia na moda brasileira*. Disponível em: < <http://www.zuzuangel.com.br/html/zuzu.asp>>. Acesso em: 25 abri. 2011.

¹⁷¹ MOUTINHO; VALENÇA, 2000.

5.2 - O ANJO

Moutinho & Valença¹⁷² afirma que “suas criações, que ficavam no meio termo entre alta costura e *prêt-à-porter*, tinham como símbolo um anjo”. Precursora também em nosso país do fenômeno ‘marca’, sua etiqueta com o logotipo era divulgada externamente nas roupas e amplamente utilizada em diferentes criações (FIG. 51-52), não apenas como um símbolo relacionado ao seu nome - *Angel* significa anjo, em inglês, mas também como um símbolo de liberdade, tema recorrente em sua produção¹⁷³.

No entanto, em 1971, quando acontece a prisão, a tortura e o assassinato de seu filho Stuart Angel Jones, membro do movimento guerrilheiro MR-8, Zuzu passa a enxergar o cenário político da época sob um novo ângulo. Diante do silêncio das autoridades que tentavam encobrir o fato, e da impossibilidade de se resgatar o corpo desaparecido, passa a usar a moda para expressar sua indignação e como forma de protesto. Segundo Silva¹⁷⁴, “Zuzu Angel dizia que estava querendo o mínimo que uma mãe poderia pedir. Queria saber se o seu filho estava mesmo morto e queria receber seu corpo”. A partir de então, a estilista que privilegiava o tom alegre em suas coleções, se dedica a construir roupas com estampas que faziam referência ao que se passava no país, usando desenhos de materiais bélicos, tanques, pássaros engaiolados e anjos amordaçados. A marca do anjo transformase num símbolo contra o governo militar (FIG. 53-54).

¹⁷² MOUTINHO; VALENÇA, 2000, p.277

¹⁷³ Em 1967, a sua coleção foi intitulada *Fashion and Freedom*, que se traduz como *Moda e Liberdade*.

¹⁷⁴ SILVA, 2006, p. 72.



FIGURA 50 - Zuzu Angel em frente à sua loja no Rio de Janeiro. [ca. 1970]. Fonte: JOFFILY, 1999, p.28.



FIGURA 51 - Zuzu Angel usando blusa bordada com o anjo. [ca. 1970]. Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel



FIGURA 53 - Zuzu Angel. Vestido com bordados. 1971. Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel



FIGURA 52 - Detalhe de bordados: anjo vermelho entre nuvens negras e sol entre grades. 1971. Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel

Zuzu começa a fazer, então, como ela mesma classifica, “a primeira coleção de moda política da história¹⁷⁵”. Em vários de seus desfiles no exterior denuncia a morte do filho para a imprensa estrangeira. Sua atitude e a abrangência das denúncias, apesar da censura férrea, desnudam o que a ditadura tentava esconder, os desaparecidos. As armas usadas: a criatividade e a coragem. Organiza um desfile-protesto em Nova York¹⁷⁶ na esperança de chamar a atenção das autoridades, já que seu filho tinha também, cidadania norte-americana. Para não afrontar a lei que proibia falar mal do Brasil no exterior, o evento se deu na casa do cônsul-geral do Brasil nos Estados Unidos, considerada território brasileiro.

Anjos negros e crivados a bala, projeteis e tanques do exercito tornavam-se estampas de peças que ganharam a manchete dos principais jornais e revistas de todo o mundo. O episódio Zuzu reverte-se de singular importância porque é uma demonstração cabal de que a moda nada tem de alienada.¹⁷⁷

Esse desfile é considerado um marco na trajetória profissional da estilista. As modelos usavam vestidos brancos com desenhos do sol atrás das grades e faixas de luto; andavam como se estivessem em um cortejo fúnebre. Nesse evento a estilista apareceu pela primeira vez com a indumentária preta que simbolizava dramaticamente o seu luto (FIG. 55).

Conforme palavras da estilista:

No dia seguinte os jornais falaram do meu desfile destacando aquilo que eu mais queria, ‘*Designer de moda pede pelo filho desaparecido*’. Contaram o caso do meu filho e descreveram a roupa de mais impacto, em que substituí pássaros, borboletas e flores por símbolos guerreiros. [...] ‘A coleção de protesto de uma mãe’, como disseram, incluía vestidos com braçadeiras pretas. Apesar da estamparia alegre, o luto estava nessas braçadeiras, nas minhas olheiras e na colorida plumagem dos pássaros substituída por preto. A matéria do Chicago Tribune dizia: ‘A própria *designer* se apresentou em um longo preto, com um

¹⁷⁵ ANGEL, Zuzu. Grupo Tortura Nunca Mais: Zuleika Angel Jones. Disponível em: <<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/MDdetalhes.asp?CodMortosDesaparecidos=213&Pesq=zuzu%20angel>>. Acesso em: 05 ag. 2011.

¹⁷⁶ Desfile intitulado *International Dateline Colection III* - 1971.

¹⁷⁷ CHATAIGNIER, 2010, p. 147.

cinto formado por mais de cem cruzes e um anjo de porcelana no pescoço' [...] Continuarei a bater em todas as portas e anunciarei ao mundo, com a minha moda, o que está acontecendo no Brasil. É esta a minha arma.¹⁷⁸



FIGURA 54 - Zuzu Angel. Vestido preto e detalhes dos adereços. 1971. Fonte: SILVA, 2006, p. 26.

Falando a respeito desse episódio, Chataignier¹⁷⁹ diz que essa *performance* de Zuzu instiga uma identificação dela com o arquétipo da *mater dolorosa*. Enfatizada pelo uso das vestes escuras para melhor expressar sua dor, ela encarna uma personagem dramática que demonstra como o próprio indivíduo pode torna-se um ser simbólico ao representar temas coletivos. Silva¹⁸⁰ salienta que a partir do momento que Zuzu começou a expor a sua forma de protesto, ela descobriu que o sofrimento não era uma exclusividade sua e passou então a lutar não só por seu filho, mas em nome de todas as mães que passavam pela mesma situação.

¹⁷⁸ VALLI, 1986, p. 52-53.

¹⁷⁹ CHATAIGNIER, 2005 apud SILVA, 2006. p. 26.

¹⁸⁰ SILVA, 2006.

Por esta razão, neste momento, a utilização de diversos anjinhos não deve ser entendida apenas como o símbolo da marca de Zuzu. A *designer* dizia que Stuart, quando criança, parecia um anjinho e que, portanto os desenhos representavam seu filho. Além disso, ela chamava de crianças os outros jovens que como seu filho foram vítimas do regime militar. Segundo a crença popular, quando uma criança morre, este ser inocente se transforma num anjo, um mensageiro de Deus, e inocentes seriam estas crianças em nome das quais a *designer* lutou. Talvez este seja mais um motivo para a representação de tantos anjos em suas roupas, a partir desta coleção.¹⁸¹

A dedicação ao assunto levou a estilista a um marco conceitual na história da moda. João Braga, professor de história da moda considera que ela conseguiu retratar um tempo por meio de suas cores e estampas, “mas a sua importância não é apenas estética, mas também histórica. Ela foi a primeira a associar o discurso político à moda¹⁸²”.

A estilista declarou ao jornal *New York Times*, em 1975: “Acho que moda é futilidade. Eu tento dizer que moda é comunicação¹⁸³”.

Quando descobriu que estava sendo seguida e passou a ser ameaçada, Zuzu preparou uma declaração: “Se algo vier a acontecer comigo, se eu aparecer morta, por acidente; assalto ou outro qualquer meio, terá sido obra dos mesmos assassinos que mataram meu amado filho.” E num adendo a lápis: “Esteja certo que não estou vendo fantasmas¹⁸⁴”.

Em 1976, ela morre em um acidente de carro no túnel que leva hoje seu nome, no Rio de Janeiro. Na época, a versão oficial para a morte informava que o carro em que ela estava havia perdido o controle e caído em um barranco. Posteriormente, o Governo assumiu sua participação na morte, dando uma indenização que se tornou

¹⁸¹ SILVA, 2006., p. 112.

¹⁸²BRAGA, João apud MARMO Adriana. A história de Zuzu Angel. MANEQUIM. Disponível em: <http://manequim.abril.com.br/moda/historia-damoda/historia_da_moda_277942.shtml?page=page2>. Acesso em: 25 set. 2011.

¹⁸³JOFFILY, 1999, p. 26.

¹⁸⁴ HOLANDA, 1996. p.17.

o capital inicial para sua filha, a jornalista Hildegard Angel, criar o Instituto Zuzu Angel, em 1993.

5.3 - A COLEÇÃO

Como uma estratégia de resgate dessa passagem da memória nacional, Fraga intitula a sua coleção de forma interrogativa: *Quem matou Zuzu Angel?* Essa pergunta, ao mesmo tempo em que é provocativa, propõe também a ocupação de um espaço histórico, cuja rememoração e reconhecimento acontecem através de elementos poéticos contundentes.

No desfile, o cenário é ocupado por quarenta bonecos de pano pendurados (FIG. 56), lembrando corpos torturados, que dispostos ao longo da passarela em tamanho gigante, criam uma experiência de imersão tensa, um clima de desconforto, sofrimento e impotência, amplificado pela trilha sonora, descrita como causadora de “uma sensação de ‘não-sei-se-é-para-rir-ou-para-chorar’ com trilhas de novelas da Globo dos anos 70 e músicas de carnaval de salão [...]”¹⁸⁵, simbolizando a alienação do povo em geral.

A cor vermelha aparece em quase todas as peças, desde em pequenos, porém significativos detalhes que atravessam o conjunto como, por exemplo, na costura vermelha dos bonecos de pano e na bainha esfiapada das roupas, entre outros, até aparecer em tom predominante em várias peças da coleção. Conforme relata Palomino: “o vermelho-sangue é o fio condutor da coleção. Aparece nos pespontos inacabados do jeans, evolui para a sensacional estampa de nuvens chovendo sangue”¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Fraga, Ronaldo. *Release*. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Inverno 2001. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

¹⁸⁶ PALOMINO, Érica. Ronaldo Fraga, 2001. Disponível em: <http://www.erikapalomino.com.br/moda/colecoes/colecao2.php?colecoes_id=233>. Acesso em: 25 set. 2011.

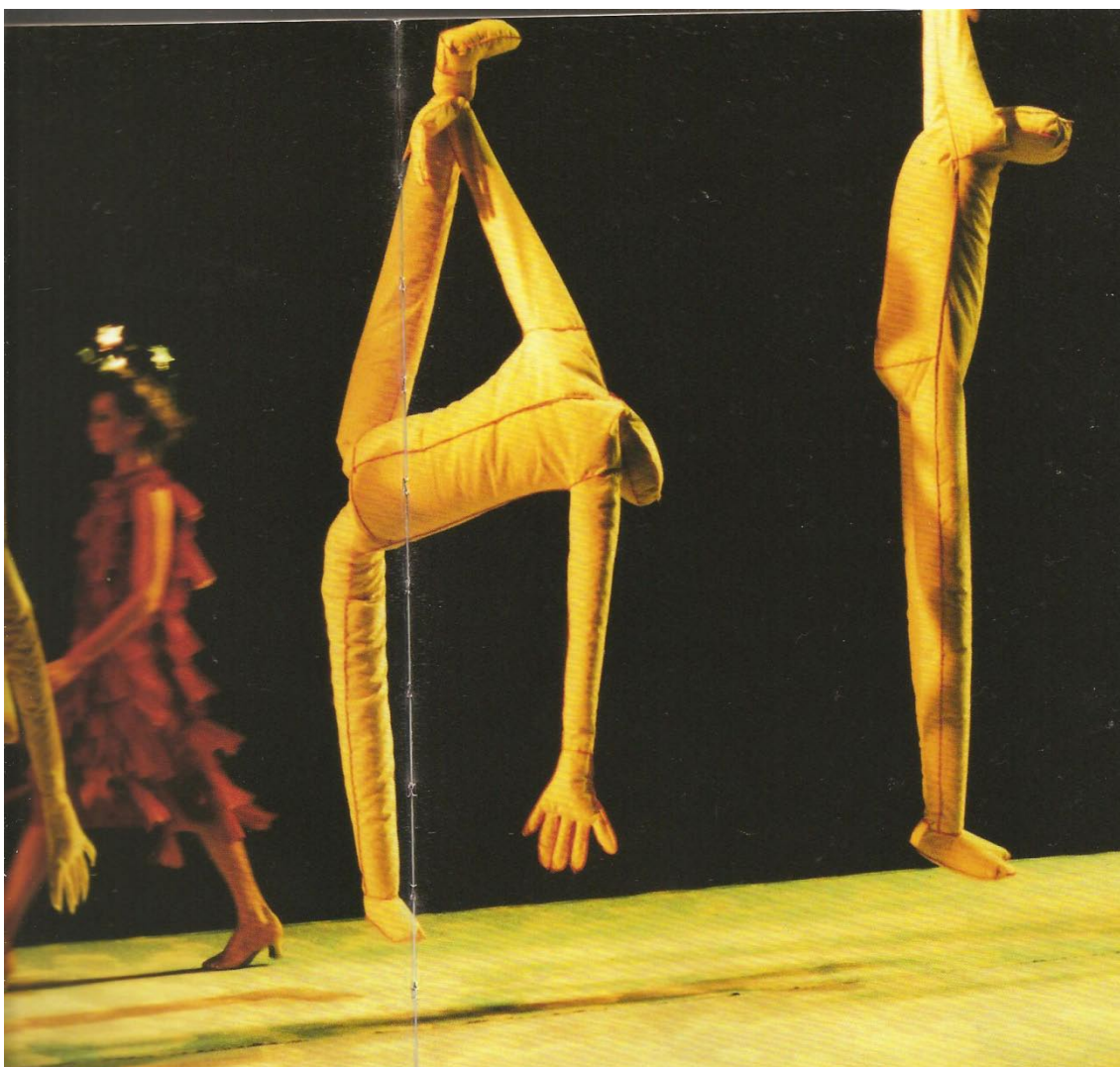


FIGURA 55 - Ronaldo Fraga. Cenário. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001 / 2002. Fonte: Coleção Moda Brasileira. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 34-35.

No chão do desfile, nuvens criam uma simulação de céu, “fazendo possivelmente uma ingênua, quase infantil, alusão ao dito popular: diz-se que ‘os inocentes vão para o céu’, onde estariam os que morreram em consequência destas torturas¹⁸⁷”. Somado ao efeito dos bonecos pendurados de cabeça para baixo, fica a impressão de um mundo invertido. Dentro desse mesmo sentido, além do aspecto visual altamente gráfico, o cata-vento que sempre foi um tradicional brinquedo infantil de descoberta e fruição do ar - elemento sutil por não ser visível - se identifica, por força das graves circunstâncias da época, com as encenações ufanistas promovidas

¹⁸⁷ ZANETTE, 2010, p. 57.

pelo governo militar. E são resgatas por Fraga para simbolizar a densidade e o colorido daquele momento histórico que está sendo trabalhado (FIG. 57).



FIGURA 56 - Ronaldo Fraga. Estampas de cataventos e passarinhos pretos. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001/2002. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

A cor azul remete ao céu dos anjos de Zuzu Angel e, ao mesmo tempo, lembram ondas do mar, aonde o corpo de seu filho teria sido jogado pelos militares. Essas nuvens ou ondas aplicadas em sobreposição na lateral de alguns vestidos lembram “um ondulado, um movimento, quase como nuvens se deslocando no céu graças ao vento, ou ondas do mar quebrando na praia¹⁸⁸”. Além disso, dentro dos contrastes que permeiam a coleção de Fraga, as modelos desfilam calçando sapatos com desenho de dedos, dando a impressão dos pés descalços pisando nas nuvens (FIG. 59).

¹⁸⁸ KRANZ, 2008, p. 60.

Modelos com uma espécie de auréola de metal cheia de estrelas desfilam nesse ambiente, evocando imagens angelicais, cuja imagem faz associação com os anjos das estampas e da marca de Zuzu. Anjo que para ela também simbolizava o filho assassinado. Em ressonância com isso, a maquiagem no desfile contorna os olhos de preto, sugerindo o visual típico de quem sofre. O que, junto com as estrelas, cria um aspecto que lembra a expressão popular usada quando uma pessoa leva uma pancada muito forte e traduz a dor sentida dizendo que ‘viu estrelas’ (FIG. 58).



FIGURA 57 - Ronaldo Fraga – Croqui. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001/2002. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 58 - Ronaldo Fraga. Vestido ondulante. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001/2002. Fonte: Coleção Moda Brasileira. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 39.



FIGURA 59 - Ronaldo Fraga. Conjunto de blazer e bermuda com estampa de nuvens. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001/2002. Fonte: Coleção Moda Brasileira. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 37.

Ainda se referenciando ao céu, o estilista desenvolve o conjunto de blazer e bermuda com as mesmas imagens de nuvens que aparecem no chão da passarela, como se tudo estivesse no ar, flutuando. E, ao mesmo tempo, não se pode ignorar a tensão criada pelo vermelho das meias, que atravessa e interliga vários outros sentidos, que remetem à questão do sangue derramado, conforme abordado anteriormente (FIG. 60).

As estampas e bordados de tanques, anjos e quepes militares também dialogam especificamente com as imagens da coleção política de Zuzu Angel em que o tema era de protesto, mas com um aspecto infantil, que remetia à sua homenagem tanto ao próprio filho perdido, quanto aos outros jovens vitimados (FIG. 61).



FIGURA 60 - Ronaldo Fraga. Vestidos com apliques de nuvens e bordados. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001/2002. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.



FIGURA 61 - Ronaldo Fraga. Peças com apliques de passarinhos. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?* Verão 2001/2002. Fonte: Acervo Ronaldo Fraga.

E os passarinhos, amplamente utilizados por Zuzu (FIG. 63), também aparecem aqui em diversas peças de Fraga (FIG. 62). Segundo salienta a jornalista Hildegard Angel, em depoimento sobre o trabalho de sua mãe:

Os pássaros eram elementos muito usados nas roupas de Zuzu e, neste caso, representam andorinhas vistas nas varandas das casas do interior, definindo o que chamamos de moda regional ou folk.

[...] Tudo muito bonito, singelo e poético, bem dentro da maneira mineira de ser.¹⁸⁹

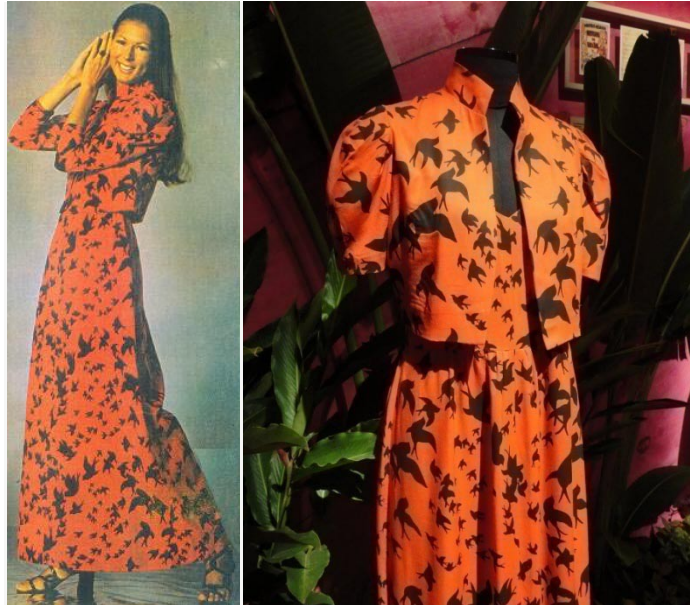


FIGURA 62 - Zuzu Angel. Vestido com pássaros. 1972. Fonte: Acervo Instituto Zuzu Angel.

Desse modo, entendemos que na produção de Fraga, o signo mais forte está em sua prática criativa que propõe realizar uma imersão no universo escolhido e, a partir daí, relacionar elementos variados, desde informações históricas até lembranças, vestígios, pistas, que provoquem, em primeiro lugar, uma viagem ao interior da sua própria sensibilidade contemporânea.

Conforme Salles¹⁹⁰ demonstra, todo processo criativo é um eterno movimento de expansão e retração, assim como de mudanças, deslocamentos, eliminações e adições de novas conexões. Portanto, no fazer poético de Fraga podemos vislumbrar a sua interpretação particular se mesclando aos acontecimentos da vida e obra de Zuzu Angel.

¹⁸⁹ ANGEL, Hildegard. As estampas de Ronaldo Fraga agora alegram, também, nossa casa. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/hildegard-angel-novo/2010/10/25/as-estampas-de-ronaldo-fraga-agora-alegram-tambem-nossa-casa/>>. Acesso em: 12 out. 2011.

¹⁹⁰ SALLES, 2006.

A estampa de samambaia chorona, por exemplo, remete à infância do estilista na década de 1960, quando em sua memória, toda casa mineira ‘tinha’ que ter uma dessas em sua varanda ou sala. “E se murchasse era sinal de olho gordo...¹⁹¹”. Em sua percepção, “isso é totalmente Zuzu Angel!¹⁹²”. Outro exemplo de estampa que em sua visão, traduz o ambiente ligado à época da estilista: a andorinha de porcelana que não podia faltar no alpendre. Ou as nuvens, inspiradas em azulejos pintados à mão, que ficavam no banheiro de um apartamento onde ele morava no bairro Santo Antonio na década de 70. O estilista considera que na criação de Zuzu, se for olhar bem, de um ponto em diante da sua história, todas as estampas falavam, choravam, clamavam. Então, também as nuvens com lágrimas de sangue se inserem dentro desse contexto¹⁹³ (FIG. 64).



FIGURA 63 - Ronaldo Fraga. Vestido estampado com lágrimas vermelhas. Coleção *Quem matou Zuzu Angel?*

¹⁹¹ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Veira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

¹⁹² idem nota 192.

¹⁹³ idem nota 192.

5.4 - ESTAMPA: LÁGRIMAS DE SANGUE

O estilista considera que essa coleção traz uma ênfase nas imagens estampadas, “que são muito fortes: os cataventos, as nuvens, as samambaias e os pássaros, que no caso, são bordados, aplicações¹⁹⁴”. Contudo, consideramos que as lágrimas de sangue ganham um destaque mais significativo em relação a todas as outras, quase como um símbolo que concentra a força da criação expressiva do estilista. Tanto é que essa imagem vai se repetir depois, na página inicial da coleção no *website* do estilista, com uma interessante leitura do anjo, que aparece com o rosto do próprio estilista desenhado e que será analisada na sequência (FIG. 65).



FIGURA 64 - Ronaldo Fraga. Website. Coleção Quem matou Zuzu Angel? Verão 2001/2002. Fonte: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 03 jul. 2012.

O tema das nuvens com lágrimas de sangue caindo aparecem também com destaque, na página de apresentação da coleção, no livro da Editora Cosac Naify, *Moda Brasileira: Ronaldo Fraga*¹⁹⁵ (FIG. 66). E vai reaparecer mais recentemente,

¹⁹⁴ Ronaldo Fraga. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da dissertação, em 20 mar. 2012.

¹⁹⁵ *Coleção Moda Brasileira*. Ronaldo Fraga, 2007.

em 2010, na linha de produtos de utensílios para o lar, para a loja brasileira TOK & STOK (FIG. 67).



FIGURA 65 – Ronaldo Fraga. Páginas do livro Coleção Moda Brasileira. *Ronaldo Fraga*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 32–33.

LINHA CHUVA

Traz o desenho de nuvens de azulejo com lágrimas de sangue. É um dos detalhes que prestou homenagem ao trabalho da estilista Zuzu Angel e a forma com que usou a moda em protesto contra a ditadura.

Touca para banho
com ventosa
R\$ 16,00



Kit para bancada
3 peças
R\$ 69,90



FIGURA 66 - Ronaldo Fraga. Linha Chuva. Tok & Stok. 2010. Fonte: <<http://www.tokstok.com.br>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

Em cada mídia a imagem vai ganhar diferentes sentidos e funções, configurando um espaço de atuação no âmbito do design gráfico e de superfície, e sendo objeto de estudo desses campos de abordagem, mais especificamente. No entanto, é na estampa de lágrimas de sangue impressa sobre a superfície da roupa, que se concentra o nosso interesse, na medida em que oferece simbolicamente, uma complexa vivência contida no ato de revestir-se com uma imagem que representa a dor do outro. Ação que permite as mais diversas intenções associadas, mas cujo foco nesse trabalho é voltado para a presença potencial da empatia. Assim, ao vestir-se com uma imagem que narra a perda sofrida por outro alguém é como se houvesse uma concordância em incorporar o seu sofrimento, ou ostentá-lo, pelo menos visualmente.

Ronaldo Fraga constrói uma narrativa rica em forma de roupa e depois explicita ainda mais sua intenção ao tomar lugar como personagem, encarnando o próprio anjo em divertida versão digital, que nem por isso deixa de comunicar a densidade que atravessa toda a obra, ao acrescentar um efeito de animação em que as lágrimas vermelhas ‘choram’ ininterruptamente. Dessa forma, conforme explica o estilista, quando ele recria o anjo que simboliza tantas facetas para Zuzu e, sob licença poética, coloca ali a sua própria cara, é por que nesse processo “ele está se permitindo escrever a história do outro, mas através do seu próprio olhar¹⁹⁶”.

As referências que Fraga utiliza podem ser consideradas como individuais, na medida em que passam por uma seleção resultante dos seus valores, gostos e crenças singulares. Mas a partir dessas escolhas, memórias e reminiscências se tornam elementos ativos para uma gerar nova percepção, no sentido de criar um contexto de ressignificação afetiva, cuja essência é coletiva. Daí a empatia despertada por seu trabalho em geral, e, em especial, a emoção despertada por essa coleção específica que estamos analisando.

Para dimensionar a intensidade dessa reação emocional, em entrevista concedida à Revista Cláudia, em 2007, quando perguntado sobre um episódio especialmente

¹⁹⁶ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira, para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012

marcante em sua trajetória, Fraga citou “o final do desfile Quem Matou Zuzu Angel, em 2001, foi mágico. A platéia começou a chorar, as modelos também¹⁹⁷”.

5.5 - INTERSUBJETIVIDADES

Ampliando a reflexão sobre essa questão abordada por Fraga, num mundo que tende ao esquecimento e a indiferença, citamos o filósofo francês Paul Ricoeur que defende a tese de que cada um de nós é, na verdade, um sujeito dialógico. Por isso, a construção da identidade acontece no encontro dinâmico entre três dimensões principais: no diálogo consigo mesmo, com os símbolos e signos culturais, e com as outras pessoas. O homem é entendido como um ser que se compreende a partir da dimensão das relações interpessoais, não sendo neutro, portanto, ao que acontece ao seu redor.

Porque estamos no mundo e somos afetados por situações, tentamos nele nos orientar por meio da compreensão e temos algo a dizer, uma experiência a levar à linguagem e a partilhar.¹⁹⁸

Como um dos autores mais atuantes na discussão contemporânea sobre esse tema, Ricoeur¹⁹⁹ afirma que a narrativa é um gesto interpretativo; como uma ação que se desenrola no tempo, é também um fazer que conecta sentidos e significações com o mundo. Através das narrativas de si mesmo e dos outros, o homem se configura um sujeito ético, que se pensa e se questiona. Atua como um elemento estrutural da identidade, a partir de onde fala e para quem fala, projetando-se para o mundo.

¹⁹⁷ Ronaldo Fraga. *Roupa com história*. Entrevista concedida a Déborah de Paula Souza. Revista Claudia – jun. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_238643.shtml?func=2>. Acesso em: 20 mai. 2012.

¹⁹⁸ RICOEUR, 1994, p. 120.

¹⁹⁹ RICOEUR, 1994, 1995, 2007.

Ronaldo Fraga comenta a esse respeito, quando diz que “estamos em construção, interagindo com o mundo que nos abriga²⁰⁰”. Nessa perspectiva, se as histórias que contamos individual e coletivamente se somam e se embaralham na identidade que construímos sem parar, o resgate imagético feito pela coleção de Zuzu Angel - ícone de uma corajosa postura de indignação frente ao autoritarismo vigente em sua época, ganha um sentido ampliado.

Assim, vivendo num contexto em que cada vez mais imergimos e somos definidos pelos dados que nos cercam, numa cultura de fluxos informativos e dispersão, a intenção de assumir uma consciência não apenas do entorno imediato, mas dentro de um âmbito maior, significa defender uma atitude altamente interativa e compassiva. Compreensão impossível de ser alcançada sem a presença de uma sensibilidade capaz de englobar e aceitar a existência do outro.

Bakhtin sustenta que,

O homem não pode juntar a si mesmo num todo exterior relativamente concluído, porque vive a sua vida na categoria de seu eu [...]. É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória.²⁰¹

O outro é parte do mistério que se esconde em mim e para mim, à espera de ser revelado e eu sou a possibilidade de revelação do que nele se oculta. Significa dizer que a identidade e a diferença se constituem como uma dupla inseparável e que o diferente não está nem lá, nem cá, está no *entre*. É no *entre* o lugar no qual as relações interpessoais encontram o seu verdadeiro significado. Assim também, é no espaço da intersubjetividade existente entre a matéria e a sua aparência, que a experiência poética de vestir uma roupa cuja estampa chora, ganha e revela um valor especial, pela presença de uma consciência que a contempla narrativamente, ressignificando o passado e elaborando o futuro.

²⁰⁰ FRAGA, Ronaldo. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

²⁰¹ BAKHTIN, 1997, p. 55.

Desse ângulo de observação, fica claro que tanto Ronaldo Fraga como Zuzu Angel possuem em comum não apenas a trajetória ligada à moda, mas o fato de revelarem suas convicções, percepções e sensibilidade em relação aos acontecimentos de seu tempo. Ocupando um espaço de expressão concedido pela moda como veículo de comunicação.

Nesse contexto se inclui também o elemento da brasilidade, um valor constante e sempre privilegiado nas coleções da pioneira e cuja lição foi aproveitada e ampliada por Fraga.

No título escolhido pelo estilista - *Quem matou Zuzu Angel?* – podemos também vislumbrar uma ironia, se substituirmos o nome Zuzu Angel por alguns dos aspectos associados à sua atuação. Como exemplo: quem matou a fé no poder imagético da cultura brasileira? Ou, quem matou a coragem de lutar pelo espaço da moda brasileira em âmbito internacional? Questões muito pertinentes no ano de 2001, por ocasião do lançamento do desfile, e que de certa forma, ainda não perderam a sua atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do aprofundamento feito nas estratégias criativas de Ronaldo Fraga, emerge o entendimento da importância do seu processo de construção imagética como uma forma de posicionamento autoral, em que o componente subjetivo, colorido por memórias afetivas pessoais e coletivas, é tratado como um fator indispensável. De maneira tal, que os elementos comunicativos e artísticos apresentam-se articulados nas peças do estilista, essencialmente imbricados à sua própria existência identitária. Assim, como pudemos verificar nas criações de Fraga, o visual e o verbal são discursos que se entrelaçam ao universo do imaginário, que em virtude da presença marcante de um conteúdo emocional, onírico, simbólico, sensibilizam e universalizam a sua criação.

Por isso, ao conceber a produção de Fraga como um espelho, para onde convergem aspectos sensíveis da nossa cultura, o que aí se ilumina e é revelado, aponta para o reconhecimento de um desejo coletivo de estabelecer contato com poéticas que ultrapassam a superfície imediata da vida. Nesse sentido, a memória é trazida à tona funcionando como meio de acesso a uma experiência e um estilo de viver mais humanamente significativo, na medida em que, diante da possibilidade de articular narrativamente o tempo presente, estabelecendo vínculos referenciais em meio ao ambiente contemporâneo multidimensional, o indivíduo vê seus horizontes de transformação e emancipação ganharem elementos norteadores. Assim, pessoas que se identificam com um anseio por uma maior profundidade na experiência da fruição estética, encontram no trabalho do estilista, uma forma de expressão com a qual podem se associar.

Nesse contexto, o consumidor é co-produtor de sentidos, pois cabe a ele, por meio do acionamento de sua própria percepção e sensibilidade incorporar à sua realidade existencial, a criação proposta. O ato de vestir-se aparece então como um lugar de apropriação, de recortes e combinações aos quais são atribuídas novas

possibilidades de leitura e experimentação. Nesse sentido, Fraga²⁰² considera que “hoje se veste bem quem consegue trazer a escrita da sua história pessoal e coletiva decodificada num botão de roupa, numa escolha de roupa que traduz seu autoconhecimento e sua autoestima”. A intertextualidade transforma-se em veículo de uma dimensão criativa compartilhada, na qual cada pessoa imprime a sua marca e os seus próprios rastros, atravessados por suas escolhas e disponibilidades.

Entendendo que a utilização da moda como interface de expressões poéticas, é uma característica fundamental não apenas da proposta do estilista, mas também, do ambiente contemporâneo em que vivemos, ressaltamos que o campo da moda não só possibilita, mas também provoca o aparecimento de infindáveis diálogos com as mais diversas áreas do conhecimento humano, configurando um amplo espaço de manifestação das subjetividades humanas. Dessa forma, o desenvolvimento de um trabalho autoral de um *designer* pode ser analisado em diferentes leituras contextuais, a partir dos objetivos estabelecidos. A presente dissertação se propôs a analisar somente algumas de muitas possibilidades investigativas, ao mesmo tempo em que assinala a existência de toda uma ampla conjuntura a ser pesquisada.

A linha de pesquisa que aborda a moda contemporânea, em seus procedimentos de criação integrados com a arte e o design, é relativamente recente no Brasil, o que indica a relevância desse estudo, e de seus possíveis desdobramentos, na direção de novas interpretações e decodificações de coleções, marcas e criadores sob a perspectiva proposta pelo design gráfico e de superfície. Reconhecemos que o conteúdo imagético, ao ser impregnado numa roupa, cria tensões e expressões poéticas com um concentrado potencial de comunicação. Elemento que tem sido explorado por inúmeros artistas de diferentes segmentos, conformando um amplo material de pesquisa, no qual se inserem as estampas narrativas de Ronaldo Fraga, aqui elencadas.

²⁰² FRAGA, Ronaldo. Plaza na Moda entrevista. Gravação, s/d. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gj5214huHZo&feature=related>>. Acesso em: 10 set. 2011.

É dentro desse universo gráfico, mais especificamente na dimensão configurada pelas criações poéticas sobre a superfície têxtil da roupa, que reside não apenas a motivação inicial para a realização dessa dissertação, mas cujo interesse, após ter acompanhado todo o percurso da escrita, continua apontando para futuros desenvolvimentos. Todavia, o acesso ao acervo pesquisado, bem como ao material que acompanha o seu planejamento: croquis, painéis temáticos, amostras de tecidos, cartelas de cores, se apresenta como condição necessária para o sucesso da empreitada, sem o qual fica impossibilitado o alcance de uma visão objetiva, a respeito dos aspectos técnicos que permeiam a materialidade do conjunto. E, conforme citado no desenvolvimento desse estudo, esse foi um dos obstáculos encontrados durante a pesquisa, mas cuja solução, felizmente, já se vislumbra em desenvolvimento, no crescente campo de estudos acadêmicos voltados para essa área, o que conseqüentemente, promove a conscientização da importância de se preservar, compilar e organizar esse material, enquanto fonte de pesquisa.

Dentre os caminhos percorridos durante a escrita, enfatizamos a importância da experiência didática desenvolvida junto aos alunos do Curso de Design de Moda da Universidade Federal de Minas Gerais, que aconteceu paralelamente ao desenvolvimento dessa dissertação, graças à bolsa de estudos concedida pela CAPES/ REUNI, o que ajudou a ancorar os conhecimentos aqui adquiridos num formato compartilhado em sala de aula. A experiência demonstrou na prática, a pertinência do tema pesquisado, bem como a carência de material didático voltado para a criação autoral, embasado em análises dos percursos criativos de estilistas brasileiros. Percepção que se transforma em estímulo para a produção de novos estudos, somando esforços na construção de um conhecimento cada vez mais capacitado para responder à demanda da área.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? - e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, Teresa Julieta Santos; ANJOS, Maylta Brandão dos; RÔÇAS, Giselle. A árvore na poesia de Drummond: a construção de livro paradidático para a Educação Ambiental. *Ciências & Cognição*, 2009. Vol 14 (3): 103-113. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em 20 jul. 2012.

APOCALYPSE, Álvaro. *Dramaturgia para a Nova Forma de Marionete*. Belo Horizonte: Giramundo, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A água e os sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARCARO, Andrea. Os processos de uma empresa de moda. In: SORCINELLI, Paulo (Org.). *Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 143-156.

BOURDIEU, Pierre. O Costureiro e sua Grife: Contribuição para uma teoria da magia. In: *A Produção da Crença: Contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk . 2008.

BRANDINI, Valéria. Vestindo a rua: moda, comunicação & metrópole. *Revista Fronteiras- estudos midiáticos*. v. 9. n. 1 - jan/abr 2007. p. 23-33. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/3152/2962>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

CALDAS, Dario. *Observatório de sinais*. Teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

CAMPOS, Amanda Queiroz; RECH, Sandra Regina. Considerações sobre moda, tendências e consumo. *IARA - Revista de Moda, Cultura e Arte* - v.3 - nº3 - São Paulo: SENAC SP, 2010.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis no corpo da metrópole*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTILHO, Kathia; VICENTINI, Claudia Garcia. O corte, a costura, o processo e o projeto de moda no re-design do corpo. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia (Org.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. São Paulo: Estação da Letras e das Cores, 2008.

CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.

_____. A gênese da moda. In: MOURA, Mônica (org.). *Faces do design 2*. São Paulo: Rosari, 2009.

CD-Rom: *Giramundo Teatro de Bonecos*. Belo Horizonte: C/arte, 2001.

CHATAIGNIER, Gilda. *História da moda no Brasil*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

DOWNING, Christine (org.). *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. São Paulo: CULTRIX, 1998. Prólogo, p 7-13.

DRUMMOND de Andrade, Carlos. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940, p. 79.

_____. *Lição de coisas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

_____. *Reunião: 10 livros de poesias de C.D.A*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

_____. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. *O avesso das coisas: aforismos*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. *Obra poética*, v.4-6. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1989.

_____. *Seleção: 100 melhores poemas Brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *A Paixão Medida*. Edição comemorativa 100 anos de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Didática Paulista, 2002.

_____. *Discurso de primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

_____. *Alguma Poesia*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2010.

_____. *Uma pedra no meio do caminho - Biografia de um poema*. FERRAZ, Eucanaa (Org.) Nova edição. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010a.

DRUMMOND de Andrade, Carlos; ANDRADE, Mário. *Carlos & Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. (Org.) FROTA, Lélia Coelho. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

FIORINI, Verônica. Design de moda: abordagens conceituais e metodológicas. In: PIRES, Doroteia Baduy (Org). *Design de Moda – Olhares Diversos*. São Paulo: Estação das Letras, 2008.

FRAGA, Ronaldo. Prefácio. In: MESQUITA, Cristiane. “*Moda Contemporânea: Quatro ou Cinco Conexões possíveis*”. Ed.Anhembí-Morumbi, São Paulo, 2004.

_____. *Coleção Moda Brasileira*. Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. Entrevista concedida a Luciana Rothberg Vieira para a elaboração da presente dissertação, em 20 mar. 2012.

FRÖHLICH, Cláudia Bechara; RICKES, Simone Moschen. *Leituras compartilhadas e memória inventiva: nos caminhos de um conto de formação*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 33ª Reunião Anual. 2010.

GARCIA, Carol. Por uma poética do lugar-comum. In: *Coleção Moda Brasileira*: Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro Zahar, 1975.

GRAGNATO, Luciana. *O desenho no design de moda*. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Anhembí Morumbi. São Paulo, 2008.

HILLMAN, James. Senex. In: DOWNING, Christine (org.). *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. São Paulo: CULTRIX, 1998. Parte III, p. 109-112.

HOLANDA, Francisco Buarque de. In.: *Zuzu Angel – A força do anjo*. Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro. 1996. p.17.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: *Poétique*. Revista de teoria e análise literárias, nº 27. Coimbra/ Portugal: Almedina, 1979.

JESUS, Iáscara Oara de. *Corpo e moda: mediações imagéticas para o consumo e ‘liberdades possíveis’*. Estratégias de resistências nas performances de Flávio de Carvalho e Ronaldo Fraga. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. Dissertação (Mestrado). Curso em Ciências da Linguagem, 2007.

JOFFILY, Ruth. *O Brasil tem Estilo?* Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.

KALIL, Gloria. Mulheres Fictícias. In: *Coleção Moda Brasileira*: Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KAWAMURA, Yuniya. *Fashion-ology – an introduction to fashion studies*. Nova York: Berg, 2005.

KELLER, Paulo Fernandes. *O trabalho imaterial do estilista*. In: Revista Teoria & Sociedade - n. 15.2 – jul.-dez. 2008. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

KRANZ, Gabriela Mariah. *Zuzu Angel e a brasilidade*. (Monografia). Curso de Design de Moda e Tecnologia. Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas. Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo, 2008.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LIPOVETSKY, Giles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MALAFAIA, Marcos. *Giramundo: memórias de um teatro de bonecos*. In: Móin-Móin - Revista de estudos sobre teatro de formas animadas, n.2. Jaraguá do Sul: SCAR/ UDESC, 2006, p. 179-200. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/revista_moin_moin_2.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2012.

MALUF, Maria Fernanda Terra. *Museu e ato criativo*. (Dissertação) Mestrado em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Thaiza Caldeira. *O design gráfico na moda: produto e comunicação. Uma análise da coleção "Tudo é risco de giz", de Ronaldo Fraga*. (Dissertação) Mestrado em Design. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2011.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes. *Fronteiras invisíveis e territórios movediços entre o teatro de animação contemporâneo e as artes visuais: A voz do pincel de Álvaro Apocalypse*. (Dissertação). Mestrado em Teatro. Universidade do Estado de Santa Catarina. FLORIANÓPOLIS - SC, 2009. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2009/nunes_medeiros.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2012.

MESQUITA, Cristiane. *Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

MORAES, Dijon De. *Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem*. São Paulo, Edgard Blücher, 2009.

MORRIS, Bethan. *Fashion Illustrator - manual do ilustrador de moda*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. *A Moda no Século XX*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2000.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Christiano Editorial, 1989.

PRECISOSA, Rosane. *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

RAMALHO, Cristina. *Nossa, já fui longe demais*: Ronaldo Fraga. Brasil Econômico, Rio de Janeiro, 01 abr. 2010. Outlook: suplemento de fim de semana, p. 26-31

RECH, Sandra Regina. *Moda: por um fio de qualidade*, Bauru: EDUSC, 2002.

REDE, Marcelo. *Histórias a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér.v.4, p.265-82, jan./dez. 1996.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997

_____. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. Vinhedo/SP: Horizonte, 2006.

SALTZMAN, Andréa. *El Cuerpo diseñado: sobre la forma em El proyecto de la vestimenta*. Bueno Aires: Piados, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SILVA, Priscila Andrade. *A moda de Zuzu Angel e o campo do Design*. (Dissertação) Mestrado em Design – Pontifícia Universidade Católica - PUC, Rio de Janeiro, 2006.

VALLI, Virgínea. *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

VELLOSO, Isabela Monken. *Pensando a moda: criadores e práticas*. (Monografia) Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte. Instituto de Artes e Design / IAD. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

ZANETTE, Paola Flores Della Pasqua. *Zuzu Angel e Ronaldo Fraga: uma relação entre moda e política*, 2010. (Monografia) Curso de Design de Moda e Tecnologia. Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo, 2010.

REFERÊNCIAS ONLINE

ANGEL, Zuzu. Grupo Tortura Nunca Mais: *Zuleika Angel Jones*. Disponível em: <<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/MDdetalhes.asp?CodMortosDesaparecidos=213&Pesq=zuzu%20angel>>. Acesso em: 05 ag. 2011.

COUCHOT, Edmond. *Reinventar o tempo na era do digital*. Disponível em: <http://utp.br/interin/EdicoesAnteriores/04/artigos/artigo_tematico_1.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2010.

DULTRA, Paula. *Moda e Literatura: Paralela Moda e Arte* traz exposição de moda inspirada em Drummond. 2011. Disponível em: <<http://subindonotelhado.com.br/moda-e-literatura.html>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

FERRAZ, Eucanaã. *Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade* – correspondência. Disponível em: <http://www.eucanaaferraz.com.br/sec_textos.php>. Acesso em: 20 jul. 2012.

FRAGA, Ronaldo. *Website*. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

_____. Blog. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/blog/>>. Acesso em: 21 jul. 2012.

_____. *Chic News*: SPFW já: moda + literatura com Ronaldo Fraga, 10 jul. 2006. Disponível em: <http://chic.ig.com.br/materias/377501-378000/377732/377732_1.html>. Acesso em: 25 abr. 2011.

_____. Entrevista concedida a *Graziela Morelli*, 2006. Disponível em: <<http://olharouvirescrever.blogspot.com/2006/04/olhar-moda-ronaldo-fraga.html>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

_____. Entrevista para o *ALMANAQUE BRASIL*, 2006. Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7575:ronaldo-fraga&catid=12960:arte&Itemid=33>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. *Roupa com história*. Entrevista concedida a Déborah de Paula Souza. Revista Claudia – jun. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_238643.shtml?func=2>. Acesso em: 20 mai. 2012.

_____. *Chic News*. Exclusivo: Ronaldo Fraga fala de sua coleção e conta a sua surpresa! Por Gloria Khallil. 17 jan. 2008. Disponível em: <http://chic.ig.com.br/materias/474001-474500/474265/474265_1.html>. Acesso em: 10 abri. 2012.

_____. *Desfile da Cultura*. Por Vitor Angelo. Revista da Cultura. Edição 15. out. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc15/index2.asp?page=moda>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

_____. Entrevista concedida para o blog *Petit-Pavé*, 2008. Disponível em: <<http://www.petitpave.com.br/blog/?p=3>>. Acesso em: 10 mai 2011.

_____. SPFW – *Modalogia*. Blog de Julia Whalman, 19 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.modalogia.com/2009/01/19/spfw-ronaldo-fraga/>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

_____. Entrevista gravada em vídeo. *IED* SP, 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=g3t6KnzczM&feature=related>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

_____. *Programa Catarina*. Matéria exibida na Parte 2. 09 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zsmXQbWTBr0&feature=related>>. Acesso em: 01 set. 2011.

_____. *Ronaldo Fraga faz história e leva “vovôs” à passarela da SPFW*. Entrevista concedida a Dolores Orosco. G1. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL962583-7084,00-RONALDO+FRAGA+FAZ+HISTORIA+E+LEVA+VOVOS+A+PASSARELA+DA+SPFW.html>>. Acesso em: 15 mai 2012.

_____. *Moda é a leitura do tempo*. Entrevista concedida para Anna Ruth Dantas. 28 mar. 2010. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ronaldo-fraga-a-moda-e-a-leitura-do-tempo/144162>>. Acesso em: 25 mai. 2012.

_____. *Rio de arte*. Entrevista concedida para Lia Hama. REVISTA TRIP, n. 194, 17 nov. 2010. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista_/194/reportagens/rio-de-arte.html#15>. Acesso em: 10 set. 2011.

_____. *Ronaldo Fraga em casa*. Entrevista concedida para Heloisa Marra, 2010. Gravação. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=5Tq-yENGjRA>. Acesso em: 03 out. 2011.

_____. *Tenho horror a criança estimulada com milhões de grifes*. Por Luis Roberto Saraiva. 2010. Disponível em: <<http://confeccaoemoda.blogspot.com.br/2010/08/tenho-horror-crianca-estimulada-com.html>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

_____. *Programa Roda Viva*. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Bloco 1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2RHZ-FvGhMI&feature=related>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

_____. *Programa Roda Viva*. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Bloco 2. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DCRhsYPGSgg&feature=relmfu>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

_____. *Programa Roda Viva*. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Bloco 3. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QsLedk5FfjU&feature=relmfu>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

_____. *Programa Roda Viva*. Apresentação: Marília Gabriela. TV Cultura. 31 jan. 2011. Bloco 4. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=j4v06H-j-7I&feature=relmfu>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

_____. *Entrevista*. Portais da Moda. 17 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~23015~n~ronaldo+fraga+ministra+>>

[oficina+de+criacao+no+5+parana+business+collection+e+da+entrevista+ao+portais+da+moda.htm](#)>. Acesso em: 03 abr. 2012.

FRAGA, Ronaldo. *Letras sobem à passarela para contar a história de um tempo*. Entrevista concedida para Marcia Lima. Portal da cultura paraense. Secretaria de Estado de Cultura, 03 set. 2011. Disponível em: <http://www.secult.pa.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=114:letras-sobem-a-passelela-para-contar-a-historia-de-um-tempo-&catid=41:noticias>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. *A moda e suas correlações com a literatura nas criações de Ronaldo Fraga*. Entrevista concedida para Leandro Borges. 04 set. 2011. Disponível em: <<http://fashionview.wordpress.com/2011/09/04/moda-e-suas-correlacoes-com-a-literatura-nas-criacoes-de-ronaldo-fraga/>>. Acesso em: 20 set. 2011.

_____. *Ronaldo Fraga e o artesanato na moda*. Blog Primeira Fila. Escrito por Monica Lucas. 2011. Disponível em: <<http://www.primeirafila.net/2011/05/01/archive.html>>. Acesso: 25 mar. 2012.

_____. *O que é ser um Transformador?* Entrevista gravada em vídeo. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4RlB5xAy6rI&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. *Premio Trip Transformadores*. Revista Trip. Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5AtI2Yj8qJM&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. *Além do traço*. Entrevista gravada em vídeo, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Q1MqoLHfQz8&feature=related>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. *As roupas que falam*. Por Julio Honaiser. 20 de jan. 2012. Disponível em: <<http://olivreiro.com.br/blog/2010-01-20-ronaldo-fraga-e-as-roupas-que-falam>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. *Revista Ícaro*. Por Cristina Ramalho, s/d. Disponível em: <<http://crisramalho.wordpress.com/perfis/ronaldo-fraga-revista-icaro/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. *Plaza na Moda entrevista*. Gravação, s/d. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gj52I4huHZo&feature=related>>. Acesso em: 10 set. 2011.

_____. *Zuzu Angel*. Por Natália Pesciotta: Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9291:quem-e-essa-mulher&catid=12960:arte&Itemid=33>. Acesso em: 25 out. 2011.

Grupo Giramundo Teatro de Bonecos. *GIZ*. Disponível em: <<http://www.giramundo.org/teatro/giz.html>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

INSTITUTO ZUZU ANGEL. *Zuzu Angel Inspira Identidade e Poesia na moda brasileira*. Disponível em: <<http://www.zuzuangel.com.br/html/zuzu.asp>>. Acesso em: 25 abri. 2011.

Jornal Estadão. *Morre Álvaro Apocalypse, fundador do Giramundo* – Caderno 2 - 9 Set. 2003. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2003/not20030909p2304.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

MARMO Adriana. *A história de Zuzu Angel*. MANEQUIM. Disponível em: <<http://manequim.abril.com.br/moda/historia-damoda/historia-da-moda-277942.shtml?page=page2>>. Acesso em: 25 set. 2011.

MELLO, Heitor Ferraz. *Drummond, o antibusto*. Revista Cult. Ed. 62. mar. 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03_drummond-o-antibusto/>. Acesso em: 01 jul. 2012.

Ministério da Cultura. *Ronaldo Fraga é o primeiro representante da moda a receber prêmio cultural do governo*. 07 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/07/ronaldo-fraga-e-o-primeiro-representante-da-moda-a-receber-premio-cultural-do-governo/>>. Acesso em: 05 jul. 2011.

Museu de Arte de São Paulo: *Design Brasileiro Hoje: Fronteiras*. 2009. Participantes: Ronaldo Fraga. Disponível em: <<http://www.mam.org.br/fronteiras/swf/>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

PALOMINO, Érica. *Ronaldo Fraga*, 2001. Disponível em: <http://www.erikapalomino.com.br/moda/colecoes/colecao2.php?colecoes_id=233>. Acesso em: 25 set. 2011.

Portal da Cultura. *Reunião dos Colegiados de Moda e Cultura Popular*. 24 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/cnpc/2010/11/24/setores-de-moda-e-cultura-popular-se-encontram-em-mais-um-dia-de-reunioes-dos-colegiados-do-cnpc/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

SOUZA, Déborah de Paula. *Roupa com história*. Revista Claudia – jun. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/_conteudo_238643.shtml?func=2>. Acesso em: 20 mai. 2012.

TV UOL. Entrevista com a consultora de moda *Mariana Rocha*. 19 jan. 2005. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/bfc3becnpbdr/18-sao-paulo-fashion-week--ronaldo-fraga-040272D4A91327?types=A&>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

VICENTE, Gil. 1532; DRUMMOND de Andrade, Carlos (Adaptação). Auto da Lusitânia. *Todo mundo e ninguém*. Disponível em: <<http://autodalusitania.blogspot.com.br/2011/10/auto-da-lusitania.html>>. Acesso em: 19 jul. 2012.